

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

SIMONE GONZALES SAGRILO

**A RECEPÇÃO DE *OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO* DE ÉRICO VERÍSSIMO POR
LEITORES DA BÍBLIA**

Volume I

MARINGÁ – PR
2005

SIMONE GONZALES SAGRILO

**A RECEPÇÃO DE *OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO* DE ÉRICO VERÍSSIMO POR
LEITORES DA BÍBLIA**

Volume I

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alice Áurea
Penteado Martha

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Teixeira
de Aguiar

MARINGÁ

2005

SIMONE GONZALES SAGRILO

**A RECEPÇÃO DE *OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO* DE ÉRICO VERÍSSIMO POR
LEITORES DA BÍBLIA**

Volume.I

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em **22 de agosto de 2005**.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Alice Áurea Penteadó Martha
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -

Prof.^a Dr.^a Clarice Zamonaro Cortez
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof.^a Dr.^a Neusa Ceciliato de Carvalho
Universidade Estadual de Londrina/ UEL - PR

Dedico este trabalho

Aos meus pais, Melchior e Lourdes. Semearam e não viram a árvore, mas as flores exalam perfumes de gratidão as suas memórias.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha família, pela paciência, incentivo e carinho.

À prof. Dra. Alice Áurea Penteado Martha, pela orientação, mais que profissional, humana.

À prof. Dra. Vera Teixeira de Aguiar, por sua colaboração preciosa na co-orientação da realização deste trabalho.

A todos os meus companheiros de turma, pela convivência agradável nos momentos difíceis.

Às comunidades que, gentilmente, colaboraram ao participar com a realização das atividades programadas.

A todos que não se opuseram.

À vida.

A RECEPÇÃO DE *OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO* DE ÉRICO VERÍSSIMO POR LEITORES DA BÍBLIA

A leitura é um tema atual e aberto a discussões. Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos em torno dessa habilidade e várias categorias de leitores já foram contempladas em diversos estudos. Seja sob a abordagem lingüística, literária, sociológica, psicológica ou de outra natureza, ela sempre surge como necessidade relacionada à maneira de o homem ver e de se expressar diante do mundo. O presente estudo está centrado em comunidades leitoras da Bíblia, investiga a influência que a leitura desse livro pode exercer sobre a escolha de outras leituras e indaga sobre a recepção de *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, nas comunidades eleitas como *corpus* da pesquisa. Os registros foram obtidos por meio de dois questionários, sendo um de caráter sócio-econômico e outro que levanta as impressões de leitura a respeito da obra literária sugerida a três comunidades. Elas são compostas de católicos e evangélicos, pertencentes a municípios de pequeno porte no Norte do Paraná. O estudo foi desenvolvido com o suporte teórico da Sociologia da Leitura, da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito Literário. Além da análise dos registros, fez-se necessária, também, uma leitura da narrativa de Veríssimo pela pesquisadora. Essa leitura revelou que *Olhai os lírios do campo* possibilita ao leitor muitos “espaços” que oportunizam sua entrada e construção do significado, mostrando-se aberta a várias possibilidades, de acordo com os horizontes, experiências, vivências e possibilidades, imanentes à estrutura textual. A obra sugerida para leitura foi bem aceita pelas comunidades, embora o pouco convívio destas com a literatura tenha ocasionado uma recepção que não ultrapassou o nível da incorporação das vivências e experiências, com exceção de dois leitores que observaram aspectos do nível estético. A pesquisa revelou que a Bíblia não media outras leituras que não sejam de caráter religioso e informativo. Os leitores do *corpus* da pesquisa foram levados ao encontro da literatura por meio da mediação exercida na família, em contato direto com os livros na escola, como também, na biblioteca.

Palavras-chave: Leitura; Recepção; Leitura da Bíblia; Érico Veríssimo; *Olhai os lírios do campo*.

THE RECEPTION OF ERICO VERÍSSIMO'S *OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO* BY BIBLE READERS

Reading is an extremely current and much discussed theme. Much research has been developed on this subject with several types of readers being focused upon. Seen from the linguistic, literary, sociological, psychological or any other point of view, reading always emerges as a necessity related to the way the human being sees himself and expresses himself in his environment. Current research focuses on Bible-reading communities and investigates how the reading of the Bible affects the choice of other readings. It always analyzes the reception of Erico Veríssimo's *Olhai os lírios do campo* [Consider the lilies of the field] in communities specially chosen for current research. Registers have been collected in two surveys: whereas the first is a social and economical survey, the other analyzes reading impressions on the novel suggested to three communities. The latter are made up of Catholics and Protestants, living in a small town in the north of the state of Paraná, Brazil. Analysis has been theoretically unpinned by the Sociology of Reading, Reception Theory and the Literary Effect Theory. Besides the registers' analysis, a reading of Veríssimo's novel was undertaken by the researcher. Reading showed that the novel gave the reader many opportunities to construct meaning, various openings to possibilities of reading according to the horizons, experiences, life history and manners immanent to the textual structure. The novel was well accepted by the communities even though the slight contact of these communities with literature produced a reception that did not go beyond the level of experiences. Two readers who somewhat hinted on aspects at the aesthetic level were the only exception. Research showed that the Bible failed to mediate other readings, with the exception of the religious or information type. Readers of the research corpus were led to an encounter with literature through the mediation of the family, in direct contact with books within the environment of the school and the library.

Key words: reading; reception; Bible's reading; Érico Veríssimo; *Olhai os lírios do campo*.

LISTA DE ABRAVIATURAS E SÍMBOLOS

CA	Comunidade Adventista
CC	Comunidade Católica
CAD	Comunidade Assembléia de Deus
CERIS	Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
FAP	Faculdade Adventista Paranaense
IAP	Instituto Adventista Paranaense
UEM	Universidade Estadual de Maringá
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: RECONHECIMENTO DO CAMPO	11
1 CAMINHOS TRILHADOS	19
1.1 As comunidades religiosas	19
1.2 O estudo – metodologia	22
2 CAMPOS FÉRTEIS	30
2.1 Sociologia da Leitura	30
2.2 Hans Robert Jauss e a Estética da Recepção	41
2.3 Wolfgang Iser e a Teoria do Efeito	46
3 UMA VISÃO DOS LÍRIOS	56
3.1 O caule da questão	58
3.2 Nos campos do tempo e do espaço	62
3.3 A natureza nos campos	67
3.4 Portas de entrada	72
3.5 Literatura e religiosidade	79
4 PERFIL DO CAMPO	82
4.1 Levantamento dos registros	82
4.1.1 Os registros da CD	82
4.1.2 Os registros da CC	88

4.1.3 Os registros da CA	92
4.2 Considerações sobre as comunidades	100
5 ENCONTRO COM OS LÍRIOS	101
5.1 A recepção sobre a ótica dos leitores	101
5.1.1 A recepção da CD	101
5.1.2 A recepção da CC	106
5.1.3 A recepção da CA	112
5.2 Espelhos	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS: SAÍDA DO CAMPO	122
REFERÊNCIAS	126

INTRODUÇÃO: RECONHECIMENTO DO CAMPO

A leitura é, constantemente, um tema atual e aberto a discussões. Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos em torno dessa habilidade e várias categorias de leitores já foram contempladas em diversos estudos. Seja sob a abordagem lingüística, literária, sociológica, psicológica ou de qualquer outra natureza, ela sempre surge como necessidade relacionada à maneira de o homem ver o mundo e se expressar diante dele e é condição indispensável para a formação do indivíduo em sua totalidade.

Muitas contribuições provenientes de estudos realizados com leitores - como as pesquisas de Robert Darton (in: CHARTIER, 2001) em relação a um leitor do século XVIII, de Michèle Petit (1999) e as comunidades de jovens leitores de bairros pobres de Paris, de Charles Sarland (2003) e seus leitores de diferentes idades e camadas sociais, do sexo masculino e feminino - somente para dar alguns exemplos, apontam para um fato em comum apesar dos diferentes enfoques: a leitura diferencia o indivíduo entre os demais, facilita a ele o reconhecimento do mundo e dos outros e auxilia no seu próprio reconhecimento diante do mundo, ao antecipar experiências e expectativas.

Todas as modalidades de leitura, informativas ou de ficção, impressas ou virtuais, podem contribuir para que o leitor alcance essa diferença e esse reconhecimento diante das outras pessoas. No entanto, segundo Antonio Candido, somente a leitura literária pode conceder ao homem a humanização, porque a fantasia nunca é pura, mas está se referindo constantemente a alguma realidade (1972). No momento da leitura, é possível que ocorra uma identificação com o escrito ou um estranhamento que venha a proporcionar algum questionamento e até mesmo uma reorganização do mundo interior de quem se dispõe a mergulhar num texto literário. Essa experiência é acrescentada às “reais” vividas pelo leitor, é uma incursão dentro de si próprio por

meio das idéias e palavras de outro. Esse processo contribui para a constituição da humanidade do leitor, na visão de Candido.

Do reconhecimento da importância presencial da Literatura na formação do leitor, surgiu a idéia deste trabalho. Paralelamente, um fator social contribuiu para a formulação do problema da pesquisa: o aumento do número de pessoas que se intitulam crentes ou protestantes, como também o crescimento dos leitores da Bíblia dentro da Igreja Católica, no seu mais recente seguimento, denominado Carismático.

Ao analisar dados coletados pelo Censo Demográfico sobre as comunidades religiosas atuantes no Brasil, de 1970, até os dias atuais, uma particularidade chamou a atenção: verificou-se um significativo aumento no número de pessoas que passaram a se intitular protestantes ou crentes. Em 1970, a Igreja Católica possuía uma população declarante de 91,8% da população total do país, hoje, esse número caiu para 73,9%. Em contrapartida, os evangélicos, que representavam 5,2% em 1970, no Censo de 2000, saltaram para 15,6% da população. Os recenseamentos de 1980, 1991 e 2000 mostram que a população foi repartida em quatro grandes grupos: católicos, evangélicos de missão, evangélicos pentecostais e sem religião (JABOB, 2003). Esse movimento religioso deslocou um grande número de pessoas da Igreja Católica para outras denominações, gerando uma “contra-reforma” na história da igreja atual. Aflorou, dentro dela, um movimento denominado carismático que se aproxima, em alguns pontos, das denominações consideradas pentecostais.

Dessa forma, a Bíblia passou a fazer parte da vida de um número maior de pessoas e continua em primeiro lugar no *ranking* de livro mais lido e mais vendido no mundo (ZILBERMAN e LAJOLO, 2001). Fato ligado diretamente a esse é o aumento do número de leitores dessa modalidade de leitura.

Assim, no que concerne às discussões sobre leitura e formação de leitor, essa modalidade, que se destaca como uma iniciativa pessoal e coletiva, despertou o interesse para o estudo ora proposto, considerando que essa prática envolve um grande número de adeptos.

A Bíblia é considerada o livro sagrado das religiões cristãs, fonte de sabedoria e de instrução para os homens. Mas, colocando à parte o caráter sacro atribuído a essa obra, ela também pode ser considerada uma rica fonte de narrativas, à qual muitos autores já recorreram e na qual encontraram inspiração para compor suas obras. As próprias histórias bíblicas já foram, inúmeras vezes, reescritas e reeditadas sob a forma de livros, filmes para cinema e TV e desenhos animados, de forma que, dificilmente, alguém, pelo menos aqui no mundo ocidental, desconheça completamente tais narrativas. Diante dos fatos relacionados, parecem ser pertinentes as perguntas:

- Como a leitura das narrativas que compõem os diversos livros da Bíblia pode incentivar outras leituras?
- Se entre essas outras leituras a literatura é lida, com que frequência?
- Como se dá a recepção de uma obra literária entre aqueles considerados leitores da Bíblia?

Muito já foi feito a respeito da leitura, especialmente se forem consideradas as pesquisas acadêmicas que têm tomado como referência o espaço escolar. Estudiosos se debruçaram sobre várias modalidades de leitura – do aluno, do professor, do bibliotecário – fato que tem gerado artigos, livros, fomentado discussões em simpósios, congressos e mesas-redondas. As pesquisas disseminam-se nas academias por todo o país envolvendo teóricos nacionais e internacionais. Situação que confere à leitura um lugar reconhecidamente importante nos estudos atuais por representar um papel crucial na integridade da formação humana. De acordo com Foucault:

Ser leitor é saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa, [...] possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico (1994, p. 30).

Se, no âmbito das leituras escolares, muito já foi dito, as situações de leitura em espaço não escolar começam a ser contempladas graças à abertura concedida pelos estudos da Sociologia da Leitura. E, apesar de todas as pesquisas, esse hábito sempre será um assunto a ser discutido porque os tempos e as concepções mudam de acordo com o modo como os homens se relacionam com seu momento histórico. Segundo Zilberman, é necessário entender que “a leitura extravasa a ciência que a engloba, rompendo seus limites e propondo outros” (2001, 79).

A leitura da Bíblia se mostra como uma modalidade muito praticada, um fato relevante por não estar veiculada à escola, que ainda é uma das grandes mediadoras de leitura. Levando em consideração o número atual de leitores desse livro, parece importante delinear quais são as preferências que norteiam o consumo de obras por esse público específico.

Da mesma forma, o estudo da recepção de uma obra literária, dentro desse grupo de leitores, pode fornecer subsídios para esboços comparativos com outros grupos, para questionamentos, talvez, até, para surpresas! E, ainda, para acrescentar aos estudos da teoria da recepção mais esse enfoque singular.

Muitos estudos envolvem diretamente a Bíblia como objeto de pesquisa nas áreas de Teologia e Ciências da Religião. Em outras áreas, esse livro também tem sido referência para o desenvolvimento de alguns trabalhos.

Em História, Gilmário Moreira Brito realizou uma pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1997, que tratou de um movimento religioso intitulado de Pau de Colher, que ocorreu na Bahia entre 1934 e 1938. Brito enfocou esse movimento popular no que

concerne à circulação de textos e mensagens bíblicas veiculadas pelos capuchinhos e por beatos, na tensão entre uma cultura letrada e outra oral.

De uma forma mais comum, a Bíblia tem sido utilizada como aparato teórico nos estudos literários para auxiliar na interpretação de obras. Vania Cristina Alexandrino Bernardo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Letras Vernáculas, realizou, em 1998, a análise de obras de Adélia Prado propondo uma leitura da Bíblia a partir delas.

Vânia Aparecida Costa Dias, no Mestrado em Educação da Universidade de Minas Gerais, em 1999, desenvolveu uma pesquisa sobre as práticas de leitura de professoras de comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha. Nesse estudo, constatou que a Bíblia figura entre as leituras praticadas e ocupa o lugar da revelação, cumprindo a função social da leitura mediada pela igreja Católica. Outra instituição que demarca o valor da leitura para o grupo estudado é a escola.

Atualmente, o CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, sediado no Rio de Janeiro, tem se debruçado sobre o tema “religiões”. Silvia Regina Alves Fernandes é uma pesquisadora dessa entidade e tem realizado vários estudos sobre o tema. Sua dissertação, concluída em 1999, *Vinho novo em odres velhos? Uma análise Religiosa feminina na modernidade contemporânea*, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, trata da vida religiosa feminina frente à modernidade contemporânea. Nesse estudo, a pesquisadora interpreta, com o apoio teórico da Análise do Discurso, algumas questões relacionadas à vida de religiosas dedicadas ao catolicismo, como as razões para o ingresso na vida religiosa; o motivo que conduz, hoje, ao declínio das vocações; como se dá a construção da identidade de uma religiosa na atualidade e a vivência da feminilidade.

Sobre religião, muito se tem dito ultimamente, com o crescimento de outras denominações que vieram disputar espaço com o catolicismo no Brasil. O próprio CERIS, uma

entidade ligada à CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –, de uma forma geral, tem se preocupado com questões que expliquem os motivos pelos quais a igreja Católica vem perdendo um número significativo de seguidores para as outras denominações.

Contudo, esta pesquisa não se aterá à questão da migração religiosa entre as igrejas, mas ao aspecto aqui pertinente. O número de leitores “bíblicos” cresceu significativamente e constituiu um público de diversas origens, com níveis sociais, econômicos, escolaridade, idade e sexo diferentes, que possui em comum uma modalidade de leitura.

Como a Sociologia da Leitura é ainda um campo muito fértil para ser trabalhado, há uma carência de estudos que se dediquem a questões de leitores da Bíblia e sua receptividade para a literatura. Todos os estudos acima relacionados trazem enfoques distintos e nenhum deles faz menção à recepção de uma obra literária por esse público em particular. Sarland (2003), numa discussão sobre cânone literário, argumenta que o atrativo que a autoridade bíblica tem, da mesma forma que as outras modalidades de leituras populares, aponta para uma nova área de investigação que pode oferecer respostas interessantes.

Se um dos objetivos da Sociologia da Leitura é, de acordo com Zilberman (2001, p. 77), lidar “prioritariamente com as publicações consumidas, sobretudo pela classe trabalhadora”, a leitura da Bíblia é uma modalidade que carece de estudos, pois grande parte desses leitores pode ser encontrada nessa classe social, principalmente os pentecostais. De modo geral, esses leitores caracterizam-se por serem urbanos, mais mulheres do que homens, mais crianças e jovens que adultos, mais negros, pardos e indígenas do que brancos, com nível de formação intelectual elementar, atividade econômica voltada para “serviços pessoais”, com ou sem carteira de trabalho, que resulta numa remuneração de até três salários mínimos, somente, de acordo com o *Atlas da afiliação religiosa e indicadores sociais no Brasil*, (2003).

Esses fatores demonstram a importância da contribuição a que se propõe este estudo, tanto para as pesquisas em Sociologia da Leitura como em estudos literários, no que se refere à recepção de uma obra literária em uma determinada comunidade leitora, ou seja, a de leitores da Bíblia.

Considerando o contexto exposto, a pesquisa propõe-se a, num primeiro plano, verificar se a leitura da Bíblia pode propiciar a leitura literária. Para alcançar esse objetivo, outros devem ser buscados. O estudo pretende aprofundar leituras sobre as concepções de leitor, leitura, literatura, mediadores de leitura e recepção do texto literário; verificar que outras leituras, além da Bíblia, fazem os indivíduos pesquisados, pertencentes a comunidades religiosas, Adventista, Assembléia de Deus e Católica; levantar as preferências de leituras entre os grupos pesquisados; apontar uma possibilidade de leitura de *Olhai os lírios do campo*; propor a leitura da narrativa literária ao público alvo da pesquisa; e, finalmente, descrever e analisar a recepção da obra acima mencionada.

O trabalho está constituído, além da introdução e considerações finais, por mais cinco capítulos. O primeiro, *Caminhos trilhados*, trata dos encaminhamentos metodológicos desenvolvidos para a realização do estudo, enfocando a natureza e as características da pesquisa qualitativa–interpretativa, a descrição das comunidades selecionadas para o estudo e dos instrumentos de pesquisa – questionários – utilizados na coleta dos registros.

O capítulo II, intitulado *Campos férteis*, refere-se à teoria que serviu de apoio à realização do estudo. Foi dividido em três partes. Primeiramente, são feitas considerações sobre a Sociologia da Leitura, na seqüência, são revistas as teorias de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, respectivamente, a Estética da Recepção e a Teoria do Efeito Literário.

O capítulo III, *Uma visão dos lírios*, traz uma leitura da obra literária *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo. Como não se pretende esgotar as possibilidades de leitura da obra, mas revelar caminhos para a sua fruição, foram levados em conta apenas a fábula da narrativa e algumas marcas textuais que servem de portas de entrada para o leitor. Foram estudados aspectos do tempo, do espaço, da combinação entre elementos da natureza e a subjetividade do protagonista, bem como marcas textuais que podem possibilitar a identificação do leitor com a obra, e, uma breve discussão sobre a possível religiosidade presente na narrativa.

O capítulo IV, *Perfil do campo*, refere-se à análise dos registros obtidos por meio do primeiro questionário encaminhado aos entrevistados das comunidades pesquisadas: a Comunidade Adventista, a Comunidade Assembléia de Deus e a Comunidade Católica.

O último capítulo, *Encontro com os lírios*, analisa a recepção da obra literária *Olhai os lírios do campo*, pelos componentes das comunidades acima mencionadas.

As considerações finais trazem um esboço dos resultados obtidos com a pesquisa, que não podem ser intitulados como conclusões, mas, apenas, uma *Saída do campo*, porque muitos estudos ainda podem ser desenvolvidos com relação à leitura e aos leitores, inclusive, dessa mesma obra.

Capítulo 1

CAMINHOS TRILHADOS

Em concordância com Marilda Cavalcanti (1990, p. 47), “o tipo de pesquisa depende do tipo de problema em questão”. Para abordar o problema proposto, optou-se pelo encaminhamento metodológico qualitativo–interpretativo, com o qual foram analisadas a formação de leitores a partir da leitura bíblica e a recepção da literatura em comunidades de leitores da Bíblia.

Primeiramente, abre-se um espaço para designar as comunidades nas quais foi realizada a pesquisa.

1.1. As comunidades religiosas

Dentro dos grupos religiosos catalogados pelo Censo e descritos por Jacob (2003), o estudo enfocou a Igreja Católica no seu seguimento carismático. Entre os evangélicos de missão ou tradicionais, a igreja Adventista, localizada no município de Ivatuba - Paraná, assim como a comunidade Católica. E entre os evangélicos pentecostais, a Assembléia de Deus, do município de Dr. Camargo.

As duas primeiras têm uma grande representatividade dentro do seu município, a segunda, inclusive, tem uma escola de caráter interno, localizada em espaço rural, que compreende desde o ensino fundamental ao ensino superior. A comunidade Adventista possui também uma igreja no município de Ivatuba. No entanto, devido ao número de membros, optou-se pelo espaço da escola, onde se localiza uma unidade com um número maior de fiéis. Quanto à Assembléia de Deus, apesar de também possuir uma unidade no município de Ivatuba, não registra um número significativo de membros que possa constituir um *corpus* satisfatório para a pesquisa, motivo

pelo qual optou-se pelo município de Dr. Camargo, cidade vizinha, que agrega uma congregação maior dessa denominação.

Os municípios estão localizados ao norte do Estado do Paraná, Ivatuba tem uma média de 3.000 habitantes e Dr. Camargo, aproximadamente, 10.000. A atividade econômica de ambas é, predominantemente, a agricultura. Nesta última, o comércio também tem uma grande representatividade, porém, nas duas, não há nenhuma livraria e, na primeira, nem biblioteca municipal. Vale ressaltar que a comunidade adventista não faz uso dos recursos educacionais do município de Ivatuba. Um dos motivos é o fato de ser uma comunidade rural, ou, pelo menos, afastada do município e, ainda, em virtude da escola que possui, essa comunidade comporta uma ampla e moderna biblioteca em suas dependências, localizada no prédio que agrega os cursos oferecidos pela Faculdade Adventista Paranaense. Além do acervo bibliográfico, a biblioteca conta com computadores com acesso à internet para uso dos estudantes. De acordo com o objetivo deste estudo, não foram recolhidos registros sobre as normas de funcionamento da biblioteca. A descrição ora realizada é proveniente de uma visita orientada por uma das estudantes da instituição, para o pedido de permissão para realização da pesquisa.

O motivo da escolha dessas denominações, e não de outras, entre os grupos não é aleatório. Entre os evangélicos de missão, a igreja Adventista é a segunda com o maior número de membros catalogados pelo censo de 2000, e o fato de possuir uma comunidade com significativa representação dentro do município fez com que fosse selecionada para o estudo. Vale acrescentar que pertence a um município de pequeno porte, perfil escolhido para a pesquisa, com aproximadamente cento e sessenta membros registrados. A igreja está localizada ao lado da escola, um amplo templo que se avista logo na entrada das dependências da comunidade.

A igreja Assembléia de Deus é a primeira em número de adeptos entre as denominadas Pentecostais no Brasil, fato que a tornou um dos alvos do estudo. A comunidade selecionada, como a anterior, pertence a um município de pequeno porte, no caso, Dr. Camargo, possui representatividade dentro do seu município e está sediada no centro da cidade. Conta atualmente com 70 membros, informação fornecida pelo líder da igreja.

A comunidade Católica, principalmente no seu segmento carismático, vem dando um maior destaque à prática da leitura bíblica, além disso, é a maior comunidade denominada cristã no Brasil. Da mesma maneira, agrega a maioria das pessoas que se intitulam cristãos na pequena cidade de Ivatuba, onde está localizada a comunidade pesquisada, cujo número de membros não pode ser determinado com exatidão. Como a comunidade anterior, também está localizada no centro da cidade.

De acordo com uma pesquisa realizada pelas lideranças da igreja, em 2000, com base em registros de nascimento e casamento, 1.925 pessoas foram catalogadas como católicas no município de Ivatuba. No entanto, o secretário que forneceu essas informações, alegou não ser possível determinar o número exato dessas 1.925 que freqüentam a igreja.

É pertinente mencionar que o trabalho foi desenvolvido com os participantes das comunidades citadas, leitores assíduos da Bíblia, com idade acima de quatorze anos. A idade indicada como limite mínimo para a participação na pesquisa decorre daquela apontada por Bordini & Aguiar (1993). Nessa pesquisa, as autoras consideram os leitores mais maduros a partir dessa idade ou em desenvolvimento da compreensão da esfera lítero-estética. Na iminência da adesão de algum leitor adolescente à pesquisa, acreditou-se ser essa idade adequada, pois, de acordo com Bordini & Aguiar (1993), os leitores dessa idade em diante se interessam por aventuras de conteúdo intelectual, viagens, romances históricos e biográficos, histórias de amor,

literatura engajada e temas relacionados aos interesses vocacionais. *Olhai os lírios do campo* narra a história de amor de Olívia e Eugênio e também uma parte da vida deste.

Doravante, as comunidades serão identificadas pelas siglas: CA, para a comunidade Adventista, CAD, para a comunidade da igreja Assembléia de Deus, e CC, para a comunidade Católica.

1.2. O estudo – metodologia

Erickson (1996), tratando do professor como investigador, define como deve ser embasada uma pesquisa interpretativa, ou seja, ela “se centra nos aspectos específicos do significado e da ação da vida social que se desenvolve em cenas concretas da interação face a face na sociedade que rodeia a cena da ação”.¹ Considerações que se fazem pertinentes para a presente pesquisa porque ela representa mais um estudo da leitura em um dos seus aspectos sociais, em comunidades leitoras de uma determinada modalidade e sua possível influência sobre outras leituras.

Para a realização da pesquisa sob o amparo metodológico selecionado, foram estabelecidos alguns procedimentos. Primeiramente, as comunidades religiosas foram consultadas e deram permissão e liberdade para o desenvolvimento da pesquisa. Em segundo lugar, os registros ou dados obtidos junto a essas comunidades foram selecionados para a realização do terceiro passo: a análise documental, amparada por teorias de suporte literário, que possibilitaram o encaminhamento e a discussão das questões a que se propôs este estudo.

¹ “se centra en los aspectos específicos del significado y la acción de la vida social que se desarrolla en escenas concretas de interacción cara a cara y en la sociedad que rodea a la escena de la acción”. Tradução livre da autora a partir da versão espanhola: ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTROCK, M.C. *La investigación de la enseñanza, II: metodos cualitativos e de observación*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996, p. 289 / 290.

O contato com as comunidades, para a concessão da liberdade, permissão, e conseqüente colaboração com a pesquisa, foi feito em janeiro de 2004, mais especificamente, na segunda quinzena. As três comunidades contatadas, representadas por seus líderes (Padre e Pastores), mostraram-se solícitas à pesquisa.

Um primeiro questionário de caráter sócio-econômico e cultural foi encaminhado às comunidades estudadas a fim de se obter um conhecimento prévio dessas condições. O questionário levantou aspectos relacionados à história de leitura dos indivíduos, suas preferências, freqüência dessa prática e a possível influência que a leitura da Bíblia pode trazer para a realização de outras leituras. A análise desses registros está sistematizada no capítulo quatro.

Essa etapa teve início na segunda quinzena de abril de 2004 com a entrega de dez questionários para cada comunidade pesquisada, que teria um mês para devolvê-los. Somente no começo de junho os registros puderam ser recolhidos nas três comunidades, retornando nas seguintes proporções: na comunidade da Assembléia de Deus, 90%; na comunidade Católica, 80%; e, na comunidade Adventista, 50%, com os primeiros respondentes, e, no final de fevereiro, 100%, com o outro grupo. Faz-se necessária uma explicação: na CA, a obtenção dos registros não aconteceu da mesma forma como nas outras comunidades. O primeiro grupo de colaboradores, acima citados, somente cumpriu a primeira etapa, o segundo questionário não foi respondido e entregue por eles, dessa forma, comprometendo a segunda etapa da pesquisa. Mediante o fato, outras pessoas da comunidade se propuseram a colaborar com o estudo, elas foram contatadas tendo a secretária direta do diretor do complexo educacional do IAP como mediadora desse processo. Devido a uma transferência, essa secretária passou a função de intermediária para outra funcionária: a organizadora da página da instituição na *internet*. No final desse processo, as respostas chegaram até a pesquisadora no final do mês de fevereiro de 2005. Nesse novo *corpus*,

três leitores participaram das duas etapas do estudo, destinadas a eles. O tempo foi um fator decisivo para a determinação do número de pessoas que responderiam aos questionários. Alguns motivos se mostraram definitivos para essa decisão. Um deles foi para que os registros pudessem ser analisados com mais rapidez. Outro, porque, durante o período de férias, a maioria das pessoas dessa comunidade viaja, devido ao caráter de semi-internato da escola que abriga. Muitos professores e, principalmente, alunos têm família em outros municípios e se ausentam nesse período.

Houve também dificuldades em encontrar novos exemplares da obra oferecida para leitura, uma vez que os leitores do primeiro grupo não as devolveram. Dessa forma, foram emprestados três exemplares da CC, que já havia realizado essa etapa.

O número de respostas obtidas em cada comunidade parece estar diretamente relacionado aos agentes que intermediaram o encaminhamento dos questionários. Na comunidade Assembléia de Deus, o próprio Pastor desempenhou esse papel, como manteve um contato mais próximo com os entrevistados, obteve um maior número de adesão à pesquisa, nove, entre dez. Na CC, quem intermediou o processo foi o secretário da igreja, que, apesar de empenhar-se para que os dez formulários fossem respondidos, alcançou o total de oito, dois dos respondentes não entregaram nem na data combinada, nem depois. O intermediário do primeiro grupo da CA foi a coordenadora do Ensino Médio e, os respondentes, alunos da escola pertencente à comunidade, somente cinco questionários retornaram. Mesmo com apenas 50% do esperado, optou-se por permanecer com o mesmo grupo, pois seriam oferecidas quatro obras para a leitura e realização da segunda etapa. Somente mediante o fracasso desse grupo, na segunda etapa, foi organizado um novo grupo, mediado por duas funcionárias, como acima descrito.

O primeiro questionário encaminhado às comunidades tem a seguinte estrutura: a primeira questão está direcionada à identificação e ao grau de escolaridade do respondente; as seis

questões seguintes da segunda parte buscam informações sobre a família: profissão, formação escolar e nível de escolaridade, recursos tecnológicos, bem como lembranças de leitura de alguns dos familiares e objetos de leitura que possuíam em casa.

A terceira parte do questionário contém sete perguntas e investiga sobre a infância do respondente: o que ele gostava de fazer, histórias ouvidas na infância, quem as contava, quais sensações e sentimentos causavam, e, também, sobre as histórias lidas (quais, do que tratavam e a quem pertenciam os livros).

A quarta parte do questionário contém dez perguntas e busca registros sobre a atualidade do leitor “bíblico”: se ainda estuda, a importância das leituras que realiza, onde busca o material para realizá-las, quais são as preferências, quais leituras realizou provenientes dessas fontes, o motivo da realização dessas leituras. O questionário, nesta parte, ainda, busca registros de algum livro que o leitor tenha preferência, que recomendaria a alguém e que argumentos utilizaria a favor desse livro; da mesma forma, algum livro que tenha lido e que não recomendaria. E mais, quais gêneros de leitura esse leitor gostaria de encontrar em sua fonte de pesquisa.

A quinta parte, composta por vinte e sete questões, busca registros sobre o relacionamento do leitor com a Bíblia. Quais são suas primeiras lembranças em relação a esse livro em casa, que lembranças tem do seu primeiro contato com ele e quem foi responsável por esse contato. Na atualidade, quantas Bíblias tem em casa, em que lugar as guarda. Além do respondente, quem mais as lê na família, como são realizadas as leituras, com que frequência e em que período do dia. Em seguida, as questões estão direcionadas para o uso da Bíblia na igreja: se a leva para acompanhar as leituras, se considera importante a leitura realizada pelo líder religioso, se relê os textos abordados depois das cerimônias religiosas. O questionário ainda investiga a atuação do respondente na igreja: se exerce algum cargo, se esse cargo exige algum tipo de leitura específica, se lê durante as cerimônias, se há uma preparação anterior para essas leituras. Com relação à

Bíblia, qual o livro e os personagens preferidos, se a leitura desse livro desperta para a necessidade de outras e de que natureza elas são. Ainda, se, em alguma de suas leituras e outras que tenha realizado, conseguiu estabelecer alguma relação com as histórias e personagens da Bíblia.

Esse questionário tem por meta levantar registros de caráter sócio-econômico e cultural dos componentes das comunidades selecionadas para a pesquisa. Diante disso, à luz da Sociologia da Leitura, esses dados conduzem para uma interpretação de como essas condições podem, ou não, serem importantes na formação de leitores.

No momento em que foram recolhidos os primeiros registros já mencionados, ofereceram-se, às três comunidades, quatro exemplares da obra literária *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo. O líder ou responsável das comunidades, que acompanhou o recolhimento dos registros, procedeu ao encaminhamento da leitura entre os respondentes da pesquisa, de acordo com a disponibilidade deles para a realização dessa etapa do estudo. O tempo estipulado foi de aproximadamente dois meses (junho e julho de 2004). No entanto, o segundo questionário que analisa essa etapa do trabalho, somente foi entregue na primeira quinzena do mês de setembro devido ao fato de os oito respondentes da Comunidade Católica terem realizado a leitura e disporem de apenas quatro exemplares. O secretário dessa comunidade encaminhou o texto literário para os oito, o que retardou o encaminhamento do segundo questionário para a citada comunidade e para as outras, visto que havia preferência para realizar as etapas da pesquisa, de forma simultânea, nas três comunidades.

A etapa que se refere à leitura da obra proposta foi a que apresentou maior dificuldade. Apesar do tempo oferecido – dois meses – os respondentes das três comunidades não conseguiram cumprir essa parte da pesquisa em tempo hábil, apesar de ter sido oferecido um exemplar para cada um dos leitores que se propuseram a realizar essa etapa. No caso da CC, o

secretário da igreja se propôs a encaminhar a leitura aos oito leitores da Bíblia que responderam ao primeiro questionário, como já citado.

Após essa etapa, que foi encerrada em outubro, os leitores tiveram um total de quatro meses de tempo para a leitura. Mesmo assim, não houve uma adesão total a essa fase da pesquisa pelos quatro representantes de cada comunidade, como havia sido proposto e acordado com os três líderes responsáveis pelo encaminhamento da pesquisa.

Em novembro, o segundo questionário foi encaminhado para verificar como se deu a recepção de *Olhai os lírios do campo* nessas comunidades representadas pelos leitores que se propuseram a ler e cumprir essa etapa. Até aqui, os representantes da CA ainda são os pertencentes ao primeiro grupo descrito acima. O segundo grupo realizou as duas etapas em menos de dois meses.

Este questionário é composto por vinte e três perguntas que oferecem registros sobre as impressões de leitura a respeito da obra. Está estruturado da seguinte maneira: após a identificação, busca-se levantar que conhecimentos o leitor já tinha dessa obra e do autor; em seguida, pede-se que o leitor selecione e copie um trecho do texto de que mais tenha gostado. Uma das questões busca aproximar o leitor da obra e solicita que ele mencione um personagem que se pareça com ele (se houver) e pede que indique as características que os aproxima. Da mesma forma, se algum personagem se parece com alguma pessoa que ele conheça e o porquê. Também é solicitado que o respondente aponte o personagem do qual tenha gostado mais e do que não tenha gostado, sempre justificando sua escolha.

Sobre a história, o questionário pede que o leitor indique o assunto que o faz lembrar de algum episódio de sua vida, se a história vivida pelos personagens o ajuda a compreender melhor os acontecimentos de sua própria vida. Nessa parte ainda, sobre a história, o leitor seleciona uma situação vivida por algum dos personagens que tenha considerado muito interessante e indica

quais características próprias o ajudaram a resolver a situação. Nessa etapa, o leitor opina sobre uma outra forma de resolver a situação mencionada, de acordo com as características do personagem e também como resolveria se ele fosse o personagem.

Quanto à leitura da obra, as questões conduzem o leitor a expressar suas opiniões sobre a linguagem em que está escrita e sua contextualização e sobre a atualidade da história que a narrativa traz.

As últimas questões procuram estabelecer um elo de ligação entre *Olhai os lírios do campo* e a Bíblia. O questionário busca verificar se o leitor estabelece essa relação, desde o título até os fatos e situações lidas, bem como com os personagens, e se eles, ou algum deles, poderiam conhecer a Bíblia. Da mesma forma, se os personagens da narrativa, ou algum deles, lembram personagens bíblicos, de acordo com suas atitudes, por exemplo, ou algum outro critério que o leitor mencionar como relevante.

A primeira comunidade a responder e devolver os questionários no começo do mês de dezembro, foi a CC, três dos quatro questionários foram devolvidos, perfazendo, assim, um total de 75%.

No final do mês de janeiro, a CAD retornou o segundo questionário, também num total de três, apresentando a mesma porcentagem que a CC. Os representantes da CAD também não responderam ao segundo questionário no tempo combinado, de forma que, apenas em janeiro de 2005, foi possível recolher esses registros para que fossem realizadas a sistematização dos dados e a análise. A CA entregou os questionários no final de fevereiro de 2005.

Além dos dois questionários trabalhados, optou-se por realizar também uma leitura da obra *Olhai os lírios do campo*, amparada principalmente pela Teoria do Efeito Literário de Wolfgang Iser e a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss. Essa leitura foi dividida em duas partes, que abordam, respectivamente, sua fábula e a menção a dois estudos realizados sobre ela

na primeira parte e, na segunda, uma análise do tempo e do espaço, elementos naturais utilizados pelo narrador que auxiliam na composição do significado, uma leitura sobre algumas alternativas de entradas do leitor no texto e uma discussão sobre literatura e religiosidade.

A partir do cruzamento dos dados do primeiro e do segundo questionários e a leitura da obra, pretende-se evitar a inadequação de provas relacionadas por Erickson (1996), para respaldar afirmações fundamentais através da triangulação.

Com os registros em mãos, o problema foi estudado visando a evidenciar a mediação exercida pela leitura da *Bíblia* em relação a outras leituras e como se deu a recepção de uma obra literária nas comunidades leitoras desse livro.

Capítulo 2

CAMPOS FÉRTEIS

Em função da presente pesquisa e seus objetivos, algumas teorias se constituem bases para o estudo do problema proposto. A pesquisa sobre a prática de uma determinada modalidade de leitura, eleita pelos grupos estudados, no caso, da Bíblia, pressupõe uma fundamentação teórica embasada na Sociologia da Leitura. Da mesma forma, a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss ampara a análise da recepção da obra literária *Olhai os Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo, sob a influência da leitura da Bíblia. A Teoria do efeito, de Wolfgang Iser também faz parte dessa esteira teórica, principalmente no capítulo que traz uma reflexão sobre a recepção da obra literária acima citada. No que diz respeito a essas teorias, mostrou-se necessário dar um enfoque mais detalhado às concepções de leitor e literatura, essenciais para fundamentar o presente estudo, no entanto, algumas considerações sobre a leitura foram discutidas basicamente para amparar o objetivo de mostrar que uma leitura pode suscitar outras.

2.1- Sociologia da leitura

Um bom leitor é alguém que evita um certo número de livros, um bom bibliotecário é um jardineiro que poda sua biblioteca, um bom arquivista seleciona aquilo que se deve refugar ao invés de armazenar. Eis aí temas inéditos de nossa época. (CHARTIER, 1999, p. 127)

A Sociologia da leitura é, na verdade, a chave de entrada para este estudo que envolve comunidades leitoras de um determinado livro, a Bíblia, e, sob sua influência, pesquisa a recepção de uma obra literária.

As comunidades, geralmente, formam redutos que guardam uma forma de interpretação singular de determinada obra. Por exemplo, a Bíblia, nas diversas denominações diferentes que fazem uso dela como livro de referência, e também obras literárias que, quando lidas na escola, de uma forma geral, sempre possuem uma leitura “direcionada”, que acaba influenciando a recepção.

Muitas são as formas pelas quais um texto pode chegar até às mãos da comunidade ou do leitor, em particular. Chartier (1999, p. 127), na epígrafe que inicia esse capítulo, aponta como tema inédito o estudo sobre os mediadores. A história literária já contemplou o autor e a obra como centros do processo da leitura, o leitor e os mediadores são os temas da atualidade. No entanto, vale sempre ressaltar que um elemento desse conjunto não existe sem o outro, a leitura é um organismo que funciona inter-relacionado e que necessita dos quatro elementos para que seja efetuado o processo da recepção.

Arnold Hauser, no quarto capítulo de sua obra *Sociologia del arte* (HAUSER, 1977, P.549-599) trata das relações entre o público, o autor e os mediadores do processo literário. A arte, como meio de comunicação, conta com a ação recíproca do criador e do leitor que, como tal, não desempenha uma ação meramente receptiva. Da mesma forma que o autor que, no momento da produção, evoca suas vivências e seus conhecimentos sobre a arte para produzi-la, o leitor, ao recebê-la, completa seu significado seguindo os mesmos passos. Como comunicação, a obra pressupõe um expectador efetivo ou hipotético que interage com o criador. Ao escrever, o autor está exposto às influências do leitor, mas, é o leitor, no contato com o produto, que sai modificado. O ato da produção e da recepção literária é um diálogo.

A recepção de uma obra de arte torna-se, porém, muitas vezes, uma tarefa difícil. Quando se trata de uma literatura de massa, o trabalho estilístico está direcionado à facilitação do entendimento, linguagem acessível, sintaxe simplificada, personagens-tipo e enredos previsíveis,

portanto, a obra é mais facilmente compreendida. O trabalho estilístico da literatura de massa, embora não canônico, pode proporcionar um processo de modificação maior no leitor que uma obra canônica que ele não tem condições de entender. Mas, se é uma obra distante no tempo, muito nova ou ricamente trabalhada, e se o leitor é ainda menos experiente, faz-se necessária a figura do mediador. É, nesse momento, que podem atuar, então, historiadores, psicólogos, sociólogos, estetas, ensaístas e o crítico de arte. O último desempenha um papel mais determinado no universo da mediação. Não existe obra de arte que chegue a um público sem algum tipo de mediação. O artista não conclui a obra, isso somente se dá com a recepção e, com o significado atribuído a partir de uma leitura, a arte vai se construir também por meio da mediação.

Pelas mediações, as obras tornam-se conhecidas, os mediadores aproximam a obra dos leitores, no entanto, para que isso se dê, muitas vezes, adaptam a obra ao gosto do público, eliminando sua estranheza, até mesmo vulgarizando-a. Nesse sentido, os mediadores distanciam a obra do público.

O crítico de arte não só se interpõe entre o autor e o público, mas também é quem “sustenta” o nome do artista. Para tanto, segundo Hauser (1977), o crítico precisa possuir sensibilidade artística a fim de reconhecer a boa obra. As várias leituras críticas são mais variações sobre uma mesma obra do que uma solução para sua interpretação total. Mesmo assim, não se sabe até que ponto elas são responsáveis pelo êxito ou fracasso de uma obra, pois a mediação pode ser feita pela mídia, por amigos ou conhecidos.

Hauser divide a crítica em jornalística e acadêmica, criadora e normativa, todas com uma única finalidade: conduzir o público ao consumo de determinadas obras. Não importando a teoria que a suporta, psicológica, sociológica ou genética, a crítica não pode deixar de lado a origem dos valores. O crítico autêntico sabe apreciar o lado técnico da obra, mas também se apóia nos

sentimentos. Quando a leitura crítica de uma obra não é desenvolvida dessa forma, pode incorrer em juízos falsos, o que já fez com que grandes obras fossem ignoradas no contexto de sua criação. Isso se deve ao fato de que, aos críticos, cabe a tarefa da análise das novas obras que, muitas vezes, chocam a opinião pelo seu aspecto de vanguarda.

Ainda segundo Hauser, o papel do mediador surgiu com o Romantismo, quando o crítico fez de suas impressões pessoais um objeto valorativo, de acordo com a sociedade capitalista, que encontrou formas de tornar todo trabalho, uma atividade remunerada. As primeiras instituições mediadoras foram as cortes e os salões que conservavam um bem comum. Também figurava o teatro, que proporcionava uma vivência mais direta da obra com o público e promovia uma mediação mais completa. Da mesma forma, são mediadores o museu e a biblioteca. O primeiro tem como tarefa e função a seleção das obras de arte valiosas e historicamente importantes a fim de estabelecer relações entre elas e o público. Organizadas subjetivamente, essas obras originais adquirem uma nova vida no museu, passam a fazer parte de um conceito coletivo de arte, sua significação individual dependerá do público e da história. A biblioteca é parecida com o museu, mas não guarda obras originais, é um acervo constituído, na maioria das vezes, ocasionalmente, e é flexível em consonância com o gosto do fundador, se for privada. A pública possui um caráter mais impessoal e de livre acesso, ainda que, na prática, nem todos dela dispõem na mesma medida. Foram os adeptos da Reforma Protestante liderada por Calvino e Lutero que estimularam a fundação das bibliotecas e os humanistas as utilizaram como meio para se fortalecer e promover sua independência em relação aos mecenas.

O comércio das obras de arte converte seu valor de uso em valor de troca e, quanto mais rara a obra, mais valiosa. O comércio atua também como mediador no sentido que põe à disposição do público as obras que já foram de antemão selecionadas. As obras possuem um valor real: o preço real de mercado e um valor ideal, que é simbólico, relativo, afetivo. Quando

reproduzida, perde a aura do original, o que é comum, uma vez que a obra tornou-se produto de comércio. Quanto a um original, nem sempre quem o toma como aquisição pessoal é quem o possui com sentimento artístico.

De acordo com os pressupostos da Estética da Recepção, a essência de uma obra está em sua compreensão, o que depende tanto da sensibilidade artística quanto do conhecimento de que o leitor dispõe, como também, pode oscilar de acordo com a individualidade deste leitor. A ausência de tais elementos pode levar a um mal entendido, a uma compreensão insuficiente. Se forem obras distantes no tempo, o conhecimento histórico é indispensável, porém é diante do presente que o passado demonstra importância. Também, as obras do presente ajudam a compreender as do passado, devido à ancestralidade que estas desempenham sobre aquelas, o diálogo que mantêm no tempo.

Uma mediação proporciona o acesso à obra, não garante sua compreensão, que depende também do leitor, mas, geralmente, impulsiona o êxito almejado pelo autor como um meio de manter sua independência material, honra e influência. O preço por essa independência o leva, às vezes, a desviar-se dos seus princípios, produzindo obras mais direcionadas para a finalidade de manter seu nível econômico. Porém não se pode concluir que as obras importantes são fruto deste processo somente e de sentimentos desinteressados, pois o autor é portador de uma vivência artística e também política.

No contexto da burguesia pós-romântica, o artista procurou fazer-se compreender melhor, expressando-se de forma mais adequada e convincente devido a questões econômicas, mas, interiormente, sentia-se estranho diante de uma obra “lograda”.

Analisando por outro lado, o fato de o artista ser anti-social não significa que sua obra também o seja. Muitas vezes, sua aceitação vem justamente pelo fato de que a sociedade funciona

em contradição com a realidade expressa em suas obras. Ou seja, um tipo de entendimento que ainda não tem lugar na realidade.

Existe um esforço para controlar a recepção, pois a leitura é um negócio que tem um vasto mercado. Um livro jamais chega ao leitor sem marcas, é qualificado segundo sua dificuldade ou facilidade de acordo com o tipo de leitor. Da mesma forma, os livros são classificados pelos livreiros, bibliotecários, pelos próprios editores, numa pluralidade de possibilidades, inclusive em manuais, cuja força de imposição e classificação depende das condições históricas nas quais são manipulados.

Um livro, teoricamente, sempre permanece igual, mas quando o mundo ao seu redor e o espaço em que é lido muda, então, ele também muda. Cabe à Sociologia da leitura o estudo dessas relações, bem como das estratégias de manipulação do leitor ao longo da história, a fim de lhe fornecer instrumentos de defesa contra os efeitos da persuasão. Muitas vezes, o essencial de um texto ou de um discurso está naquilo que ele não diz, seu suporte, formato, veículo, material. Zilberman, a esse respeito, afirma que “[a] admissão do leitor na posição de fator determinante do sistema literário sustenta a sociologia da leitura” (2001, p. 77).

O leitor não recebe passivamente a obra, mas, durante o processo da leitura, exerce o papel de co-produtor porque, nesse momento, o autor não detém o controle do significado que poderá ser apreendido pelo leitor. Relembrando a metáfora de Eco para a narrativa como um bosque que se apresenta na forma de “um jardim de caminhos que se bifurcam,” (ECO, 2002, p.12) fica patente a complexidade da atuação do leitor no momento da leitura. Vincent Jouve concebe que “toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época” (JOUVE, 2002, p.22).

Arnold Hauser (1977, p. 551) ainda apontou algumas das instâncias mediadoras da leitura destacando o papel da biblioteca, da editora, da livraria, da escola, da igreja, da família. O

estudioso, ao afirmar que a obra passa por muitas mãos antes de chegar ao leitor, esclarece que o juízo estético do público é influenciado pelos intermediários. Dessa forma, de certa maneira, a mediação direciona as escolhas e o gosto. Mas, se, por um lado, pode direcionar, por outro, em muitos casos, é uma ação necessária, pois, quanto mais modernas e trabalhadas estilisticamente forem as obras e menos entendidas por seus receptores, maior a necessidade e a importância da mediação.

Um leitor ingênuo tem uma visão da obra, muitas vezes não está apto a compará-la com outra e, geralmente, a vê como parte da realidade, considerando sua experiência vital como peso maior no processo da significação. Já um leitor mais experiente reconhece-a como ficção que é, ilusão consciente, e sua fruição está ligada ao valor estético da obra. Esse é um argumento a favor da mediação da obra.

Em contrapartida, se o gozo artístico, livre de intermediários, é um dom raro, por outro lado, há que se discutir o processo dialético que envolve a mediação. Ou seja, ao mesmo tempo, os mediadores tanto podem aproximar o leitor da obra, por exemplo, facilitando o acesso a ela, quanto podem distanciá-lo da obra, apresentando-lhe uma leitura inacabada, distorcida, de superfície. Isso pode fazer com que ele a repudie sem nem ao menos ter feito a sua própria leitura e levantado as suas próprias considerações. Para Hauser (1977, p. 592), “como objeto de intervenção institucional, a arte se coisifica quanto mais for administrada”,² e o distanciamento e a coisificação geram a insignificância.

Ainda em relação às artes, mais especificamente à literatura, faz-se pertinente levantar algumas considerações sobre ficção/realidade. Umberto Eco argumenta, em sua obra *Seis passeios pelos bosques da ficção*, que o leitor precisa sempre estar consciente de que o que lhe é

² “Como objeto de intervención institucional, el arte se cosifica cuanto más se la administre”. Tradução livre da autora.

narrado é uma história imaginária, mas, nem por isso, mentira. Embora os mundos ficcionais sejam intimamente relacionados ao mundo real, eles compõem pequenos mundos “que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real e permitem que nos concentremos num mundo finito, fechado, muito semelhante ao nosso, embora ontologicamente, mais pobre” (ECO, 1994, p.91).

Eco afirma que, embora limitado, o mundo ficcional dá ao leitor a confortável sensação de viver em mundos nos quais a noção de verdade é indiscutível, já que o mundo real parece ser mais instável. Nesse ponto, os conceitos de literatura e leitura estão inter-relacionados, porque o prazer advém da atividade exercida pelo leitor diante do texto.

Mundo parasitário ou realidade singular, o texto ficcional é um canal pelo qual uma “sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias”, segundo Marisa Lajolo (1997, p.106). Assim, a ficção torna-se um canal de comunicação, não somente entre o texto, suas estruturas e o leitor, como propõe Iser (1996), mas também como canal de comunicação entre o leitor e o mundo e com sua própria existência.

Quanto à emancipação de experiências, Eco (2002) alega que se espera dos autores que não somente tomem o mundo real por pano de fundo, mas, ainda, intervenham constantemente para informar aos leitores os vários aspectos do mundo real que eles talvez desconheçam. A partir dessa perspectiva, Bloom, em sua obra *Como e por que ler*, diz que é na leitura que, muitas vezes, o leitor passa a conhecer pessoas que nunca viria a conhecer na vida real (2001, p.15). O homem possui muitas limitações, entre elas, o tempo de vida e a possibilidade de locomoção no espaço, o que, de certa forma, o impede de conhecer pessoalmente uma grande variedade de povos e culturas. A leitura e principalmente a leitura da literatura pode proporcionar-lhe isso.

Michèle Petit, no último capítulo do livro *Nuevos acercamientos a los jóvenes a la lectura* (2001), conduz uma detalhada discussão sobre a importância dos mediadores na formação de um

leitor, acima de tudo, a necessidade da atuação dos professores nas escolas e dos bibliotecários nas bibliotecas escolares e públicas. Essa importância foi detectada por Petit por meio de um estudo que realizou com jovens leitores de classe social menos favorecida. Esses jovens puderam testemunhar uma mudança em suas concepções de vida e no reconhecimento de sua posição diante do mundo por meio das leituras literárias.

Segundo Petit, a leitura é usada, muitas vezes, para inculcar temor, submeter o corpo e o espírito da pessoa a uma atitude de estagnação. Mas deve-se atentar para o fato de que nunca se deve estar seguro de dominar o leitor. Este se apropria dos textos e faz com que eles ganhem significado, interpreta a sua maneira "deslizando seu desejo por entre as linhas: põe em jogo toda alquimia da recepção" (1999, p. 25)³. Essa leitura permite ao leitor decifrar sua própria experiência, segundo a autora, é o texto que lê o leitor, é ele que o revela, é o texto que sabe muito dele, das regiões que ele não sabia nomear.

Diante dessas considerações sobre o poder da leitura, Petit discute sobre as condições materiais dos leitores, já que seu estudo foi desenvolvido em bairros pobres. Ela diz que a pobreza material é temida porque se carece não somente de bens materiais que tornam a vida menos pesada, mas também de bens culturais que conferem ao homem dignidade, inteligência de si mesmo e do mundo, e das trocas que o torna habilitado a realizar, se possuir esses bens. Petit (2001, p.188) afirma que "quanto mais pobre é alguém, menos intimidade tem".⁴ Ou seja, a miséria desnuda as pessoas quanto a questões como moradia, privacidade, fazendo com que fiquem à mercê dos olhos alheios em todas as suas atitudes.

A infância, segundo a autora, é o momento em que a leitura desempenha um papel importantíssimo na construção de si mesmo, porque contribui para a abertura do campo do

³ "Deslizando su deseo por las líneas: pone en juego toda la alquimia de la recepción". Tradução livre da autora.

⁴ "Cuanto más pobre es alguien, menos intimidad tiene". Tradução livre da autora.

imaginário. Em contrapartida, a dificuldade de simbolizar pode ser acompanhada de uma agressividade incontrolável. Dessa forma, a ausência da linguagem verbal (organização do vocabulário) gera a linguagem corporal. Em se tratando da infância, Petit ainda discute a relação mulher/criança/livro. Isto é, na maioria das histórias de leitores, está presente uma mulher, mãe, irmã, avó, ou alguma outra figura feminina que abriu as portas para outro espaço, para outra forma de pertencer ao mundo. Ela afirma: "o imaginário não é algo com que se nasce. É algo que se elabora, cresce, se enriquece, se trabalha com cada encontro, cada vez que nos altera" (1999, p.185).⁵ No entanto, pelo fato de a figura feminina acompanhar algumas histórias de leitores, na França, onde a pesquisadora realizou seu trabalho, a leitura é percebida como atividade afeminada, também burguesa e, ainda, associada à tarefa escolar.

Os jovens pesquisados por Petit realizaram suas leituras em bibliotecas públicas. Por meio da discussão da fala dos seus entrevistados, ela ressalta a importância da biblioteca como local de encontro com pessoas, com livros, para discussões (convivência) e debates de conteúdos, até mesmo sociais. Afirma: "Como se dentro da vocação mesma da biblioteca estivesse, em todos os sentidos, o lugar da linguagem compartilhada" (1999, p. 102).⁶ Em sua obra de 2001, fazendo referência ainda à sua pesquisa, Petit afirma que as bibliotecas contribuem para a emancipação daqueles que transpõem suas portas, não somente porque dão acesso ao saber, mas também porque permitem a apropriação de bens culturais que apontam para a construção de si mesmo e proporcionam uma abertura até o outro.

Charles Sarland (2003), em sua pesquisa com grupos de leitores, agrupados de acordo com a idade e o sexo, discute sobre a questão da leitura dos clássicos e das versões populares como participantes na formação do indivíduo. Ou seja, Sarland argumenta que não são somente

⁵ "El imaginario no es algo con lo que se nazca. Es algo que se elabora, crece, se enriquece, se trabaja con cada encuentro, cada vez que algo nos altera". Tradução livre da autora.

⁶ "Como si dentro de la vocación misma de la biblioteca estuviera ser, en todos los sentidos, el lugar del lenguaje compartido". Tradução livre da autora.

os cânones consagrados que podem atuar como contribuição para a abertura de outros espaços aos leitores, como forma de se identificar com o mundo e reconhecê-lo. Também as leituras consideradas populares podem assim atuar, "me parece mais útil afirmar que todos desejamos criar cânones, mas cânone depende do grupo social no qual desejamos ingressar" (SARLAND, 2003, p. 245)⁷. Nesses termos, propõe que a literatura popular, tanto a infantil como para adultos - de terror, romântica, e outras - pode proporcionar ao leitor uma experiência de leitura tão valiosa como a que tradicionalmente se tem atribuído à ficção de qualidade.

Sarland (2003) levantou como resultados de sua pesquisa, entre outros, que o fato de o leitor (principalmente o aluno) não participar da seleção do título da leitura, pode tornar-se um ponto que contribui para a não aceitação da leitura. Também demonstrou que a cultura adolescente feminina e masculina enquadra os textos com diferentes marcos e que deles derivam leituras diferentes dos textos. Segundo Sarland, o primeiro fator, o da escolha, está diretamente ligado ao fato de os jovens estarem num processo contínuo de negociação do poder e da autonomia. No seu desejo de predizer e controlar o futuro, adotam um papel ativo, tanto dentro da escola como fora dela. Politicamente, dentro da família, dentro da escola e dentro do grupo de companheiros, devem manobrar para obter o poder e lutar pela autonomia.

Por fim, mediante tais considerações, cabe a esta pesquisa estudar que tipo de mediação tem sido exercido pela leitura da *Bíblia* em relação a outras leituras, em especial, à literatura. Como o estudo será restrito às comunidades religiosas, os salões apontados por Hauser talvez sejam os que mais se aproximem desse tipo de mediação entre as instâncias mediadoras relacionadas pelo autor, pois a igreja, como as instituições relacionadas, forma "uma instituição baseada na autoridade e conservadora da tradição frente ao capricho individual" (1977, p. 624).⁸

⁷ "Me parece más útil que todos deseamos criar cânones, pero el canon depende del grupo social al que queremos ingresar". Tradução livre da autora.

⁸ "Una institución basada en la autoridad y conservadora de la tradición frente al capricho individual". Tradução livre da autora.

O capricho, neste caso, é entendido como a interpretação que se abstrai da leitura da Bíblia e, com base nela, acolhem-se algumas obras literárias e refutam-se outras, de acordo com a autoridade e a tradição que se pretende manter.

2.2- Hans Robert Jauss e a Estética da Recepção

Hans Robert Jauss foi um teórico alemão, reconhecido no âmbito da teoria literária por ter se dedicado ao estudo da historicidade da literatura. O discurso proferido por Jauss em 13 de abril de 1967, em comemoração ao sexagésimo aniversário de Gerard Hess, reitor da universidade de Constança, lançou os pressupostos para o nascimento da Estética da Recepção.

A teoria desenvolvida por Jauss foi elaborada a partir da síntese das contribuições e das críticas a três diferentes modos de interpretar a literatura. Da década de 20, o teórico analisou a Sociologia da Literatura e o Estruturalismo Tcheco (movimento embasado, em grande parte, pelo Formalismo russo) e contemporâneo aos seus estudos, o *Readers Response Criticism*.

A teoria marxista, que envolveu a literatura em um estudo sociológico, atribuiu a esta o papel de procurar seu espelhamento na realidade. É função da literatura empreender força testemunhal em relação ao processo social. No entanto, desse modo, a literatura ficava presa a uma estética classista que somente considerava como literatura a obra que pudesse refletir situações relacionadas aos conflitos sociais de poder. Dessas premissas, Jauss apreciou a importância do momento histórico, no entanto, não considerava ser o fim único da literatura o engajamento com as lutas de poder imanentes da sociedade. O leitor, nessa visão, é o sujeito que iguala suas experiências pessoais ao interesse científico do materialismo histórico (JAUSS, 1994).

Os formalistas surgiram na história da Rússia antes de 1917, porém suas idéias tiveram maior circulação nos anos 20. Os estudiosos desse segmento teórico eram dotados de um espírito prático e científico atentando mais para a realidade material do texto literário. Segundo os formalistas, a obra literária não podia ser considerada um veículo de idéias, nem uma reflexão sobre a realidade social, mas um pretexto para a forma (EAGLETON, 2001). O leitor contemplado pela escola formalista era sujeito da recepção que precisava somente seguir as indicações do texto, sua função era distinguir a forma ou adequar os procedimentos. Essa “adequação” era tida como processo necessário em virtude de a arte ter sido considerada “o meio para a destruição pelo “estranhamento”, do automatismo da percepção cotidiana” (JAUSS, 1994, p. 22). Dessa forma, a arte, ao fazer despertar o leitor dos códigos vigentes, exige que ele acione procedimentos específicos para o tipo de texto em questão.

Os formalistas desvincularam a obra literária de todos os condicionantes históricos e, observando-a pelo prisma da nova lingüística estrutural, passaram a determinar seu valor estético pela soma de todos os procedimentos artísticos, sobretudo, quando provoca o “estranhamento”, rompendo com a visão corriqueira dos fatos cotidianos. Aos formalistas, também é atribuída a observação de que o puro sincronismo é ilusório, pois, numa mesma época, coexistem várias tendências literárias, e que só chega ao patamar de cânone um dos gêneros, motivado, geralmente, por implicações sociais de moda, gosto ou posição social. Entretanto, num momento, o que é cânone, em outro, passa a fazer parte da periferia literária, em virtude de um movimento denominado de “evolução literária” pelos formalistas.

Dessas contribuições, Jauss retém o conceito de “estranhamento”. Segundo ele, a arte precisa libertar o homem de seu cotidiano e ajudá-lo a ver melhor o mundo. Se o marxismo priorizava somente o diacronismo, os formalistas deram destaque ao sincronismo, Jauss organiza esses pressupostos de acordo com seus objetivos para sugerir um movimento em função da

recepção da literatura e sua historicidade. Em síntese, a relação literatura/leitor, para Jauss, está ancorada em duas implicações: estética e histórica. Na primeira, o leitor constata o valor estético de uma obra pela comparação com outras leituras. Na implicação histórica, o leitor pode levantar a possibilidade de compreensão da recepção de uma obra desde o seu primeiro público e em gerações subseqüentes.

Servindo-se dessas leituras, Jauss enfocou principalmente a questão do historicismo do texto literário, procurando determinar a real natureza histórica de uma obra. Da mesma forma, concentrou suas reflexões no processo de recepção, considerando o contexto do momento da produção e da leitura.

Fundamentado pelas contribuições e pelas críticas, Jauss sedimentou sua teoria em sete postulados. Primeiramente, discute sobre a historicidade da literatura e chega à conclusão de que esta não se estabelece numa seqüência de fatos “literários”, mas na interação entre leitor e obra. O leitor se faz, novamente, um produtor da obra já escrita por um autor, no momento em que o seu contexto histórico o torna um observador singular da obra em questão, “a historicidade coincide com a atualização, e esta aponta para o indivíduo capaz de efetivá-la: o leitor” (ZILBERMAN, 1989,p.33).

O segundo postulado implica em que, cada leitor, ao preencher de forma singular a leitura de um mesmo texto, pode caracterizar uma interpretação extremamente intimista da obra. Mas Jauss refuta toda crítica a sua teoria no que tange a uma possível abertura ao subjetivismo e psiquismo puros do leitor, no momento da recepção. Explica que uma obra apresenta “avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bem definida” (JAUSS, 1994, p. 28). Dessa maneira, as expectativas do leitor são antecipadas pelo texto. Neste ponto, esse pressuposto teórico se aproxima muito da teoria de Iser, no momento em que afirma que as estruturas do texto suscitam um leitor.

Entretanto, Zilberman, discutindo Jauss, afirma que “cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares” (1989, p. 34). Portanto, o fator histórico, para Jauss, é decisivo; ele entende que o homem, imerso em seu momento, em sua historicidade, tende a apresentar uma leitura que se aproxima de outros homens da sua mesma época.

O terceiro postulado trata do valor estético de uma obra. Segundo o teórico, este vem da possibilidade de a obra provocar, no leitor, uma percepção estética, principalmente, se essa percepção rompe com o usual. O caráter artístico da obra é atribuído à distância entre ela e o horizonte de expectativa do leitor. Dessa forma, maior será o valor artístico de uma obra, quanto menos esta se aproximar das expectativas do leitor em relação a ela. Ao entender que a obra deve contrariar a percepção usual do leitor, a Estética da Recepção se aproxima dos formalistas e estruturalistas pelo fato de que estes abordam o “estranhamento” que a literatura deve ocasionar no leitor.

No quarto postulado, Jauss propõe, ainda, uma atitude hermenêutica em relação à obra. Afirma ser necessária a reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado, para que ela não fique sujeita a nenhuma forma de compreensão clássica ou modernizante. Na fusão entre a leitura reconstruída e a leitura atual de uma obra, segundo o teórico, acontece o processo da compreensão, que ilustra como esta pode variar no tempo.

Os três últimos postulados de Jauss, segundo Zilberman (1989), são melhor especificados como programas de ação. Na quinta tese, Jauss enfatiza a recepção de uma obra sob o aspecto diacrônico, “relativo à recepção das obras literárias ao longo do tempo” (ZILBERMAN, 1989, p.37). Partindo dessa premissa, uma obra deve ser vista não somente no momento histórico de sua leitura, mas faz-se pertinente uma revisão de leituras anteriores em relação à atual. Isso mostra que uma obra não perde seu valor de ação após transpor o período em que surgiu. Jauss,

com essa tese, suscita um repensar da teoria literária, ao propor à história da literatura a desvinculação do “alinhamento unidirecional e unidimensional dos fatos artísticos” (ZILBERMAN, 1989, p. 38). A Estética da Recepção sugere um movimento entre diacronia e sincronia no processo de compreensão total da obra.

Depois de discutir a diacronia, a tese seguinte se refere à articulação entre obras constituintes de um determinado momento histórico. Essa articulação é explicitada na descoberta dos pontos de intersecção entre as obras e na comparação dos mesmos, com a finalidade de definir quais obras possuem caráter articulador que venha a provocar ruptura e evolução literária. A sincronia é um fator preponderante para a compreensão de um aspecto específico da historiografia da literatura proposta por Jauss. As obras que se apresentam simultâneas a um mesmo período histórico, quando analisadas pelo processo da comparação, determinam o movimento da “evolução literária”, que canoniza um gênero em relação a outros contemporâneos, como já foi discutido quando foram abordadas as contribuições estruturalistas.

Após ver a obra literária em seus aspectos sincrônico e diacrônico, a Estética da Recepção procura estabelecer a relação da literatura com a sociedade. Este ponto se refere à história particular dos leitores e à função social que é dada à literatura:

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo, e, assim retroagindo sobre seu comportamento social (JAUSS, 1994, p.50).

Nessa concepção, a obra desempenha sua função com força humanizadora, quando consegue confrontar o leitor com uma situação inédita, ainda não contemplada dentro de um horizonte de expectativa predeterminado. Uma obra contribui para o crescimento do leitor, no

momento em que promove sua emancipação dos laços naturais, religiosos e sociais, segundo Jauss.

Com base nas idéias aqui discutidas, o leitor, na Estética da Recepção, é considerado a partir de sua existência histórica. Durante a leitura, ele “concretiza” a obra literária, atribui-lhe significados que partem da experiência individual e das influências cultural, social e histórica do momento em que é recebida. Por essa razão, uma mesma obra não pode estabelecer o mesmo diálogo com o leitor do contexto de sua publicação e um leitor atual. Nos pressupostos teóricos de Jauss, o principal elemento é o leitor, sobrepondo-se ao autor e à produção, que já tiveram seu auge em teorias literárias anteriores. Ao considerar o leitor, o teórico baseia-se em duas categorias, o “horizonte de expectativas e a emancipação”. O primeiro refere-se a toda experiência social adquirida pelo leitor dentro de um determinado código vigente. A emancipação é a “finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade” (ZILBERMAN, 1989, p. 50). O leitor, na concepção de Jauss, é elemento atuante no texto de acordo com sua existência histórica.

É pertinente, ainda, acrescentar que, para Jauss, não é possível que haja prazer sem conhecimento. Ou seja, sem vivenciar esteticamente o objeto literário não se pode apreender o significado de uma criação artística. Dessa forma, a fruição precisa ser antecedida por um componente intelectual.

2.3- Wolfgang Iser e a Teoria do Efeito

Iser e Jauss foram contemporâneos, talvez, por esse motivo, em alguns pontos, as teorias de ambos quase se tocam, entretanto, Iser investe mais nas influências formalistas que marxistas, na composição do seu postulado teórico. O texto e suas estruturas são o ponto culminante da

teoria, explicitado na obra *O ato da leitura*, que veio a público em 1976, na Alemanha. Diferentemente do leitor histórico de Jauss, Iser aposta num leitor imanente das estruturas apelativas do texto literário, o leitor implícito.

Esse leitor, na realidade, somente existe na proporção em que o texto promove sua existência. Algumas estruturas textuais são responsáveis por fazerem emergir o leitor proposto que processa suas experiências por meio das transferências imanentes das estruturas oferecidas pelo texto. Nessa concepção, o papel do leitor se realiza histórica e individualmente, de acordo com as vivências e a compreensão previamente constituída que os leitores introduzem na leitura. De acordo com esse pressuposto, Iser pôde afirmar que o texto literário já antecipa os resultados do efeito sobre o leitor, mas é este que os atualiza de acordo com seus próprios princípios de seleção. Acrescenta, ainda, que a qualidade estética de um texto literário está na “estrutura de realização” desse texto, no modo como ele está organizado, para que suscite, no leitor, as seleções e os resultados que constituem as experiências reais da leitura. Conclui: “Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente unidos” (ISER, 1996, p. 75).

Na concepção desse teórico, o leitor implícito não tem existência real, ele concretiza as pré-orientações apresentadas por um texto. Esse papel é realizado histórica e individualmente. O leitor introduz, em sua leitura, suas vivências e compreensão, no entanto, essa concretização do texto só é possível mediante as estruturas de efeito contidas no texto. “A concepção de leitor implícito descreve, portanto, um processo de transferência pelo qual as estruturas do texto se traduzem nas experiências do leitor através dos atos de imaginação” (1996, p. 79), Iser (1996) não nega a possível imanência do processo histórico presente no momento da concretização de um texto pelo leitor. Aceita que um texto pode evocar uma multiplicidade de interpretações, mas intersubjetivas, porque, de certa forma, o próprio texto direciona esse procedimento por meio das

estruturas apresentadas. Iser, para chegar a essas conclusões, analisou a teoria da “concretização e lugares indeterminados”, de Roman Ingarden. Segundo este último:

A concretização corresponde à realização, por parte do leitor, dos aspectos esquematizados, resultantes do modo nem sempre plenamente determinado, mas jamais imperfeito ou incompleto, como o mundo ficcional se apresenta a ele. (ZILBERMAN, 1989, p. 23)

No entanto, Iser não considera a “concretização” proposta por Ingarden um processo comunicativo entre texto e leitor, no máximo, um processo de complementação que não é dinâmico. No lugar dessa tese, Iser propõe os “lugares vazios” que serão discutidos oportunamente.

A atenção dispensada prioritariamente à estrutura do texto literário é herança dos formalistas russos que, por volta de 1920, buscaram um sentido prático e científico, transferindo sua atenção para a “realidade material do texto literário em si” (EAGLETON, 2001, p. 03). A literatura, nessa concepção, não era considerada como veículo de idéias ou reflexão sobre a realidade, mas somente um fato material que pode ser analisado de acordo com regras específicas. Essa busca da precisão manifesta pelos formalistas provém da aplicação da lingüística ao estudo da literatura, partindo da formulação teórica de que o conteúdo é, apenas, uma motivação para a forma. Embora seja um consenso hoje que a literatura não se resume às estruturas, os formalistas tiveram méritos, um deles foi ter incorporado, à literatura, a noção de estranhamento, conforme já visto com Jauss.

Esse estranhamento pode ocorrer porque não é de responsabilidade da literatura apresentar ou discutir situações presentes na realidade, nem tão pouco, servir de instrumento para a veiculação de princípios e valores sociais de determinada época. No entanto, segundo Iser, a literatura apresenta uma perspectiva do mundo por meio de sua estrutura textual, criada pelo autor. Não é uma cópia do mundo dado, “mas constitui um mundo do material que lhe é dado”

(ISER, 1996, p. 73) então, o texto apresenta uma construção do mundo segundo a visão do autor e uma possibilidade de compreendê-la por meio de suas estruturas. Mas esse não é o aspecto mais relevante na relação ficção/realidade, a discussão é centrada, como já visto, nas realizações do leitor.

Se a ficção não é realidade não é porque careça de atributos reais, mas sim porque é capaz de organizar a realidade de tal modo que esta se torne comunicável; por isso, a ficção não se confunde com aquilo que ela organiza. (ISER, 1996, p. 102)

As concepções que levaram o autor a construir a realidade apresentada na obra, seus atributos “reais”, não são os pontos principais da comunicação entre texto e leitor. Nesse ato, o importante é o que acontece entre ambos, que realidade o texto pode organizar dentro do leitor, qual a “realização” que este último faz da realidade que lhe é apresentada. A realidade, para Iser, corresponde justamente a essas realizações que o leitor vai processando no decorrer da leitura. Ou seja:

Realização é, contudo, o predicado por excelência da realidade. A relação entre texto e leitor se atualiza porque o leitor insere no processo da leitura as informações sobre os efeitos nele provocados; em conseqüência, essa relação se desenvolve como um processo constante de realizações. (ISER, 1996, p. 127)

O texto se estabelece, dessa forma, como uma realização dialógica, uma virtualidade que se atualiza no sujeito. Em outras palavras, aquele sentimento de que o texto está dizendo exatamente o que o leitor sente é a organização daquilo que não se conseguia expressar com palavras e que alguém colocou no papel.

Nessa relação realidade/ficção, Iser ainda complementa, quando discute os estímulos da atividade de constituição: o texto ficcional “não ganha sua função pelo cotejo nocivo com a realidade, mas pela transmissão de uma realidade que ela mesma organiza” (ISER, 1996, p. 125).

Assim, na ficção, é realidade o que se apresenta como tal na situação construída e não o que mantém vínculo direto com o que seja considerado realidade, fora dessa situação.

Muitas vezes, um mesmo significado atribuído a uma situação textual vai se modificando no processo da leitura pelo artifício do *feedback* (ISER, 1996). Esse processo pode ocasionar a construção de um significado que não foi denotado pelos significantes, proporcionando os ajustes das imprevisibilidades do texto.

O *feedback* situa o leitor em relação ao texto e caracteriza o processo da compreensão. O texto, por meio da organização do repertório, proporciona a realização por parte do leitor, que se entende como a atualização do significado do texto, por meio das solicitações explicitadas nas estruturas textuais. Pode ser construído e modificado pelo leitor durante o processo da leitura, conforme ele for processando os ajustes necessários para sua construção.

Quanto ao deslocamento da obra no tempo, Iser acredita que os elementos familiares presentes no repertório de um texto literário não se comunicam somente com o público contemporâneo a sua época, eles continuam dialogando com públicos diferentes ao longo do tempo. “Por isso, a distância histórica entre texto e leitor não significa que o texto perde seu caráter inovador; este assume apenas formas diferentes” (ISER, 1996, p. 145).

Ao contrário, a contemporaneidade de uma obra não garante a incorporação de elementos familiares. Iser discute que é justamente pela desvalorização do que é familiar, que o leitor é despertado para o que é familiar e gerador de normas. O reconhecimento destas leva à tomada de consciência. E, se esse aspecto for relacionado ao fator histórico, o autor revela que: “À medida que o texto evidencia um aspecto deficitário do sistema, ele oferece uma possível compreensão do funcionamento do sistema” (ISER, 1996, p. 139). A obra literária, acaba desempenhando um papel fundamental na vida do leitor como indivíduo pertencente a um momento histórico, pois pode lhe revelar aspectos de sua contemporaneidade que ele não havia conseguido perceber até

então. A literatura consegue fazer isso devido ao distanciamento que proporciona ao leitor de sua própria realidade ao participar da “realidade” de outro.

Esse distanciamento é estimulado pela dialética da articulação entre tema (primeiro plano) e horizonte (segundo plano) que regula as atitudes do leitor perante o texto e constitui a regra central para a combinação das estratégias textuais, de acordo com Iser. A representação realizada pelo leitor acontece no entrecruzamento de suas perspectivas durante a leitura. Essas perspectivas tanto podem emergir do tema quanto do horizonte, de acordo com a construção do significado que o leitor processa.

Na construção do significado, proveniente da dialética dos planos, Iser mostra as redundâncias como recurso usado estrategicamente no encaixe das informações no texto, pois apresentam uma garantia contra os erros de transmissão (ISER, 1996). A incorporação de um elemento ao texto, ainda que redundante, sempre tem como referência um horizonte; mas se o elemento se apresenta num processo de despragmatização, logo passa ao primeiro plano e se afasta do sentido original para que sua nova significação possa prevalecer naquele momento da leitura.

Todo esse processo, esse jogo de significações no qual o leitor é envolvido faz com que a leitura se torne um prazer no momento em que a produtividade do leitor entra em jogo e que lhe é oferecida a possibilidade de exercer sua capacidade. Iser, ao fazer um comentário sobre Sartre⁹, utiliza-se de uma citação desse autor na qual afirma ser o ato criativo de uma obra apenas um momento incompleto e abstrato e que, se dependesse somente da existência do autor, uma obra nunca viria à luz. Essa afirmação reitera a importância da presença do leitor não somente na construção do significado da obra, como também para sua existência real e divulgação.

⁹ SARTRE, JeanPaul. *Was ist Literatur?* 1985.

Essa articulação entre produtividade e prazer leva o leitor à transcendência das situações cotidianas que o envolvem por meio da leitura que está realizando. A identificação de um elemento que, originalmente percebido no segundo plano, emerge para o primeiro com outra carga significativa faz com que o leitor seja remetido a um distanciamento de sua condição cotidiana e à reflexão sobre ela. Os horizontes do texto vão sendo abertos ao leitor por meio das articulações textuais como o ponto de vista em movimento (ISER, 1999, p.11).

Inserido no texto, o leitor alterna seu ponto de vista em movimento entre a protensão e a retenção. Para Iser: “Desse modo, no processo da leitura, interagem incessantemente expectativas modificadas e lembranças novamente transformadas” (ISER, 1999, p. 17). Essa dialética caracteriza cada momento da leitura que evoca um horizonte já anteriormente preenchido, mas que pode ser modificado e um horizonte futuro, vazio, mas prestes a ser preenchido. Portanto há um constante abrir e fechar de horizontes que se entrecruzam no ato da leitura.

Na arte da alternância das perspectivas textuais, o hiato se apresenta como uma das condições indispensáveis. Essa interrupção de uma conexão esperada é “paradigmática para os diferentes processo de focalização que acontecem durante a leitura de textos ficcionais”, segundo Iser (1999, p.19). O texto narrativo, diferentemente de uma obra plástica, é apreendido aos poucos e só se completa no final da leitura. Dessa forma, é por meio da estrutura que o texto se transfere para a consciência do leitor, por meio de um fluxo de leitura que não se realiza de forma unilateral e irreversível (ISER, 1999). O efeito retroativo do texto caracteriza o presente da leitura modificando o passado; esse efeito compõe a articulação entre tema e horizonte, o elemento que foi introduzido no texto já tem como referência um horizonte. Ao passo que o leitor se distancia do significado pragmatizado do elemento, ele passa para o primeiro plano e adquire outro significado.

Essas representações, que vêm sendo discutidas, são produzidas na mente do leitor por meio das imagens criadas. O texto se limita a informar sobre que condições o objeto imaginário deve ser construído, cabe ao leitor criar “a combinação ainda não formulada de dados oferecidos” (ISER, 1999, p.58). Através de seus esquemas, o texto usa as experiências individuais de seus leitores para criar as representações, mas é ele quem oferece as condições. A constituição do objeto imaginário é necessária para que uma cena se torne representável e componha uma seqüência de representações. Essas seqüências se organizam num eixo temporal, e, Iser então afirma que:

É portanto regra geral que cada representação dada se segue por natureza uma série contínua de representações; nesta série, cada representação reproduz o conteúdo da anterior, mas de tal forma que confere à nova representação o aspecto do passado (ISER, 1999, p. 76).

As representações vão se sucedendo no espaço temporal e compondo a significação global do texto, que pode, da mesma forma, ser reconstruída a qualquer momento, por meio das estruturas que vão sendo apresentadas pelo texto. Justamente pela articulação desse complexo sistema de representações, é que o sujeito leitor não consegue se apropriar definitivamente da situação. O surgimento das dificuldades atesta ao leitor uma nova tomada de posição em relação à significação do texto, mostra que ele deve abandonar ou reajustar suas representações (ISER, 1999).

Após discutir os lugares indeterminados de Ingarden, Iser argumenta sobre os lugares sistêmicos do texto, a saber, os lugares vazios e a negação. De acordo com a Estética da Recepção, o texto apresenta as condições para que sejam formadas as representações na mente do leitor e a atividade constitutiva deste se concretiza, em grande parte, nos lugares vazios e nas potências de negação proporcionadas pelo texto.

Segundo o teórico, esses lugares não indicam uma necessidade de complemento, mas de combinação dos esquemas do texto, uma articulação que começa a formar o objeto imaginário, movimenta as perspectivas de apresentação e é condição para que os segmentos textuais possam ser conectados. Os lugares vazios como combinação liberam “aspectos encobertos e começam a orientar as possibilidades combinatórias do leitor” (ISER, 1999, p. 129).

Segundo Iser, as dificuldades de percepção fazem com que os hábitos perceptivos sejam liberados, fugindo da automatização. Dessa forma, o leitor é obrigado a distanciar-se das representações formadas para que possa formar outras, a vivacidade da representação aumenta proporcionalmente ao número dos lugares vazios. Por intensificar a formação das representações, o teórico pontua os lugares vazios como condição elementar da comunicação.

Dentro dos lugares vazios, as interrupções são tão desafiadoras para o leitor quanto a introdução de novos personagens ou novas tramas, que vão obrigar o leitor a reorganizar todas as representações já construídas até então, reconsiderar o que já foi colocado em um segundo plano e processar novamente a organização dos elementos. Quando os lugares vazios aparecem na enunciação, eles rompem com a expectativa na medida em que o ponto de referência não é o que é dito, mas o não-dito (ISER, 1999).

Iser conclui sobre os lugares vazios, afirmando que eles proporcionam ao leitor o impulso principal para a atividade criadora e fazem com que ele os ocupe, com as representações, com o que está encoberto na trama do texto.

O conceito de negação ou negatividade é explicitado pelo autor como a anulação dos conceitos considerados usualmente como corretos, “o rompimento da tríade tradicional do verdadeiro, bom e belo, pois sua concordância não é mais capaz de orientar nossa conduta” (ISER, 1999, p.173,174). A estruturação desses lugares vazios é organizada de tal modo que uma vida virtuosa não assegura o êxito evidente em uma situação. No caso, virtude e oportunidade não

são apresentadas como receita de sucesso, esse rompimento com o usual, o destaque para o não-familiar remetem o leitor ao familiar. Ao discutir um dos aspectos da negatividade, Iser atenta para o fato de que “a comunicação seria desnecessária se ela não transmitisse algo que não fosse conhecido” (ISER, 1999, p.195). Assim, a negatividade em um texto proporciona o contraste dos horizontes entre o que é “certo” em oposição ao que é “errado”, mas Iser pontua esse último como o não compreendido. Por meio do questionamento de algum elemento subjacente ao mundo questionado, o leitor transcende esse mundo, caracterizando, mais uma vez, a comunicabilidade do texto ficcional.

Todas as estruturas que foram discutidas indicam para a base da teoria de Wolfgang Iser: as articulações textuais, que fazem emergir tanto o leitor, como suas reações, diante do texto ficcional.

As teorias discutidas nesse capítulo, da Recepção e da Sociologia da leitura, serviram de base para a realização da análise dos registros obtidos por meio dos dois questionários encaminhados às comunidades, bem como para uma leitura do texto literário, apresentada no próximo capítulo, na qual foram apontados pontos virtuais por meio dos quais o leitor pode se apoiar para a composição do significado do texto.

Capítulo3

UMA VISÃO DOS LÍRIOS

Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta, interior do Rio Grande do Sul, a 17 de dezembro de 1905. Foi bancário e dono de uma farmácia. Na década de 20, fixou residência em Porto Alegre, nesta mesma época, dirigiu a *Revista Globo* e foi conselheiro literário da Editora Globo. Depois, viveu nos Estados Unidos, primeiro como professor convidado da Universidade da Califórnia, depois, na função de Diretor Cultural da União Pan-Americana a convite da OEA (Organização dos Estados Americanos) em Washington.

Seus primeiros contos foram divulgados em jornais da capital gaúcha, estreou com *Ladrão de Gado*, na *Revista do Globo*, em 1928. Em 1932 publicou *Fantoches*, com esse texto inaugurou um tema itinerante na literatura do autor – o Rio Grande tradicional, da violência e da coragem épica, que morre, mas permanece (CHAVES, 1976). Foi com *Olhai os lírios do campo*, entretanto, que seu nome ganhou repercussão. A obra de Veríssimo conta com vários títulos que foram traduzidos e publicados em, pelo menos, treze países.

Entre os prêmios atribuídos às suas obras estão o Prêmio Jabuti (1966), Juca Pato (1967), Personalidade Literária do ano (PEN club, 1972) e o Prêmio Literário da Fundação Moinhos Santista (1973), para o conjunto da obra.

Sobre a obra de Veríssimo, a SAMRIG (S. A. Moinhos Rio Grandenses), num relatório de 1984, e Flávio Loureiro Chaves (1976) alegam que suas estratégias narrativas resultam numa espécie de corte transversal de uma sociedade, da sociedade do Rio Grande do Sul. Embora não fosse um regionalista, acrescenta a SAMRIG (1984, p.5), “seu objetivo permanente foi atribuir identidade ao gaúcho e sua região, examinando o passado histórico e iluminando-o através da criação imaginária”. No entanto, esse objetivo não restringe a obra ao público gaúcho, pois

Veríssimo conseguiu ver sua terra sem maniqueísmo ou simplificações redutoras, tocou em assuntos e temas que foram recobertos pelo tempo de mitos e preconceitos. Dessa forma, suas obras chegam à atualidade como um campo fértil de discussões e temas, próprios do ser humano.

Érico Veríssimo faleceu em 28 de novembro de 1975, deixando como herança, aos leitores de qualquer época, uma rica produção literária em títulos e temas que abrangem romances, contos, viagens, ficção didática, histórias infantis, biografia e novelas, além de grande número de escritos avulsos, sobre os mais variados assuntos e, ainda, dezenas de traduções.

Muitas obras de Veríssimo tornaram-se motivo para trabalhos acadêmicos. No banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), estão cadastradas quarenta e quatro dissertações de Mestrado e doze teses de Doutorado que têm como assunto obras do autor. Entre estas, os trabalhos de Maria da Glória Bordini: *Criação Literária em Érico Veríssimo* (1991), e Regina Zilberman: *Tipologia da Ficção Brasileira Contemporânea* (1976), ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – nas áreas de Lingüística e Letras.

A obra *Olhai os lírios do campo*, particularmente, recebeu atenção em dois trabalhos acadêmicos. Um é a dissertação de Mestrado de Daniela Borja Bessa: *O Discurso religioso em “Olhai os lírios do campo”* (2000), pela Universidade Federal de Minas Gerais – Estudos Literários. A dissertação estuda o discurso religioso e sua relação com os outros discursos do romance quanto à questão da fé como elemento que move os personagens. Outro trabalho é a tese de Doutorado de Elizabete Wendhausen Rochadel Torresini: *Modernidade e o Exercício da Medicina no Romance “Olhai os lírios do campo” (1938) de Érico Veríssimo* (2002), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – História, é um trabalho com a obra numa tentativa de unir História e Literatura considerando a crítica literária e as edições da obra desde 1938 até os dias atuais.

Olhai os lírios do campo, de Érico Veríssimo, foi publicado pela primeira vez em 1938 e, até 2003, já havia sido reimpresso setenta e sete vezes. A última reimpressão, até o momento da pesquisa, da Editora Globo, traz um formato de livro de bolso e pertence à coleção Aventura de ler. A obra está dividida em vinte e quatro capítulos e duas partes, doze capítulos na primeira e doze na segunda. Inclusive, o número de páginas correspondentes à primeira e segunda partes são relativamente iguais: 199 páginas na primeira e 184 páginas na segunda, o que faz com que se possa considerar essa obra como simétrica e equilibrada quanto a esses aspectos.¹⁰

3.1 O caule da questão

A Estética da Recepção de Hans Robert Jauss diz respeito ao modo como os textos são lidos e assimilados nos vários contextos históricos. No entanto, o presente estudo limita-se a resgatar a opinião de alguns críticos sobre *Olhai os lírios do campo* e, num primeiro momento, por meio de uma leitura da obra, indicar pontos virtuais de uma possível recepção dela, hoje. Depois, analisar as leituras dos grupos estudados e sua reação diante da obra mencionada.

A história da recepção das obras literárias revela que os críticos são os leitores que servem como parâmetro para resgatar as leituras das obras. Segundo Compagnon (2003), o leitor continua ignorado e prevalece a leitura do intermediário que é o crítico literário como leitor ideal.

Conforme Rocha (1999, p. 20), os estudos da recepção procuram “mapear as atitudes que determinaram certo modo de compreensão dos textos numa situação histórica e específica”. A leitura ora realizada, somada à dos religiosos participantes da pesquisa, podem compor um documento histórico atual da recepção da obra mencionada. Ainda, de acordo com Aguiar e

¹⁰ A edição utilizada no estudo foi a de 2003, da Editora Globo.

Bordini (1993, p.81), “a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e que se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada.”

O estudo não se propõe a realizar uma fortuna crítica da obra, e, sim, apresentar uma possível leitura para cotejar com a dos leitores da Bíblia. No entanto, para contextualização, foram levadas em consideração opiniões, inclusive díspares, de estudiosos como Flávio Loureiro Chaves e Alfredo Bosi.

Flávio Loureiro Chaves (1976), numa análise das obras de Veríssimo, apresenta algumas observações sobre *Olhai os lírios do campo*, algumas, aqui mencionadas, com a finalidade de caracterizar a recepção dessa obra. Segundo o estudioso, o mundo da obra é o mundo da miséria urbana, da desumanização do indivíduo na luta pela sobrevivência, levantando uma crítica social a um nível mais profundo. As personagens eleitas encontram identificação com a classe média como se fosse, de acordo com Chaves (1976), a verdadeira voz de sua consciência, estabelecendo, pela primeira vez, sua problematização histórica tanto na denúncia das injustiças do presente como na interrogação acerca do passado.

Os personagens Olívia e Eugênio, juntamente com os outros personagens, “não são o poder, nem controlam a engrenagem social; alimentam-na; sofrem-na; são a massa amorfa das cidades, parte da multidão anônima na expectativa da própria identidade” (CHAVES, 1976, p. 52). Segundo Chaves, a crítica social formulada por Veríssimo não atinge a sociedade como um todo, mas, exatamente, a corrupção da estrutura social. Dentre os personagens da obra, o crítico aponta Olívia como uma das mulheres semi-heróicas, caracterizadas pela seriedade, coragem moral e perseverança, criadas por Érico Veríssimo. Na introdução da reedição da obra de 2005, pela Editora Companhia das Letras, Flávio Loureiro Chaves ressalta, ainda, em Olívia, uma postura ideológica que reivindicava, à sua época, um socialismo humanista que ficou registrado em seu diário e nas cartas dirigidas a Eugênio.

Chaves (2005) aponta o tema da profissão médica como uma blindagem para contornar a censura vigente, fruto da ditadura getulista instaurada em 1937. Esse tema também deixa transparecer uma proposta de socialização da medicina e dá segmento à análise social e crítica dos padrões da burguesia da época, segundo o crítico.

Alfredo Bosi (1988) não apresenta uma análise isolada de *Olhai os lírios do campo*, mas comenta a produção literária de Érico Veríssimo de uma forma geral. O crítico registra uma grande popularidade do escritor junto ao público de sua época, “uma classe média em crescimento, incapaz de maior refinamento artístico” (BOSI, 1988, p. 417). Segundo Bosi, o romance de 1930 até a atualidade (ano de publicação de sua *História Concisa da Literatura Brasileira* - 1970) pode ser classificado em quatro tendências: de tensão mínima, crítica, interiorizada e transfigurada. Veríssimo, segundo o crítico, estaria entre os primeiros, “há conflito mas este configura-se em termos de oposição verbal, sentimental quando muito: as personagens não se destacam visceralmente da estrutura da paisagem que as condicionam” (BOSI, 1988, p. 442). Os pólos de interesse que atraíam a personalidade de Veríssimo, segundo Bosi, são o tempo histórico e o fluxo de consciência das personagens.

A narrativa traz a história de Eugênio, basicamente desde a sua infância, em episódios lembrados, até aproximadamente os seus trinta anos ou um pouco mais. Ele, o personagem central dessa trama, vive um drama pelo fato de ter sido muito pobre na infância e ter sofrido humilhações ao lado de seus pais. Então, procura, a todo custo, “se dar bem na vida”, ou seja, em sua concepção, ter dinheiro e viver com conforto, longe da pobreza. No entanto, em sua escalada para o bem-estar, ele é levado a reorganizar alguns conceitos ao viver um verdadeiro romance com Olívia que lhe mostra que a vida é mais que dinheiro e conforto.

A história começa já no ponto de maior tensão – a angústia de Eugênio: precisa ver Olívia após receber um telefonema no qual diziam que ela estava passando muito mal e correndo

risco de vida devido a uma cirurgia. No traslado da chácara onde Eugênio estava com sua família, esposa e sogro, até o hospital, o narrador intercala retrocessos e associações mentais em que Eugênio resgata o passado, integrando-o a um presente problemático, marcado pela culpa pelo remorso. Dessa forma, os leitores vão compondo o personagem e tomam conhecimento de toda sua história, a infância pobre e sofrida, as privações, as angústias, o sentimento de inferioridade que persegue o personagem por quase toda a narrativa.

O narrador onisciente, até o ponto de, às vezes, ser confundido com o personagem, pontua, nessa primeira parte, alguns acontecimentos que são lembrados por Eugênio ao longo de quase toda a narrativa: a calça rasgada, a vergonha que sentia do pai diante dos amigos ricos, a morte do paciente na mesa de cirurgia, o acidente na fábrica. A narrativa, na primeira parte, é contada em dois tempos: o tempo da narrativa real (a ida ao hospital) e o tempo da narrativa intercalada (toda a história de Eugênio até o momento da morte de Olívia). Há um equilíbrio entre o tempo real, os desdobramentos da individualidade de Eugênio e a seqüência dos episódios narrados no tempo da memória. Ao final dessa parte, as duas narrativas se encontram, depois da morte de Olívia, começa a segunda parte da narrativa que caracteriza uma outra fase da vida de Eugênio.

Após ter se casado com Eunice para alcançar, sem esforços, uma posição na sociedade, dinheiro e conforto, Eugênio percebe que esse não é exatamente o caminho para a felicidade. Mesmo usufruindo todas essas vantagens, continuava sendo o mesmo Eugênio, resignado, inseguro, omissivo e humilhado. O casamento, afetivamente mal sucedido, ia além do que Eugênio podia suportar porque ele ainda amava Olívia.

A segunda parte tem início com a morte de Olívia e segue numa estrutura linear de acontecimentos. A narrativa é intercalada pelas cartas deixadas por Olívia, elemento omitido no passado que só agora é revelado. Nesta parte, a história traz a reação de Eugênio diante da vida,

principalmente, diante de sua situação cômoda de marido de esposa rica. Ao se separar de Eunice, reassume sua função de médico atuante, em um consultório simples, ao invés do cargo irrelevante que desempenhava na empresa de seu sogro, Cintra. O atendimento às pessoas humildes leva-o à conclusão de que a vida não deveria ser boa somente para ele, mas para os outros também.

3.2 Nos campos do tempo e do espaço

Sobre essa fábula, brevemente resumida, o narrador trabalhou alguns aspectos relacionados aos elementos da narrativa que contribuem para a composição da significação da obra pelo leitor implícito. Este tópico do estudo levantou algumas discussões sobre o tempo e o espaço.

O tempo da narrativa é cronológico e composto por uma linearidade parcial. Na primeira parte, duas narrativas se intercalam: a ida de Eugênio ao hospital para encontrar-se com Olívia, o tempo da memória e outra narrativa que conta como ele chegara até o momento do telefonema que recebeu e que o fez deslocar-se para o hospital, tempo real. Ao final da primeira parte, as duas narrativas se encontram, exatamente no momento em que Eugênio encontra Olívia, já morta.

Essa parte da narrativa é dinâmica porque, em muitos momentos, uma leitura, ou a do tempo real, ou a do tempo da memória, é interrompida para a introdução de outro tempo. Em seguida, o tempo narrado é interrompido para a continuidade do que foi suspenso. Esse movimento de vai e vem, marcado por interrupções, segundo Iser (1999a), permite ao leitor, por meio da estrutura apresentada, transferir o texto para sua consciência, num fluxo de leitura que não se realiza de forma unilateral e irreversível. Os personagens e as situações vão sendo, aos poucos, compostos durante a leitura das duas histórias, simultaneamente.

Em alguns momentos, as narrativas se tocam, por exemplo, quando Olívia e Eugênio se entregaram um ao outro pela primeira vez. Na narrativa do traslado ao hospital, Eugênio recorda este momento: “*Segurou a cabeça de Olívia com ambas as mãos e beijou-lhe a boca longamente*” e, logo em seguida, no início do capítulo sete: “SAIU DO QUARTO DA AMIGA MUITO TARDE. Sentia-se como um homem novo entrando num mundo que amanhecia” (VERÍSSIMO, 2003, p. 110).¹¹

Um mecanismo textual que compensa as várias interrupções na narrativa é o que Iser (1999a) chama de *feedback*, esse recurso permite ao leitor situar-se em relação ao texto por meio da organização do repertório e, ao passo que vai realizando a atualização do significado do texto, realiza o processo da compreensão. Este significado pode ser construído e modificado pelo leitor durante o processo da leitura, conforme ele for processando os ajustes necessários para a construção do significado (ISER, 1996). Em *Olhai os lírios do campo*, em cada interrupção da seqüência da narrativa (real ou da memória), o leitor fica com parte da significação suspensa para ser trabalhada novamente com a posterior retomada da mesma seqüência narrativa, agora, somando as informações que a seqüência intercalada lhe acrescentou. Neste ponto, o mecanismo do *feedback* atua como auxiliador no processo da composição significativa. De acordo com Rocha (1999, p. 28): “Como nenhuma história pode ser contada na íntegra, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser negociados no ato da leitura.” As interrupções, em *Olhai os lírios do campo* atuam como lacunas que fornecem espaços para o leitor organizar as combinações que vai efetuar para continuar a leitura do texto. Essas ocorrências, de certa forma, funcionam como cortes cinematográficos ou como a suspensão da continuidade da narrativa nos romances de folhetim; sobre esse gênero, Iser (1999b, p. 15) afirma que: “O leitor é forçado, pelas pausas que se lhe impõem, a imaginar mais do que o faria se sua leitura fosse contínua.”

¹¹ Grafia de acordo com original

Esses cortes na seqüência da história, que o narrador faz na primeira parte do texto, convoca o leitor implícito a atuar, paulatinamente, na reorganização do repertório, a fim de, ao longo da narrativa, compor a significação textual.

Sob a perspectiva do narrador, o tempo, na primeira parte da narrativa, é trabalhado com mais ênfase nas memórias que no tempo real. Este é grafado em itálico e ocupa o maior espaço narrado, o tempo real é grafado de forma normal e ocupa menor espaço. Esta situação se inverte na segunda parte, com as poucas cartas de Olívia, que representam o passado e são grafadas em itálico: dez trechos de carta ou cartas inteiras ao todo, em relação ao volume da narrativa mostrado em tempo real que é grafado de forma normal, em ordem cronológica, e predomina no espaço narrativo. O leitor implícito incorpora ao repertório, por meio dessa utilização de recursos, que o passado é determinante na primeira parte e o tempo real da narrativa é mais significativo na segunda, na qual o personagem principal apresenta uma mudança de visão e de comportamento diante da vida por meio do agrupamento dos preceitos de Olívia:

Ela estava presente nas suas cartas, no próprio brilho das estrelas e também na alma e no sangue de Anamaria. (VERÍSSIMO, 2003, p.313)
Lembrou-se das palavras de Olívia em uma de suas cartas. “Tu uma vez comparaste a vida a um transatlântico e te perguntaste a ti mesmo: ‘Estarei fazendo uma viagem agradável?’. Mas eu te asseguro que o mais decente seria perguntar: ‘Estarei sendo um bom companheiro de viagem?’”. Realmente os homens em geral eram maus companheiros de viagem. (VERÍSSIMO, 2003, p.291)

Olívia, morta, continua existindo em Anamaria e nas cartas que fazem com que Eugênio recorde constantemente dos momentos vividos ao lado de sua amada. Essas memórias encorajam o personagem principal a reagir diante das situações adversas que lhe surgem.

A perspectiva do leitor a respeito do personagem Olívia vai sendo construída pelo narrador, sob a ótica de Eugênio. Na narrativa, Olívia não atua como personagem real dentro da trama, ela ganha vida, principalmente, por meio das recordações de Eugênio. O narrador conduz, no leitor, a construção desse personagem, na visão passional de Eugênio, que atribui à heroína do

romance características como generosidade, altruísmo, bondade e outras que indicam caminhos para que o leitor implícito molde esse personagem, uma vez que ele não existe por si próprio dentro da narrativa.

O espaço dos acontecimentos narrados é a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, da década de 30 do século passado. O exercício da medicina permitiu ao personagem Eugênio transitar em diferentes cenários e classes sociais, presenciar vários dramas individuais dentro de uma vasta galeria humana. Alguns espaços são mais significativos dentro da obra, pois são marcados pela manifestação de determinados sentimentos em relação ao personagem principal.

Nos relatos de sua infância, o colégio onde estudava, de acordo com o texto, pago com muito sacrifício pelo seu pai, inicia uma série de acontecimentos que deixariam marcados em Eugênio um forte sentimento de inferioridade. Um exemplo disso é o episódio das calças: “- O Genoca tá com as carça furada no fiofó!” (VERÍSSIMO, 2003, p.20). Na casa de Eunice:

Eugênio conheceu Cintra, e amigos e amigas de Eunice. Sentiu-se mal no meio deles, imaginava-se a cada passo alvo da ironia e do desprezo de todos. (VERÍSSIMO, 2003, p.152)

A solidão da casa deixava-o ainda mais deprimido. (VERÍSSIMO, 2003, p.199)

e na fábrica do Sr. Cintra:

Entretanto seu eu puro e implacável lhe cochichou que se ele se mostrava assim fraternal para com a secretária e para com os outros empregados da fábrica era para com essa atitude comprar a cumplicidade, a boa vontade e a simpatia deles. Porque todos ou quase todos sabiam da sua situação de inferioridade naquela firma. (VERÍSSIMO, 2003, p.191)

Eugênio, segundo as informações do texto, sente-se inferior às pessoas ricas e bem sucedidas, mesmo sendo um médico.

O complexo de Eugênio é reforçado pelas atitudes das pessoas do meio social rico no qual ele se introduziu pretendendo resolver seus problemas econômicos e sociais, principalmente por

Eunice. Num episódio em que Eugênio recusa-se a ir a uma conferência com a esposa, ela o aconselha a ir assistir a um filme do Tarzan (VERÍSSIMO, 2003). Durante o diálogo da separação do casal, Eunice reafirma esse pensamento: “- Em vez de olhos tens dois espelhos convexos ou côncavos, sei lá! que deformam as imagens. (...) É o teu maldito complexo de inferioridade. Eugênio sentiu-se desarmado” (VERÍSSIMO, 2003, p. 246).

A perspectiva pela qual a história é narrada conduz o leitor a formar algumas representações que vão se sucedendo no espaço temporal e compondo a significação global do texto. Segundo Iser, essas representações são produzidas a partir de combinações ainda não formuladas de dados oferecidos (1999a) e cabe ao leitor realizar essas combinações que caracterizam o seu ato criador. Por meio da atuação do personagem Eugênio em determinados espaços onde se dão acontecimentos importantes da história, o leitor implícito inclui ao repertório o complexo de inferioridade do personagem principal.

A casa dos Falk é um espaço positivo da narrativa em relação aos outros mencionados, pois nele seu complexo não é reforçado. Essa casa é onde Eugênio e Olívia viveram seus momentos de amor, e, também, lugar onde Eugênio começou uma nova etapa de sua vida com a filha Anamaria, sempre amparado pelo fantasma de Olívia: “Eugênio olhou em torno do quarto. Olívia estava presente – ele sentia – naqueles móveis, naqueles objetos, no perfume que andava no ar” (VERÍSSIMO, 2003, p.313). O endereço dessa residência: Rua da Paz, 675, reitera a importância do espaço como marco para a nova fase da vida do personagem principal.

3.3 A natureza nos campos

Um leitor, principalmente se for ocidental e se for cristão, em um primeiro contato com a obra, ao ler o título *Olhai os lírios do campo*, possivelmente irá remetê-lo ao discurso bíblico. Da mesma forma, a narrativa pode ser vista como profética ou doutrinadora por algumas

semelhanças com o texto da Bíblia. As mensagens de vida deixadas por meio das cartas escritas por Olívia lembram o Novo Testamento desse livro, porém, além das mensagens, das referências diretas feitas ao texto bíblico, do possível caráter religioso, há um aspecto interessante a ser observado no título: lírios e campo.

O processo da composição do significado do texto é realizado paulatinamente, como visto no item anterior. Um aspecto interessante que auxilia nesse processo é a presença do que aqui se denominará de elementos da natureza ou elementos naturais, sempre presentes na maioria dos momentos importantes, para o personagem principal. Ao longo da obra, podem ser observadas atitudes, situações, ou mesmo estados de ânimo desse personagem intimamente relacionados a alguns elementos naturais como manhã, tarde, noite, frio, chuva e estrelas.

Considerando o leitor implícito, segundo Compagnon (2003),

o ato da leitura consiste em concretizar a visão esquemática do texto, isto é, em linguagem comum, a imaginar os personagens e os acontecimentos, a preencher as lacunas das narrações e descrições, a construir uma coerência a partir de elementos dispersos e incompletos. (p. 152)

O processo de composição do significado textual passa pela combinação desses elementos, denominados, aqui, naturais, dispersos na narrativa. Como na terminologia de Iser para os espaços vazios, eles não indicam propriamente uma necessidade de complementação, mas de combinação dos esquemas para que essa articulação comece a formar o objeto imaginário do texto. Esses elementos são aspectos aparentemente encobertos na estrutura narrativa, porém são presenças constantes e orientam as possibilidades combinatórias do leitor.

Percebe-se que os sentimentos de Eugênio, em certos episódios, misturam-se a alguma marcação temporal.

Aquela noite era um mundo, aquela noite era uma eternidade, ele nunca, nunca mais havia de esquecê-la. O cadáver na mesa de operações, os beijos de Olívia, a fuzilaria, os homens se estraçalhando, a madrugada, seus pensamentos confusos, e, agora, a lembrança de Ernesto. (VERÍSSIMO, 2003, p.115)

Neste trecho, a noite e a madrugada intensificam os sentimentos de Eugênio. Após perder um paciente na mesa de cirurgia, teve Olívia em seus braços pela primeira vez e recordou-se de seu irmão desaparecido. Esses elementos formam, no imaginário do leitor, a cena para os acontecimentos e intensificam sua carga emocional.

Outro episódio ocorrido, em uma noite, também é significativo para o personagem Eugênio, quando teve Olívia pela última vez e anunciou seu casamento com Eunice.

Contemplava Olívia. O luar lhe batia em cheio no rosto. Ela era bela, duma beleza que nada tinha de agressivo, mas que jazia escondida como um tesouro, ‘Eugênio, um dia, daqui a muitos anos, tu hás de lembrar desta noite, deste momento, desta sala’. (VERÍSSIMO, 2003, p.162)

- Esta noite é como uma encruzilhada. (Idem, p. 165)

Na cena, o narrador atribui à luz do luar o “poder” de fazer o personagem Eugênio ver Olívia de uma forma mais íntima e intensa. Nessa noite também, Olívia concebeu Anamaria, “o ar da noite era fresco e cheirava madressilvas” (VERÍSSIMO, 2003, p. 156), o adjetivo, nessa leitura, pode remeter à nova vida que teve início naquele momento. A partir de então, o casal separou-se, definitivamente, na encruzilhada mencionada por Olívia, revivida nas lembranças do personagem Eugênio.

Sobre esses elementos naturais ligados ao tempo, o narrador também faz menção a uma tarde que está relacionada a outra situação importante para o personagem Eugênio, cuja atitude gerou um arrependimento que o iria perseguir por todo o tempo narrado da história: “Crescera e florira, graças aos cuidados do pai. Crescera para se envergonhar do jardineiro. Aquela tarde, descendo a rua...” (VERÍSSIMO, 2003, p.119). De acordo com o texto, Eugênio, na companhia

dos colegas ricos da faculdade de medicina, deparou com seu pai na rua, que, orgulhoso do filho, cumprimentou-o de maneira servil, tirando-lhe o chapéu, “- Boa tarde, Genoca! – exclamou. O orgulho iluminava-lhe o rosto” (VERÍSSIMO, 2003, p.73). Diante da cena, o texto narra que Eugênio irritou-se e fingiu não conhecer seu pai, sentiu vergonha dele por sua pobreza e resignação que, segundo o narrador, também eram suas. Essa cena ajuda a compor um repertório que acompanha o personagem principal durante todo o tempo da narrativa aparecendo em sua memória, em forma de flashes.

Os elementos naturais também aparecem nas cartas de Olívia. Uma ocorrência importante está na forma de uma metáfora: “A chuva e a cerração hão de passar e amanhã decerto o sol já estará alumando as parreiras. Penso em ti. Enquanto as horas passam tu amadureces como as uvas” (VERÍSSIMO, 2003, p. 240). O narrador coloca o personagem Eugênio relendo essa carta exatamente quando ele está vivendo o momento de tomar uma difícil decisão, o fim de seu casamento com Eunice (a chuva e a cerração) e a atitude de assumir sua filha e sua nova vida (o sol alumando as parreiras).

O diálogo de separação entre Eunice e Eugênio é narrado em uma manhã: “A manhã estava cheia de sol, o céu era dum puro e fresco azul. ‘É hoje ou nunca’, dizia Eugênio para si mesmo. ‘Hoje ou nunca. Custe o que custar’” (VERÍSSIMO, 2003, p.244). A manhã, descrita pelo narrador, límpida e fresca, prenunciava um novo e bom dia, esse ambiente remete o leitor à vida que Eugênio pretendia ter dali em diante. Na seqüência à separação, o narrador mostra o personagem com suas novas atitudes, assumiu a sua filha Anamaria, reassumiu sua profissão e passou a dispensar maior atenção à população humilde e simples. A tarde é o elemento temporal que ampara a composição desse novo estado de ânimo do personagem.

Era uma tarde de fim de verão, a luz do sol tinha uma doce qualidade de maturidade, o ar era macio e levemente azulado. Eugênio sentia uma clara aceitação dos homens e das coisas. Tudo estava bem e ele não desejava mais nada além daquela paz interior que agora começava a entrever. (VERÍSSIMO, 2003, p.308)

Nesse trecho, o narrador descreve a tarde e o estado de espírito de Eugênio em plena sintonia, pode-se “entreler” que o sol de suas intensas lutas interiores começava a arrefecer e ele começava a ver a vida com mais nitidez. A maturidade era mais dele que da luz do sol.

Outros elementos como o frio e a chuva são significativos como componentes para a formação dos estados de ânimo do personagem principal. Esses elementos expressam estados depressivos. “Pensou em Olívia. Sentiu que ela estava morta. Devia ser o frio, a cinza do céu, a chuva gelada, a tristeza das pedras e das criaturas. Porque ele sabia que Olívia não podia morrer...” (VERÍSSIMO, 2003, p.362). A idéia da morte, neste trecho, está ligada ao frio, à chuva, à tristeza, porque são estes elementos que remetem o personagem à lembrança de Olívia e sua forte presença na vida de Eugênio.

Entre os elementos relacionados, as estrelas são mencionadas com mais frequência, pois, no texto, sempre remetem à figura de Olívia. O narrador enfatiza a atenção especial que o personagem Olívia dispensa a esse elemento da natureza: “Olha para o céu. As estrelas agora estão mais nítidas. Olívia fala na sua memória: ‘Olha as estrelas. Enquanto elas brilharem haverá esperança na vida’. Ela sempre lhe dizia estas palavras” (VERÍSSIMO, 2003, p.137). O narrador conduz o leitor implícito a acrescentar, às suas representações, a figura de Olívia associada a esse elemento: “Brilhavam no céu as estrelas de Olívia” (VERÍSSIMO, 2003, p.238). Quando Eugênio estava a caminho do hospital com a esperança de encontrar Olívia ainda com vida, o narrador enfatiza a presença desse elemento: “O auto corre, Eugênio sofre, as estrelas cintilam” (VERÍSSIMO, 2003, p.155). Da mesma forma, na última noite de amor entre Eugênio e Olívia: “Eugênio acendeu um cigarro (...) ficou a olhar o céu da noite que a janela emoldurava. Era

preciso fitá-lo demoradamente e com atenção para perceber o brilho miúdo das estrelas” (VERÍSSIMO, 2003, p.156). Em uma ocasião em que o personagem Eugênio recordava Olívia: “Eunice tocando. As estrelas palpitavam” (VERÍSSIMO, 2003, p. 181).

Os trechos selecionados, entre outros, ilustram a relação estreita entre o personagem feminino mais importante e as estrelas. A frequência da aparição desse elemento na narrativa, geralmente, concorre para a composição das cenas e emoções que formam o repertório do leitor.

O título, como foi citado no início dessa discussão, é composto por dois elementos naturais: lírios e campos. Em uma das cartas de Olívia, a primeira lida por Eugênio, após a sua morte, ela faz menção a esses elementos que justificam o título da obra:

Quero que abras os olhos, Eugênio, que acordes enquanto é tempo. Peço que pegues a minha Bíblia que está na estante de livros, perto do rádio, leias apenas o Sermão da Montanha. (...) Os homens deveriam ler e meditar esse trecho, principalmente no ponto em que Jesus nos fala dos lírios do campo que não trabalham nem fiam, e no entanto nem Salomão em toda a sua glória jamais se vestiu como um deles. (VERÍSSIMO, 2003, p.215)

As citações transcritas demonstram a estratégia narrativa de utilizar elementos da natureza como coadjuvantes na expressão dos sentimentos de Eugênio, como os campos e os lírios. São elementos que suscitam no leitor a formação de imagens que auxiliam na composição das representações. As combinações realizadas dos elementos naturais às situações vividas por Eugênio não são aleatórias, mas auxiliam na constituição da carga emocional e das imagens que o leitor vai compondo em sua memória.

De acordo com Iser (1996), o texto suscita sua própria leitura, que é individual, de acordo com as informações que cada leitor carrega consigo, sendo aceitáveis leituras diferentes, mas intersubjetivas, porque não se pode fugir do que o texto faz emergir por meio de sua estrutura. “Daí segue que o papel do leitor se realiza histórica e individualmente, de acordo com as

vivências e a compreensão previamente constituída que os leitores introduzem na leitura” (ISER, 1996, p. 78).

Os elementos naturais, ora citados, estão relacionados à constituição da carga emocional do texto, independente do conceito que o leitor possui deles. O frio e a chuva, no Rio Grande do Sul, são fenômenos com características diferentes de Pernambuco, por exemplo, no entanto, essa idéia precisa ser usada para compor a significação do texto, independente de qual seja o conceito do leitor sobre isso. O leitor, como componente da estrutura do texto, segundo Iser, desempenha seu papel e “representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente unidos” (1996, p. 75).

3.4 Portas de entrada

É sabido que os leitores mencionados nas teorias do Efeito e da Recepção, a saber, de Iser (leitor implícito) e de Jauss (leitor histórico), são projeções virtuais da atuação do indivíduo real perante o texto literário, no momento da leitura. Para o primeiro, prevalecem as indicações da organização lingüística como espaço para a atuação do leitor. Para Jauss, as vivências e experiências históricas de cada leitor são mais determinantes no momento da recepção. Mas, em ambos, o leitor é co-participante na construção da significação do texto.

O presente tópico analisa algumas possibilidades de recepção da obra literária sob a ótica da Estética da Recepção. O leitor pode encontrar “entradas” no texto, cujos horizontes apresentam normas, idéias e valores que confrontam com o horizonte de expectativa do leitor, no ato da leitura. Nesse confronto, acontece a recepção do texto literário. O horizonte está constituído por convenções de diferentes espécies que dependerá da posição que o leitor ocupa dentro da sociedade em que vive, de seu ciclo de educação formal, dos valores circundantes no

meio onde se encontra, do padrão lingüístico que usa para se expressar (fato que está diretamente ligado ao aspecto social) e de suas experiências literárias, provenientes das várias leituras que tenha realizado (ZILBERMAN, 1982).

Para Jauss (1994), a categoria e a qualidade de uma obra literária está nos seus critérios de recepção e no efeito produzido, bem como sua fama junto à posteridade. *Olhai os lírios do campo* é uma obra que apresenta pontos nos quais o leitor pode apoiar-se para “entrar” na narrativa e trabalhar no processo da constituição da significação do texto, esses pontos podem ser motivos de identificação ou recusa entre a obra e o leitor.

Um dos pontos do texto, no qual, possivelmente, ocorra a convergência dos horizontes mencionados, é a maneira como é abordado o assunto do casamento. Essa instituição, comumente considerada como instituição sagrada, no texto, é questionada nos pares Eunice e Eugênio e Isabel e Felipe. No texto de Veríssimo, o amor não está necessariamente ligado ao matrimônio e nem essa instituição oferece garantias para a felicidade. A narrativa quebra com a expectativa do leitor que entende o casamento dessa forma. Olívia, a heroína da história, teve um caso de amor com Eugênio, com quem teve uma filha sem se casarem.

O tema é trabalhado sob vários aspectos, sobretudo, por meio das atitudes e falas dos personagens. A crítica ao conceito de casamento como instituição que assegura uma formação sólida aos filhos é mostrada, pelo narrador, na lacuna do relacionamento familiar entre Dora e seus pais, manifesta na ausência de diálogo entre eles. Mesmo entre o casal Felipe e Isabel, pais de Dora, não há diálogo. Segundo o texto, o marido é obcecado por seus negócios: “ – Felipe não pensa em outra coisa – disse Isabel –. Parece que anda maluco. / – Ora, Isabel... tu não compreendes. Fica lá com teus chás de caridade, com os teus benefícios. Me deixa...” (VERÍSSIMO, 2003, p. 174).

Como o texto mostra, a relação entre Eunice e Eugênio era difícil, um dos motivos do conflito entre ambos é o fato de Eugênio ter se casado por conveniência, visando, sobretudo, a uma posição na sociedade, conforto e dinheiro: “- É que fui suficientemente patife para casar contigo sem te amar, só por causa do teu dinheiro” (VERÍSSIMO, 2003, p. 248). Para Eunice, tudo não passou de um capricho: “- Agora deixa que eu diga por que foi que casei contigo. Foi por uma extravagância e um pouco por pura piedade. E também por piedade procurei curar esse teu complexo lamentável...” (VERÍSSIMO, 2003, p. 248).

A forma como o casamento foi abordado é pertinente à essa leitura da obra. A representação do lado problemático dessa instituição deixa margens à reflexão e ao confronto entre os horizontes da obra e os do leitor, podendo ser este último modificado pelo primeiro.

Segundo Jauss (1994), a obra literária apresenta avisos, sinais familiares ou indicações implícitas e, dessa forma, predispõe seu público a recebê-la de uma maneira bem definida, antecipando um horizonte geral de compreensão. A questão do casamento, uma das abordadas pelo autor, não está restrita a uma época ou sociedade, mas pode ser constantemente atualizada em qualquer contexto histórico desde que exista uma relação. A traição, a ambição, o arrefecer da paixão que levou o casal ao altar, são assuntos que não perderam a validade e o leitor pode, com facilidade, identificar essas situações no contexto atual, ou mesmo, em sua própria vida.

Essa possibilidade de constante atualização da obra é possível pelo fato de que possui um potencial de sentido virtualmente presente em si, historicamente atualizado em sua recepção. Esse aspecto da obra literária, que lhes atribui leituras diferentes por leitores de épocas diferentes, Jauss (1994) chama de “juízo dos séculos”.

Se, por um lado, a obra apresenta indicações que antecipam um horizonte para sua compreensão, como a questão do casamento, por outro, a compreensão da obra antecipa caminhos da experiência futura porque leva o leitor a imaginar modelos de pensamentos e

comportamentos ainda não experimentados, abrindo novos caminhos para sua atuação na vida real. O leitor solteiro, que ocupa somente a posição de filho em sua casa, pode não ter uma noção exata da dimensão da complexidade de um relacionamento familiar, a literatura antecipa-lhe essas vivências, segundo a Estética da Recepção.

O casamento, como instituição que apresenta condições moralmente adequadas e promotoras da dignidade, passa por um processo de desconstrução de seu significado na obra. Isabel não é feliz em seu casamento porque, de acordo com o narrador, Felipe, seu marido, põe seus interesses profissionais acima de todos os outros. Na construção do personagem Eunice, cujo casamento foi apenas um capricho, prevalece a não aceitação do marido devido às suas origens humildes e o complexo de inferioridade que o acompanha.

A narrativa mostra que a força da tradição e as normas morais ou sociais não impediram que Isabel e Eugênio fossem amantes, tampouco assegurou a estabilidade emocional entre ele e Eunice. Antes, Eugênio rompeu a relação com ambas para retomar seu amor verdadeiro, representado, agora, em Anamaria, o fruto do romance.

Isabel está ligada à outra trama do texto, é a mãe de Dora, jovem apaixonada por Simão. Por motivos econômicos e raciais, o amor verdadeiro dos jovens, mas proibido, acabou em tragédia, Dora morreu vítima de um aborto mal sucedido.

Diante dos fatos narrados, o leitor é conduzido a refletir sobre a questão do casamento e da relatividade do lugar comum “viveram felizes para sempre”. O texto levanta a questão de quem sempre o casamento significa felicidade e amor, estes sentimentos não se encontram somente dentro do matrimônio. A crítica está centrada nas atitudes dos casais Dora e Simão e Olívia e Eugênio. Inclusive, os últimos não se casaram, mas sua história de amor é base da narrativa para outras histórias.

Quanto à questão do casamento, a obra não perdeu sua negatividade original da qual fala Jauss (1994), pois, embora os relacionamentos, hoje, sejam caracterizados como liberais, há muitos casais lutando pela regularização civil de sua união, como também, há muitos casais tradicionalmente constituídos. E, mesmo que não exista nenhum tipo de compromisso legal, o fato de se estabelecer uma relação amorosa, coloca, automaticamente, em cena, as questões discutidas. A obra, portanto, continua atual ao propor tal reflexão.

Como o casamento, outra idéia que o texto põe em questionamento é a de que o dinheiro não garante a felicidade. No início da narrativa, o leitor é conduzido, pelo narrador, a acompanhar as misérias de Eugênio e pensar justamente o contrário, que os bens materiais poderiam garantir tudo o que o personagem principal necessitava para garantir sua dignidade: “carça furada no fio-fó-fó-fó!” (VERÍSSIMO, 2003, p.21). Porém, o texto relata que a verdadeira inferioridade que Eugênio sentia diante das outras pessoas não vinha só da sua condição econômica, mas de dentro de si próprio. Uma fala de Eunice, entre outras, transparece essa característica do personagem principal: “Em vez de olhos tens dois espelhos convexos ou côncavos, sei lá que deformam as imagens” (VERÍSSIMO, 2003, p.246).

A questão da desvalorização do capital aparece com mais força, na narrativa, quando Eugênio perde Olívia. Neste momento, a narrativa destaca o sentimento do personagem ao perceber que o dinheiro, ao invés de ter-lhe proporcionado, além de conforto, a tranquilidade emocional e moral, fez com que ele se sentisse diminuído diante de seu egoísmo e arrependido pelo tempo que se manteve afastado de Olívia. Uma boa situação econômica, antes de fazê-lo sentir-se enaltecido, de acordo com o texto, deslocava-o diante de pessoas que eram muito distantes da sua realidade interior, “continuava a ser ainda o mesmo homem indeciso e amargurado que não encontrou o seu caminho” (VERÍSSIMO, 2003, p. 179).

Com o fracasso de Eugênio, na luta pela solução de seus problemas existenciais, ao buscar uma situação econômica favorável, as idéias vão se entrecruzando no texto e apontam para o argumento de que o dinheiro não garante a felicidade. Os personagens e o próprio narrador são responsáveis pelo entrecruzamento de idéias que fazem este tema contrastar com o horizonte apresentado no início da narrativa: a pobreza e a humilhação de Eugênio e de sua família.

A narrativa da segunda parte do texto conduz o leitor à formação da idéia que dissocia o dinheiro da felicidade. As ações e as situações vividas pelos personagens vão conduzindo-o a amadurecer essa idéia: “Deixaria o automóvel, desligar-se-ia da fábrica e dela não queria um real. Ao ouvir esta última condição, Cintra não pôde conter seu espanto: - Mas você deve estar louco varrido!” (VERÍSSIMO, 2003, p. 254). “O dinheiro é uma coisa nojenta. Um sujeito decente não se escraviza a ele” (VERÍSSIMO, 2003, p. 252). Estas palavras são do personagem Seixas, de acordo com o texto, médico, companheiro e confidente de Eugênio. Sua indignação revela, em uma de suas falas, um interesse pelo exercício da medicina para os pobres “- Seu Genoca, quando será que essa pobre gente que não pode pagar vai ter o seu hospital, a sua assistência médica descente?” (VERÍSSIMO, 2003, p.302).

A narrativa mostra que, após Eugênio assumir outra posição diante da vida, a discussão rumo para uma visão mais humana do mundo e das pessoas. O narrador apresenta essa idéia na forma como descreve os pacientes de Eugênio, as características ressaltadas remetem o leitor ao lado humano das personagens: “Entrou no consultório pelo braço do marido. Estava quase cega de ambos os olhos. Era uma mulher baixa, de expressão humilde e tristonha. Via-se que tinha sido bela, mas que algum mal prolongado lhe devastara o corpo” (VERÍSSIMO, 2003, p. 323). O narrador não destaca, então, os odores ou aparência horrível dos personagens; antes, procura evidenciar o aspecto positivo percebido neles.

Pela mudança paulatina da perspectiva do personagem Eugênio, o leitor também pode ser conduzido à reflexão sobre as mesmas questões humanitárias.

A organização social da época da publicação da obra, descrita por Flávio Loureiro Chaves (2005), mostra uma sociedade marcada pela ditadura. A crítica à hipocrisia, presente nos casamentos por meio das personagens citadas, bem como a frustração de Eugênio perante a elite capitalista, funcionam como blindagem contra a censura pela qual a obra foi recepcionada pela primeira vez. A história mostra que a construção do capital individual sacrifica o equilíbrio social.

Se essa narrativa for colocada contra o pano de fundo da experiência cotidiana, o leitor pode ser convidado ao desafio da reflexão moral sobre esses temas. Essa é uma característica da esfera ética da obra literária segundo Jauss (1994). O leitor não é só despertado para a percepção estética e a fruição do belo, mas também pode ser levado à conscientização sobre determinadas situações que passam despercebidas, quando mergulhadas no cotidiano.

Dois aspectos foram discutidos nesse estudo: a questão do casamento como mantenedor da satisfação emocional do indivíduo e do dinheiro como garantia de felicidade. Esses aspectos são apenas dois dos diversos temas que poderiam ser discutidos a partir do estudo de *Olhai os lírios do campo*. Essa discussão é apenas um fragmento das idéias, normas e valores que a narrativa apresenta nas ações e atitudes dos personagens da história. A identificação ou a recusa de personagens, situações, idéias ou valores são portas pelas quais o leitor pode entrar e realizar seu papel de co-autor da significação da narrativa. Apesar das indicações e dos caminhos que a narrativa aponta, é o leitor, com sua experiência e vivência, que vai atualizando a temática sugerida pelo texto.

De acordo com a análise, a obra em questão revela verdades atemporais. Segundo Jauss (1994), este aspecto da obra somente é reconhecido em função da distância histórica, a partir

dela, pode-se verificar que a obra continua atual, ou seja, que há possibilidades de o leitor atualizá-la de acordo com seu contexto.

3.5 Literatura e religiosidade

Olhai os lírios do campo é uma obra que pode vir ao encontro com o horizonte de expectativa das comunidades religiosas participantes da pesquisa. O título, retirado diretamente de uma citação da Bíblia (Mateus 6:28), pode ser interpretado, de acordo com a leitura realizada, como um conselho ou advertência quanto ao apego excessivo a riquezas materiais e à sua busca. Além do título, que é um evidente ponto de identificação entre a obra e o leitor religioso, há as citações da Bíblia: “Os homens deviam ler e meditar esse trecho, principalmente no ponto em que Jesus nos fala dos lírios do campo que não trabalham nem fiam, e no entanto nem Salomão em toda sua glória jamais se vestiu como um deles” (VERÍSSIMO, 2003, p. 215). Ou ainda: ““Eu bem vos conheço! Sois como sepulcros caiados por fora mas por dentro cheios de sujeiras e podridão”” (VERÍSSIMO, 2003, p. 339).

A fonte de referências a alguns pressupostos religiosos não são somente as citações, mas também as várias menções à Bíblia ou ao nome de Deus, encontradas no texto. As cartas deixadas por Olívia, a Eugênio, possuem um caráter profético, fato que pode levar o leitor, numa leitura superficial, a considerar a obra sustentada por preceitos religiosos.

No entanto, ao considerar as análises até aqui realizadas, alguns argumentos podem ser levantados em função da idéia de que o eixo temático da obra não é sustentado por idéias e valores religiosos. Como visto, o casamento é apresentado como uma instituição em descrédito, as principais histórias de amor, Olívia/ Eugênio, Dora/ Simão, não são frutos desse tipo de união institucionalizada.

A composição da personagem Olívia é um contra-argumento forte quanto à possível intenção de expressar preceitos religiosos cristãos como visão única da verdade. A construção desse personagem aponta para a representação do verdadeiro amor cristão: puro, dedicado, sem pedir nada em troca. No entanto, esse amor não se concretizou segundo os preceitos cristãos, o relacionamento aconteceu fora do casamento e Olívia também já não era mais virgem. A heroína não apresenta as características de uma mulher virtuosa, segundo os preceitos do cristianismo.

O relacionamento dos amantes Eugênio e Olívia está isento de punições na perspectiva do narrador: “Não haveria pecado nas relações carnis que pudessem ter” (VERÍSSIMO, 2003, p. 207). Dessa forma, ao amor de Eugênio e Olívia era permitido um relacionamento livre do pecado do adultério e da fornicação, que é condenável segundo os direcionamentos cristãos. Portanto, o sentimento amoroso prevalece sobre os preceitos cristão, pois, de acordo com a construção do personagem Olívia, os leitores são conduzidos à plena concordância com suas atitudes, de acordo com as virtudes que lhe são atribuídas, principalmente, pelo personagem Eugênio.

Na obra, não é negada a existência de Deus. O personagem principal, ao final de sua aventura, reconhece-o e tenta convencer seu amigo Seixas de que o espírito de gentileza facilitaria tudo e faria bem a todos “ – Você falou em Jesus Cristo...” (VERÍSSIMO, 2003, p. 388). A negação da religiosidade, da qual se argumenta, não é a negação da figura de Deus, mas a negação de algumas convenções preservadas pelas instituições cristãs.

Quando os horizontes da obra e do leitor se cruzam e normas e convenções são postas em questionamento, o leitor pode ser levado à consciência daquilo em que está envolvido.

Quanto a esse assunto, numa discussão sobre literatura, Candido argumenta que esta

confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura

sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes surgem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 1972: 234)

Mediante essa discussão, apesar de breve, pode-se argumentar que a obra referida não está estruturada com a preocupação de transmitir preceitos religiosos aos leitores, ao menos, no sentido de querer defender dogmas ou normas referentes a algum direcionamento religioso. Mas, ao invés disso, é a mensagem religiosa que está reduzida à estrutura literária, que, na concepção de Candido, possui caráter ordenador do caos interior dos homens. O autor acrescenta que todas as obras literárias, possuidoras de mensagem ética, política, religiosa ou de caráter social, só têm eficiência, se forem reduzidas à estrutura mencionada (CANDIDO, 1976).

Assim, o que predomina não é a mensagem religiosa que o texto aparentemente apresenta, mas a possibilidade de reordenação do mundo interior do leitor, por meio da redução dessa mensagem à estrutura literária. A religiosidade não predomina sobre as demais idéias que o texto veicula, por exemplo, como visto na análise sobre o casamento, em que as convenções são desconsideradas.

Essa análise aponta para alternativas de realização da obra no contato com o leitor real. Mas, somente a análise dos registros contidos nos questionários sobre a recepção pode mostrar como se deu a leitura de *Olhai os lírios do campo*, nas comunidades integrantes da pesquisa. O próximo capítulo trata do perfil sócio-econômico e cultural dessas comunidades.

Capítulo 4

PERFIL DO CAMPO

Para conhecer melhor as comunidades nas quais o trabalho de recepção foi desenvolvido, neste capítulo é apresentado um perfil dessas comunidades. As teorias da Sociologia da Leitura auxiliarão na interpretação dos registros obtidos no questionário destinado a recolher as impressões de leitura. As informações a seguir são resultado da análise do primeiro questionário, que teve por objetivo levantar as condições sócio-econômicas e culturais dos componentes das comunidades.

4.1 Levantamento dos registros

A análise de alguns dos registros sócio-econômicos e culturais dos entrevistados é fator que contribui para a compreensão posterior da recepção da obra literária. Na esteira da Estética da Recepção, podemos considerar os fatores sociais, externos, como pertinentes à construção do significado e compreensão da obra literária.

De acordo com as convenções que foram estabelecidas no capítulo 1, as comunidades serão designadas por CC, CAD e CA. Os registros referentes a cada comunidade foram levantados e apreciados sob o amparo das teorias relacionadas à Sociologia da Leitura. O critério de apresentação dos resultados é quanto ao número de respostas que retornaram. A análise inicia pelo levantamento dos registros da CAD, na seqüência, a CC e, por último, a CA.

4.1.1. Os registros da CAD

Esta comunidade, vale lembrar, está situada em um município pequeno do interior do Paraná, a igreja está localizada no centro da cidade e possui 70 membros relacionados. Dez destes

foram convidados a participar da pesquisa, nove responderam ao primeiro questionário, perfazendo um total de 90% de retorno dos questionários encaminhados.

Os participantes da pesquisa estão classificados numa faixa etária entre os 18 e 64 anos. Cinco são naturais do Paraná, dois nasceram em Dr. Camargo, um em Maringá, um em Rolândia e um em Pinhalão. Três são de São Paulo, um de Presidente Bernardes, um de Piquerabi e um de Yerê. E um outro do Rio de Janeiro.¹² Quanto à escolaridade, este grupo é composto por pessoas que apresentam um nível de instrução que varia desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até pós-graduação em Orientação Educacional. Com respeito aos pais, há desconhecimento quanto ao nível de escolaridade da maioria deles pelos registros obtidos, nenhum excede ao nível fundamental. Profissionalmente, estão agrupados em três lavradores, dois agricultores e um vigilante, três não mencionaram a profissão do pai. Com relação às mães, as informações são mais completas: cinco realizam serviços domésticos (quatro em sua própria casa e uma empregada doméstica), duas costureiras, uma professora (não especificou o nível) e uma mencionou estar aposentada, mas não especificou a profissão.

Os registros apontaram que os recursos tecnológicos mais utilizados pelos representantes dessas comunidades são o rádio e a televisão. Quanto à experiência de leitura, quatro dos nove participantes desse grupo revelaram o pai como o único leitor da família, eram lidos a *Bíblia*, *outros livros*, *histórias*, *histórias populares*.¹³ A mãe foi apontada em quatro respostas, liam também a Bíblia e outros livros (não discriminados). Em segundo plano, também aparece o avô com a leitura da Bíblia. Na questão 2.6 (vide anexos capítulo 1), todos apontaram a Bíblia como livro presente em casa, depois vieram os almanaques na ordem de quantidade de respostas e, esporadicamente, as outras modalidades de leitura sugeridas na questão.

¹² Os nomes das localidades fornecidos pelos cooperadores da pesquisa são estes, não foi consultada nenhuma referência.

¹³ As respostas dos participantes da pesquisa, em itálico, serão transcritas da forma como estavam nos questionários.

Quando criança, esse grupo de pesquisados preferia brincar, depois, ler. Dois apontaram a mãe como contadora de histórias, outros dois, o pai; um, alega ter sido criado longe dos pais e ninguém lhe contava histórias. Os outros assinalaram as outras respostas. Entre as histórias ouvidas na infância, estão: *Branca de neve*, *Joãozinho e Maria*, *Chapeuzinho vermelho*, *Os três porquinhos*, *Aventuras de Lampião*, *Chiquinha reque-reque* e “causos”. Há o predomínio, então, dos contos populares. Os sentimentos despertados entre eles, com estas histórias, foram o medo (em primeiro lugar), a alegria, depois, a tristeza, e, na categoria outros, foram citadas a fantasia e a curiosidade.

Quanto aos livros lidos na infância, dois mencionaram *Branca de neve*, depois, *Cinderela*, *Recruta Zero* (história em quadrinhos), *Meu pé de laranja lima* (José Mauro Vasconcelos), *Marco Pólo*, *A vida de Jesus*, *Os companheiros*¹⁴. Um não se recorda de leituras realizadas na infância, o primeiro livro que leu foi a Bíblia com dezessete anos porque a tinha em casa. Dois não responderam. Dos sete, quatro utilizavam a biblioteca para ter acesso às leituras mencionadas, os outros contavam com amigos e os livros que possuíam em casa.

Atualmente, entre esses representantes da CAD, sete não estudam mais, um faz curso superior de Geografia na UEM, um faz pós-graduação, mas não apontou o nome da instituição ou o nome do curso. Reflexo disso ou não é o fato de a questão 4.2, que pede aos respondentes que enumerem as leituras realizadas por ordem de importância, ter sido respondida com um X, ao invés de enumerá-las. As respostas a essa questão mostraram que as leituras que são realizadas visam mais à busca de informações sobre coisas úteis, depois, religião. Neste contexto, ainda é a biblioteca, combinada com outras alternativas nas respostas, o espaço mais apontado como fonte de busca dessas leituras. Em resposta ao que mais buscam na sua fonte de leitura, aparece a religião em primeiro lugar, contradizendo com as “coisas úteis” mencionadas na questão 4.2.

¹⁴ O nome das histórias mencionadas pelos leitores nem sempre vem acompanhado pelos nomes dos autores.

Quando incitados a citar algum título lido, proveniente de sua fonte de leitura, mencionaram títulos de livros religiosos (*Personalidades restauradas*), sobre matrimônio (*O ato conjugal*), saúde, literatura (*Espártaco, Arquivo X*). Três não responderam a essa questão. Os títulos mencionados, em sua maioria, sete respostas, são fruto de escolha pessoal, de acordo com as respostas. O grupo recomenda, em primeiro lugar, a Bíblia como leitura aconselhável, depois, poesias, literatura e religiosos, nessa ordem. A Bíblia, recomendada pela maioria, de uma forma geral, é considerada como livro para orientar a vida. O leitor que apontou *Espártaco* como leitura recomendável indicou o enredo e o *sentido do texto* para convencer alguém a lê-lo. Na categoria de livros não recomendáveis estão as revistas pornô, *amigo se você ler uma revista pornô jogue fora a mesma, e da sua memória!* (ANEXO, p. 58); *Hamlet os diálogos são muito entediantes* (ANEXO, p. 10); *Sabrina e Júlia¹⁵, que são apenas ilusões fúteis e vazias e não trazem benefício algum é perder o precioso tempo* (ANEXO, p. 34). Se esses títulos, mencionados no presente, são refutados, presume-se que em um passado próximo ou distante já fizeram parte do repertório desses leitores.

Na fonte em que esses leitores recorrem para realizar suas leituras, no caso, a biblioteca, os registros apontam que eles ainda gostariam de encontrar mais literatura do tipo religiosa, depois aventuras, policiais e suspense. Considerando que estão num contexto religioso no qual é comum dizer que se busca em primeiro lugar a religião, vale considerar com mais cuidado a preferência pelos gêneros que vêm depois. Esse fato confirma a argumentação de Candido de que o ser humano tem necessidade de ficção. O autor considera a literatura como uma necessidade vital do ser humano, na mesma proporção da comida ou da roupa, ou do sono e outras necessidades vitais (CANDIDO, 1976).

¹⁵ São títulos de revistas direcionadas ao público feminino jovem.

A Bíblia sempre foi um livro que esteve presente na casa desses leitores, dessa forma, seis deles tiveram contato com ele já na infância, um, na juventude e dois, na vida adulta. Quanto às lembranças que os leitores têm desse contato, somente quatro se manifestaram sobre o assunto, um respondeu que são boas, um respondeu que lhe causou curiosidade, um não conseguiu entender (mas não especificou o quê, se a linguagem, se as narrativas). Na maioria dos casos, a família foi responsável por esse contato.

Atualmente, a maioria desses leitores afirma possuir duas Bíblias presentes em casa, um mencionou três, outro, sete. Estes livros são, geralmente, guardados no quarto, depois, na estante (sala), dessa forma estão, principalmente, inseridos na intimidade desses leitores, segundo Manguel (2002), o prazer derivado da leitura depende em larga medida do conforto corporal do leitor. A leitura desse livro é realizada principalmente de forma individual entre esse grupo de leitores, apesar de também ser realizada como uma prática familiar, num segundo plano. No entanto, seis respondentes, portanto a maioria, alegam não realizar essa leitura todos os dias, três, sim. O período da noite é preferido entre os leitores pela disponibilidade, depois vem o período da manhã. Um dos leitores argumenta ainda: *Pra falar a verdade quando eu sismo eu leio não importa se é de manhã, tarde ou noite* (ANEXO, p. 17).

Os leitores consideram importante a leitura da Bíblia na igreja porque, segundo eles, proporcionam entendimento, conhecimento e sabedoria e levam esse livro para a igreja com o propósito de acompanhar a leitura, prender a atenção e mesmo aprender a manuseá-lo. E, ainda, após as celebrações religiosas, a maioria relê o texto estudado ou “pregado” na igreja “para guardá-lo melhor na memória”. Nesse grupo da CAD, todos lêem nas celebrações religiosas, apenas um afirma não se preparar para essas leituras, os demais, sim, segundo eles, para não cometerem gafes e estarem sempre prontos. Relacionado a essa preocupação pode ser o fato de

cinco deles exercerem cargos na igreja e quatro dos cinco precisarem realizar leituras específicas referentes aos cargos.

Com relação às preferências de leitura dentro da Bíblia, os salmos são os prediletos entre esses leitores, depois, a história de José, em seguida, citações isoladas. A justificativa para a história de José é *pelo conteúdo da narrativa, uma história excepcional* (ANEXO, p. 12), esse depoimento é do leitor de *Espártaco*. Em outro depoimento, José e Ester são citados como referências de humildade, oração, jejum, e um que optou pela parte da história da criação, justifica-se pelo espanto do poder de Deus. Como personagem bíblico preferido, Paulo teve três apontamentos, como exemplo de coragem, determinação e valor.

Partindo do contato com a Bíblia, cinco manifestam necessidade de procurar outras leituras, três, entre os cinco, apontam leituras informativas, dois não justificaram e um busca conhecimentos mais profundos. Das questões 5.22 a 5.27 que tratam mais especificamente de experiências literárias, fora do contexto bíblico, seis, dos nove componentes desse grupo, abstiveram-se de respondê-las. Esse fato mostra que se trata de uma comunidade com pouca experiência de leitura de literatura. Os três que responderam apontaram alguns títulos nos quais conseguiram encontrar alguma relação com as histórias da Bíblia, *Espártaco* lembrou ao leitor a escravidão dos Hebreus e as constantes lutas pela liberdade; *O médico de um olho só* remete à angústia, sofrimento, dor e perdão, sentimentos destacados por esse leitor, provavelmente significativos para ele na leitura da Bíblia. Outro leitor citou a escrava Isaura como personagem próxima das histórias bíblicas pela determinação e capacidade de perdoar. Um dos leitores mencionou a obra *Olhai os lírios do campo* como uma narrativa que faz referências ao “livro sagrado” porque menciona o sermão da montanha no qual Jesus incita as pessoas à prática da humildade.

4.1.2. Os registros da CC

Os registros obtidos pela análise dos questionários respondidos pela CC oferecem as seguintes informações. Os respondentes apresentam-se numa faixa etária entre 24 e 63 anos, até o momento em que foram recolhidos os registros; cinco são mulheres e três são homens. São provenientes de três estados do Brasil: seis do Paraná (entre eles, quatro nascidos em Ivatuba), um de São Sebastião da Amoreira e um de Castro; um de Minas Gerais, da cidade de Campos Gerais, e um de Santa Catarina, da cidade de Peroba. Quanto ao nível de escolaridade, dois possuem curso superior: Letras e Pedagogia; três concluíram o ensino médio; um estudou até o primeiro ano do ensino médio; um cursou até o segundo ano do mesmo nível, e um alega ter curso superior, mas não o especificou.

As famílias de origem dos entrevistados eram compostas, em sua maioria, de lavradores e donas de casa: quatro casais; um casal composto de um lavrador e uma professora; um carroceiro, um pedreiro e um dono de engenho, todos casados com donas de casa. Entre todas as mulheres que compõem ou compuseram esses casais (algumas já são falecidas) somente uma desempenhou alguma atividade além das dependências domésticas. A formação escolar dos pais desses entrevistados varia do analfabetismo ao ensino fundamental, com exceção da mãe professora que cursou o ensino médio. Podemos presumir, portanto, que os entrevistados não foram submetidos a nenhuma forma de mediação para a realização de leituras, por parte de seus pais, com exceção, certamente, do entrevistado cuja mãe era professora.

Com referência aos meios de comunicação que os entrevistados possuíam em sua casa, a maioria, seis, declarou que possuía rádio, somente dois possuíam TV. Um teve acesso ao rádio, TV e aparelho de som, e um não teve acesso a nada. Entre essas declarações, foram apontadas algumas peculiaridades. Um dos entrevistados somente teve acesso ao rádio após os dez anos,

outro, somente possuía em casa o rádio e um violão, e há ainda o caso de um que não possuía nada. No entanto, seis, dos oito entrevistados, possuíam a Bíblia em casa e, entre esses, um, possuía somente esse livro. Os outros declararam circular em casa almanaques, revistas de atualidades, revistas religiosas, romances e poesias, com predominância dos almanaques, em sete, dos oito depoimentos, seguido das revistas que estavam presentes em quatro. As revistas religiosas, os romances e os livros de poesia foram declarados em dois formulários cada um, numa forma esporádica de combinações. Com respeito às outras pessoas que liam em casa, quatro dos entrevistados apontaram irmãos e irmãs que liam almanaques, romances, história em quadrinhos e livros da escola.

As atividades preferidas na infância geraram depoimentos variados. Um declarou a leitura como atividade mais prazerosa na infância, três afirmaram o jogo ou a brincadeira, três preferiam ouvir histórias e um, ouvir música. De acordo com os registros, em seis depoimentos, essas histórias eram contadas, em sua maioria, pela família, dois escutavam histórias pelo rádio, um dos entrevistados declarou que ninguém lhe contava histórias.

As histórias, em sua maioria, eram contos de fada que traziam sensações de medo, alegria, tristeza, revolta e pena nos ouvintes, com exceção daquele que não foi contemplado com essa prática e não respondeu nada. Além das narrativas ouvidas, procurou-se investigar as leituras que essas pessoas realizaram na infância, as respostas revelaram histórias de Monteiro Lobato, *Branca de Neve*, *João e Maria*, *Dom Casmurro* e os textos da cartilha de alfabetização *Caminho Suave*. Um dos entrevistados não citou a ocorrência de leituras na infância, porque somente aprendeu a ler depois dos dez anos. Os livros chegavam às mãos dos leitores por intermédio de alguém da própria família ou eram retirados da biblioteca escolar; um declarou que os livros eram de um amigo; e, também, somente um recorria à biblioteca municipal.

Devido à idade dos entrevistados e o fato de possuírem um nível de escolaridade médio, atualmente não estudam mais; quatro declararam que somente realizam estudos religiosos e um, estudos profissionais, um para admissão em um concurso de sargento, outro, cursos adicionais para cabeleireiro. As leituras espontâneas que declararam realizar até o momento da pesquisa são, na maioria das respostas, de natureza religiosa: seis pessoas apontaram esse tipo de leitura, um para se distrair, e um respondeu que gosta de leituras para aprender coisas úteis. Se, na infância, os entrevistados declararam buscar sua fonte de leitura em casa e na biblioteca escolar, atualmente, são os amigos, fonte mais citada de busca, em seguida, a livraria, que também não existe no município. O ponto de referência mais próximo é a cidade de Maringá. As leituras mais solicitadas são de natureza religiosa, em segundo lugar, as de auto-ajuda; três citaram poesia; três, ficção e, entre esses, um especificou livros de detetive e temas policias. No complemento a essa resposta, seis mencionaram títulos de livros, dois não mencionaram. Alegaram, em sua maioria, que essas leituras foram realizadas por iniciativa pessoal; dois, mencionaram a escola como mediadora e um, os amigos.

Com respeito às leituras citadas, as mais apreciadas foram os livros religiosos, quatro pessoas apontaram essa categoria; dois, mencionaram a Bíblia e dois não responderam. Todos os seis que apontaram sua predileção justificaram sua resposta com argumentos que usariam para convencer alguém a ler esses mesmos livros. Os mesmos dois entrevistados que não responderam, da mesma forma, não argumentaram nada. E também não responderam sobre os livros que não recomendariam a uma outra pessoa, como também não citaram que outro gênero de leitura gostariam de encontrar em sua fonte de busca. Podemos concluir que esses dois, definitivamente, não são leitores de nenhum outro gênero de leitura além da Bíblia. Entre os outros entrevistados, somente um citou um livro que não recomendaria a ninguém, trata-se do livro *O Exorcista*, justificou-se alegando que esse livro causa angústia, medo e deprime o leitor,

mas também afirmou ter realizado essa leitura, porque representava um desafio de encarar o mal de frente.

Para finalizar essa etapa das leituras atuais, os seis entrevistados, que responderam até o final, alegaram que gostariam de encontrar mais leituras religiosas em sua fonte de busca, em segundo plano, leituras técnicas.

A última etapa desse questionário mostra que, com exceção de dois dos entrevistados, todos sempre tiveram a Bíblia em casa, o contato com esse livro aconteceu nas seguintes proporções: dois, na infância; quatro, na juventude; e dois, na vida adulta. Todos responderam terem vivido experiências positivas no contato com essa leitura. A família, da mesma forma como os amigos, figuram como os principais mediadores desse livro (três respostas para família e três respostas para os amigos), e somente duas respostas apontaram os religiosos como responsáveis por esse contato, dentro dessa comunidade.

Atualmente, os entrevistados possuem uma média de três Bíblias em casa, que ficam dispostas no quarto e na sala. Mais pessoas da família as lêem, além dos entrevistados, e predomina a forma individual de leitura. O questionário ainda indicou que, dos oito, cinco lêem esse livro diariamente, a maior parte pela noite, quando tudo é mais calmo, e três também lêem pela manhã, para buscar orientação. A Bíblia, na concepção desses entrevistados da CC, é considerada como amuleto de proteção: *Pela manhã pedir proteção a Deus o dia todo* (ANEXO, p. 108); alimento: *abasteço o meu coração* (ANEXO, p. 96); como também fonte de conhecimento e meditação. Todos os entrevistados exercem cargos na igreja, o que os levam a considerarem a Bíblia principalmente como *instrumento de trabalho* (ANEXO, p. 84) e, além desse livro, que está no rol das leituras obrigatórias, também estão presentes outras leituras, de caráter religioso, para orientação.

Os personagens bíblicos apontados pelos respondentes como destaque foram: Isaías, Paulo, Pedro, Moisés, Jó, o bom samaritano, o filho pródigo e Jesus. A escolha foi atribuída às manifestações expressas pelos personagens de decisão, perseverança, fraternidade, coragem, obediência, amor, paciência, fé, e porque as atitudes destes, no depoimento de um dos entrevistados, *nos ajuda a crescer na graça de Deus* (ANEXO, p. 91).

A leitura da Bíblia, de acordo com os registros, suscita nos respondentes a necessidade de realizar outras leituras. Na maioria dos casos, essas leituras são de natureza religiosa e informativa, assinaladas em cinco respostas, combinadas, ou não. O interesse manifesto por essa comunidade está voltado, principalmente, para a história de povos de civilizações passadas e para a criação do universo. Na modalidade religiosa, os leitores relacionam personagens das histórias lidas aos personagens bíblicos, com destaque para Maria, presente na maioria das respostas, seguida de José, Moisés e Judas. Em um dos casos, um respondente comparou Ester a Chico Mendes porque, segundo este leitor, ambos envolveram-se em uma luta a favor da vida do povo, colocando a sua própria em risco. Tiradentes também foi comparado a Jesus porque se rebelou contra a situação estabelecida para que as pessoas tivessem uma vida melhor e morreu em defesa de uma causa pública, na opinião do entrevistado. Estes encontraram identificação entre os personagens da Bíblia e pessoas da história real, não encontraram identificação com personagens de outras narrativas. O pouco contato com a literatura pode impedir essa aproximação.

4.1.3. Os registros da CA

De acordo com a explicação dada no capítulo Caminhos Trilhados, somente três questionários foram respondidos nessa comunidade. Foram, em sua totalidade, respondidos por jovens, dois com vinte e um anos e um com vinte e dois. Todos, até o momento da pesquisa, eram

estudantes de curso superior. Um cursava Administração, outro Comunicação e, o terceiro, Medicina.

Os entrevistados provêm de dois estados brasileiros. São Paulo, da cidade de São Paulo e Paraná, um da cidade de Curitiba, outro da cidade de Guaraqueçaba. Somente um casal, entre os pais dos componentes desse grupo, possui curso superior: Administrador e Secretária Executiva.

Os entrevistados da CA declararam usufruir todos os recursos tecnológicos mencionados no questionário 1, pergunta 2.4 que investiga quais recursos possuíam em sua casa e, ainda, fizeram algumas complementações. A única exceção foi um respondente que assinalou somente duas opções: rádio e televisão.

Na história desses adolescentes da CA, dois deles mostraram que pai, mãe, irmãos e avós liam, já o terceiro declarou que ninguém lia em sua casa. A Bíblia foi apontada como principal material de leitura presente nos três questionários respondidos, seguida de materiais religiosos, revistas de atualidades e romances. A leitura aparece, na infância, como atividade preferida em um dos questionários (questão 3.1), em outro, é a música e, em um terceiro somente jogar ou brincar. Esta questão solicita aos respondentes que enumerem suas atividades na ordem de sua preferência, subentende-se que o terceiro não a tenha entendido.

Na investigação realizada sobre as histórias ouvidas na infância, a mãe está presente em todos os apontamentos como contadora, seguida do pai. Entre as histórias contadas pela família, apontadas pelos respondentes, estão: *A vida de Moisés*, *Patinho feio* e *folclore*, *fantasmas*, *alegorias*. Os sentimentos que essas histórias provocaram nos ouvintes foram de alegria, medo, esperança e admiração.

Quanto às leituras realizadas na infância, os títulos mencionados são: *Poliana menina*, *Antônia*, *Chapeuzinho vermelho* e *da bíblia*. As histórias lidas proporcionaram, segundo os respondentes, *aventura*, *otimismo* e o primeiro título mencionado indica como *lidar com medo*,

vergonha, auto-estima. Essas leituras foram realizadas com material conseguido principalmente em casa, depois com os amigos.

Atualmente, segundo os registros, as leituras realizadas são, respectivamente, para aprender religião, coisas úteis e para distração. As fontes dessas leituras, até o momento da realização da pesquisa, são, na ordem dos apontamentos, os amigos, as bibliotecas, as livrarias, os professores e a internet.

Os tipos de leituras realizadas e apontadas como as mais procuradas nessas fontes são, em primeiro lugar, de natureza religiosa e escolar, segundo lugar, ficção e auto-ajuda. Quando os componentes da CA foram solicitados a especificar algumas dessas leituras, provenientes das fontes citadas, apontaram literatura religiosa como: *Liderança cristã, História da redenção, Bíblia, Aquele que fez o mundo, Pai rico, pai pobre e Ben Carson*; informativas: *aprender sobre comportamentos sociais, muito sobre isso. descobrir ou confirmar os “porquês”, (porque isso existe?) ... etc.* (ANEXO, p. 126). Eles não mencionaram títulos de obras. Foi citado apenas um título de literatura: *Sherlok Holmes (vários)*.

O maior motivo apontado para a realização das leituras, de acordo com três respostas, foi escolha pessoal. Um assinalou todas as alternativas: trabalho escolar, indicação de amigos, indicação do professor e escolha pessoal.

Entre essas leituras realizadas, de caráter religioso e não religioso, os respondentes indicaram títulos que recomendariam a alguém. Um indicou *Pollyana Menina* porque, segundo sua opinião, *é uma história incentivadora. Ajuda a olharmos a vida com otimismo* (ANEXO, p. 114). Outro indicou a *Bíblia* e justificou sua escolha: *o estudo cuidadoso revela lições para diversos aspectos da vida (social, psicológico, econômico, religioso)* (ANEXO, p.120). E o terceiro indica os títulos *Sonhando Alto* e *O grande conflito*, alega: *Nossa mente é fechada e só*

podemos entender algumas coisas quando permitimos que ela se abra – através da leitura (ANEXO, p. 126).

A justificativa para a indicação dessas obras possui, em termos gerais, um caráter pragmático. A leitura, de literatura ou não, possui caráter direcionador. A leitura da Bíblia é encarada como norte para as atitudes cotidianas e a literatura parece, nesse caso, também adquirir o mesmo fim, como no caso de *Pollyana Menina*. *O grande conflito* e *Sonhando alto* parecem ser literatura de auto-ajuda, pelas justificativas que lhes são apresentadas e pelo fato de essa modalidade de leitura ter sido uma das que ficaram em segundo lugar nas indicações.

Os três apontaram que gostariam de encontrar, em sua fonte de pesquisa, materiais que fornecessem leituras do tipo religioso e técnico, na mesma proporção. Um priorizou a leitura religiosa ao assinalar, com o número 1, a alternativa que indica essa opção, numa questão que é somente para assinalar, com um X, os gêneros de leitura que o leitor gostaria de encontrar em sua fonte de pesquisa. O mesmo respondente, depois, segue enumerando suas opções, por ordem de importância para ele. Para a mesma questão, outro assinalou com um X somente a leitura técnica, e o terceiro assinalou com um X, várias das alternativas. Entre eles, dois manifestaram interesse em encontrar literatura em sua fonte de pesquisa. Todos os três complementaram a questão com outros assuntos que gostariam de encontrar: *marketing; comunicação; gestão de projetos; tecnologia. Assuntos relativos à minha formação profissional. Comportamentos... vida, etc... relacionamentos*. Neste complemento, dois estão preocupados com a formação profissional, um com assuntos pessoais.

Com respeito à leitura e à presença da Bíblia, na vida dos entrevistados, os registros afirmam que todos sempre tiveram esse livro em casa e, também, dois deles, desde a infância, já haviam tido contato com ele, outro, na juventude. Dos que conheceram o livro, na infância, um alegou que não se recordava desse momento porque ainda era muito bebê, o outro não declarou

nada. O que teve o primeiro contato na juventude escreveu: *era tão estranho, parecia ilusão*. A família foi a responsável por esse encontro em duas das respostas. O terceiro declarou que ninguém o conduziu a essa leitura, talvez, por isso, o tenha considerado estranho. Arnold Hauser (1977) enumera a igreja como uma mediadora de leitura, na ausência desse trabalho de mediação, o texto bíblico pode parecer complicado para o leitor, dependendo de sua faixa etária, meio social e estruturas lingüísticas das quais se utiliza para interagir.

O número de exemplares desse livro que os respondentes possuíam em sua casa, até então, variavam, entre três e oito exemplares, perfazendo uma média de cinco livros por casa. Nas residências, eles estão guardados em estante, escritório, biblioteca, guarda-roupa, cômoda e cabeceira da cama.

A leitura da Bíblia, em duas das respostas, é realizada também por outros membros da família, em um caso, ninguém mais lê esse livro. Nos dois casos em que outras pessoas também lêem, a leitura é realizada de forma coletiva, no outro caso, individual. A frequência dessas leituras foi registrada em uma resposta como diária e, em duas, nem todos os dias. O momento do dia em que são realizadas essas leituras são, preferencialmente, à noite, por diversos motivos, por *devoção pessoal* (ANEXO, p. 121), *período de meditação (...) ao deitar* (ANEXO, p. 115); *Porque estudo na Faculdade e durmo tarde. À noite estou mais acordada* (ANEXO, p. 127). Pela manhã também são realizadas essas leituras por devoção e meditação.

As leituras da Bíblia, realizadas na igreja, são consideradas importantes para os componentes da CA participantes da pesquisa. Elas são entendidas como confirmação da palavra de Deus, porque abordam pontos de vista com aplicações diversas das do leitor e porque a existência da igreja está baseada nesse livro.

Todos os respondentes consideram importante levar a Bíblia para a igreja porque ajuda na concentração durante o sermão, promove a interação entre pregador /palavra/ ouvinte: *em vez de*

ser apenas passivo ele se torna um membro ativo (ANEXO, p. 115). Segundo um dos respondentes, a comparação entre traduções diferentes amplia o entendimento.

Quanto aos textos lidos na igreja, dois dos respondentes afirmaram não realizar a releitura, um justificou-se pela preguiça, outro não justificou. Apenas um relê, mas afirma que não é regra, quando o faz é para meditação. Todos participam da leitura da Bíblia nos cultos, um afirmou que não se preparava com antecedência para essas leituras, os outros dois sim. Um entendeu essa preparação como constante oração, outro alegou que: *O serviço de Deus deve ser preparado diligentemente* (ANEXO, p. 121). Dois dos respondentes da pesquisa exercem cargos na igreja, nenhum realiza leituras específicas para o exercício desse cargo.

Algumas das histórias ou livros da Bíblia apontados como preferidos nesse grupo são José e Gênesis. Dois participantes apontaram o primeiro, um deles justificou a escolha porque José, segundo ele, *foi um dos maiores símbolos de auto-fidelidade e a Deus também. “Era perfeito”* (ANEXO, p. 128). O que apontou Gênesis diz ser fascinado pelas histórias dos patriarcas porque revelam o quanto Deus protege seu povo. José foi o personagem mencionado como preferido entre os três respondentes, as características destacadas nesse personagem foram a fidelidade a Deus, ao seu povo, e a pureza. Depois vem Moisés que foi destacado pela sua capacidade de liderança e confiança em Deus, também Éster foi mencionada, mas sem justificativa.

A leitura da Bíblia, de acordo com os registros, remete a outras leituras, no entanto, essas leituras, em sua maioria, são somente de caráter religioso e informativo. O objetivo dessas leituras, segundo dois dos respondentes, é buscar confirmação das profecias e das palavras de Deus, como também a busca da compreensão dos costumes, da cultura e da geografia da época das narrativas.

As questões seguintes à questão 5.22, que investigam uma possível relação entre as narrativas bíblicas e a literatura, somente foram respondidas por dois dos integrantes da CA. Um deles percebeu uma relação entre *Moby Dick* e a história de Jonas e acrescentou: *a universalidade das Escrituras Sagradas está registrada em muitas obras* (ANEXO, p. 122), outro, entre *A galinha que morreu para salvar seus filhos* e Jesus. A relação foi percebida de forma positiva pelos dois respondentes: (...) *a intertextualidade enriquece as conclusões e facilita o entendimento* (ANEXO, p. 122), outro porque, por meio das leituras, pode confirmar o que conhece de Deus.

Essa é uma comunidade cujas leituras são principalmente direcionadas à Bíblia. Considerando o fato de comportar um estabelecimento de ensino do nível fundamental até o superior, todas as outras modalidades de leitura, inclusive a literatura, são consideradas de forma pragmática. As leituras, ou servem para auxiliar numa boa formação e conduta moral, ou são instrumentos para a formação profissional.

4.2 Considerações sobre as comunidades

De acordo com os registros levantados, por meio das respostas obtidas do primeiro questionário, algumas considerações podem ser pontuadas.

Um aspecto relevante, destacado pelos respondentes, trata-se da mediação da leitura realizada dentro de casa. Principalmente na infância dos respondentes da CC e da CA, a figura da mãe foi importante no contato com a literatura. A experiência relatada por Petit (2001), mostra que a figura feminina acompanha algumas histórias de leitores na França, o presente estudo faz a mesma constatação. A mãe estabelece a relação mulher/criança/livro, significativa para a ampliação do mundo imaginário dos leitores que, segundo a autora, não é algo com que se nasce, mas se elabora, enriquece e se trabalha em cada encontro alterando o indivíduo.

Outra questão, revelada nos registros, que requer atenção, é o papel desempenhado pela biblioteca. Na CAD, na qual a maioria dos respondentes, utilizava a biblioteca para realizar suas leituras na infância, foi apontado um repertório maior de títulos lidos, nesse mesmo período da vida, que as outras comunidades. Nos registros da CAD, que mostram as leituras atuais dos participantes, também pode ser percebido um repertório maior de títulos lidos e dos não recomendados, inclusive, com justificativas. Na CC e na CA, a família aparece como fonte fornecedora das leituras. Na última, predominam leituras de natureza religiosa.

Na comunidade do Jardim Refúgio, onde residem os participantes da pesquisa da CA, até então, não havia uma biblioteca pública que oferecesse um acervo disponível para a prática da leitura. As bibliotecas mais próximas dessa comunidade estavam localizadas no IAP e na FAP e seus acervos estavam direcionados aos estudantes do ensino fundamental, médio e superior.

O jardim Refúgio é um bairro do município de Ivatuba. No entanto está localizado mais perto do IAP do que da cidade, fator que dificultaria o acesso à biblioteca do município, se houvesse uma.

Atualmente, em Ivatuba, cidade de referência da CC e da CA, não há mais biblioteca pública, de forma que só os estudantes têm acesso ao acervo das escolas. Os participantes da pesquisa da CC, que residem no município, já estão fora da comunidade escolar, portanto, como no caso da CA, não há uma biblioteca disponível para que busquem outro tipo de leitura, além da Bíblia.

Petit (1999) discute que a biblioteca pode ser um local de encontros e debates de conteúdos sociais e um lugar de convivência. Portanto, além de fomentar a prática da leitura, de acordo com a autora, o convívio das pessoas, na biblioteca, suscita a partilha de idéias e o exercício do raciocínio, tão abandonado na sociedade atual pela maioria das pessoas. Petit (1999)

afirma que “como se dentro da vocação mesma da biblioteca fosse, em todos os sentidos, o lugar de linguagem compartilhada” (p.102).

A leitura da Bíblia, de acordo com os registros, suscita nos respondentes a necessidade de buscar outras leituras de textos informativos e de natureza religiosa, eles não mencionaram literatura. Diante dessa leitura dos registros, nota-se que os respondentes das três comunidades não são leitores de literatura, tiveram contato com ela, por meio das histórias ouvidas ou da escola, mas não se tornaram leitores desse gênero.

Nesse *corpus* selecionado, a leitura da Bíblia não contribuiu para a formação de leitores dos vários gêneros de leitura, embora demonstrassem algum interesse pela leitura informativa. De acordo com os registros, ficaram restritos à leitura da Bíblia, livro considerado como fonte de instrução para a vida, e mesmo as narrativas que o compõem eram lidas como tal. A recepção que essas comunidades têm desse livro assume, principalmente, a função que Jauss pontua, para a literatura, de antecipadora de experiências. Considerando o horizonte apresentado, o capítulo seguinte analisa a recepção realizada de *Olhai os lírios do campo*, por essas comunidades.

Capítulo 5

Encontro Com os Lírios

5.1 A recepção sobre a ótica dos leitores

Essa etapa da pesquisa analisa a recepção de *Olhai os lírios do campo*, nas comunidades integrantes da pesquisa, levando em consideração o perfil dessas comunidades, levantado no capítulo anterior. Como descrito no capítulo 2, somente quatro questionários foram encaminhados às comunidades, de acordo com o número de obras disponíveis para leitura. Dos quatro, três, de cada comunidade, retornaram respondidos.

5.1.1 A recepção da CAD

A CAD, nessa etapa, ficou caracterizada por um grupo jovem, com dezoito, vinte e quatro e vinte e oito anos, no qual o primeiro e o terceiro são homens.

O nome de Érico Veríssimo é conhecido pelos respondentes da Comunidade Assembléia de Deus. Um deles conhece Veríssimo dos livros didáticos, dois não se recordam de onde. Embora os três respondentes já soubessem algo do autor, não conheciam a história sugerida para leitura.

No contato com *Olhai os lírios do campo*, de acordo com os depoimentos escritos, a impressão dos componentes da CAD foi positiva, segundo eles, *O enredo (...) envolve o leitor*, (ANEXO, p. 145), *Porque fala sobre temas polêmicos* (ANEXO, p. 131), *O desenvolvimento da história é muito completa e fascinante. Mostra as faces do ser humano*. (ANEXO, p. 138). No entanto, ao responder a questão quatro do questionário, que pede aos leitores que copiem um trecho da história que mais lhes tenha chamado a atenção, somente o que falou sobre o enredo

transcreveu: *'Viver como certos homens vivem é simplesmente inumano. Procurar a riqueza por amor é fugir da vida.'* (Cap. 17, pg. 260). Este trecho fala sobre pessoas que tentam enriquecer se casando, mas sempre se arrependem depois. (ANEXO, p. 146). Esse leitor tem dezoito anos, em sua leitura, destacou a questão do casamento por interesse. Ao mesmo tempo, já deixou expressa sua opinião de que esse tipo de relacionamento tende ao fracasso. Ele não se identificou com nenhum personagem, mas citou o personagem Ernesto, cuja rebeldia, segundo ele, o fez recordar seu irmão. Esse personagem o fez retomar fatos de sua vida.

Os outros dois respondentes também não se identificaram com nenhum dos personagens. Um deles, inclusive, não encontrou semelhança entre nenhum personagem com alguma pessoa que ele conhecesse. No entanto, o outro encontrou, no otimismo do personagem Olívia, uma identificação com o namorado de sua sobrinha. Esse leitor, de vinte e oito anos, atentou para essa característica de Olívia, que, de acordo com ele, a fez vencer os inúmeros obstáculos apresentados na narrativa.

Com relação ao personagem preferido, o mesmo leitor mencionou Eugênio; o rapaz de dezoito, o Dr. Seixas; a leitora, de vinte e quatro anos, citou o personagem Olívia. Os leitores elegeram personagens homens como preferidos, a leitora, a personagem feminina principal. Sarland (2003) salientou a diferença da recepção de um texto literário entre leitores femininos e masculinos, numa pesquisa realizada com um grupo de adolescentes e jovens. Essas diferenças, de acordo com o autor, ainda podem variar de acordo com a idade e o grupo social ao qual pertencem os leitores.

O leitor, que apontou o personagem Dr. Seixas como seu preferido, justificou sua escolha: *Pois ele não fantasiava muito a vida* (ANEXO, p. 147). O mesmo argumento ele utiliza para eleger Olívia como o personagem que menos lhe agradou: *ela tinha muitas filosofias de vida, fantasiava demais* (ANEXO, p. 147). Esse mesmo leitor entendeu a história dessa obra como uma

discussão sobre casamento de interesses, de costumes daquela época, sobre amor e afeto (ANEXO, p. 147). Essa definição se justifica na resposta da questão dez, na qual ele relatou que a obra o remeteu a fatos reais de sua vida: *Sim, troquei alguém de que gostava por outra pessoa* (ANEXO, p.147). O leitor não se identificou com nenhum personagem, mas aproximou-se da narrativa, por meio de uma das situações mostradas no texto.

Arnold Hauser (1977) afirma que leitor como tal, não desempenha uma ação meramente receptiva. Da mesma forma que o autor, no momento da produção, evoca suas vivências e seus conhecimentos sobre a arte para produzi-la, o leitor, ao recebê-la, completa seu significado seguindo os mesmos passos. Como expectador efetivo, esse leitor, de dezoito anos, interagiu com o criador e com a obra, fato que caracteriza o aspecto dialógico da literatura.

O outro leitor preferiu Eugênio, entre os outros personagens, pela perseverança que demonstrou ter, segundo ele. O personagem que menos gostou foi Isabel devido ao fato de ter cometido adultério. O que mais lhe chamou a atenção na história foi o aspecto moral: *Diria que é uma história que mostra as qualidades e defeitos das pessoas de uma forma muito aberta* (ANEXO, p. 133). A história em nada o fez lembrar de algo ocorrido em sua vida.

A leitora, diante de tais questões, elegeu Olívia, pelo seu otimismo, como o personagem que mais gostou. O personagem Dr. Teixeira Torres foi o que ela menos gostou devido à mania de grandeza que identificou nesse personagem. A narrativa, para essa leitora, *relata uma história sobre interesses materiais (passageiros)* (ANEXO, p. 140). Nenhum episódio a fez lembrar de fatos de sua vida. Inclusive, não acredita que a história possa ajudá-la a compreender situações e acontecimentos cotidianos, essa opinião é compartilhada, também, pelos outros dois leitores. Nenhum deles justificou sua opinião.

Para o leitor de dezoito anos, a situação que mais lhe chamou a atenção foi *A convivência de Eugênio com sua filha* (ANEXO, P. 148), mas não a caracterizou com nenhuma das opções:

divertida, triste, séria, difícil ou outras que julgasse adequada. Os personagens envolvidos são Eugênio e Anamaria e, de acordo com esse leitor, foi *O forte sentimento pela filha e a lembrança de Olívia* (ANEXO, p. 148) que ajudaram o personagem Eugênio a enfrentar esse obstáculo. A situação, a que o leitor se refere, diz respeito à indecisão de Eugênio quanto a manter seu casamento com Eunice ou abandoná-lo e assumir sua filha Anamaria, fruto do seu amor com Olívia. Esse leitor concorda com o personagem quanto à sua decisão e acrescentou, que, se estivesse no lugar do personagem, *Tentaria ser ainda mais carinhoso com minha filha* (ANEXO, p. 149). De acordo com essa última resposta, o texto narrativo, neste ponto, antecipa uma atitude nesse leitor.

Os outros dois leitores, a jovem de vinte e quatro anos e o jovem de vinte e oito, a partir da questão onze, deram as mesmas respostas. A situação que chamou a atenção de ambos se localiza no início da narrativa, na parte em que Eugênio se dirige ao hospital: *O desespero de Eugênio que queria ir até Olívia antes que morresse. Situação triste* (ANEXO, p. 134), e: *O desespero de Eugênio em chegar até Olívia antes que morresse. Situação difícil* (ANEXO, p. 141). De acordo com as citações, percebe-se que essas respostas são diferenciadas por algumas palavras, mas mantêm a mesma idéia. Na opinião desses leitores, Eugênio conseguiu superar essa situação com: *A perseverança e o amor* (ANEXO, p. 134). A escolha desses dois substantivos como resposta traduz um aspecto do vocabulário que compõe o repertório ou o horizonte desses leitores, marcado pelo discurso religioso.

Segundo eles, o personagem Eugênio agiu *Corretamente* (ANEXO, p. 149) e *Corretamente em partes* (ANEXO, p. 135), mediante a situação difícil enfrentada, mas não justificaram o porquê. Se esses jovens estivessem no lugar do personagem, alegaram que agiriam de forma *Semelhante* (ANEXO, p. 142) ou *Mais ou menos semelhante* (ANEXO, p. 135).

As respostas desses dois leitores, a esta etapa do questionário, não apresentam uma análise mais consistente da narrativa, são dadas de forma vaga e não traduzem com clareza o efeito produzido pelo contato com o texto literário.

O leitor de dezoito anos não encontrou dificuldades para compreender a narrativa, nem o modo como os personagens falam, segundo ele: *Fácil, a linguagem não é complicada* (ANEXO, p. 149). Os outros dois leitores consideraram a *Linguagem meio difícil* (ANEXO, p. 135) e *Um pouco difícil* (ANEXO, p. 142). Ao considerar essa afirmação, de que o leitor encontrou dificuldade na leitura, pode-se entender, então, o caráter vago de suas respostas. Arnold Hauser (1977) argumenta que, quando se trata de uma literatura de massa, há muitos critérios que são observados para uma facilitação da leitura e sua compreensão. Mas se é uma obra distante no tempo, muito nova ou ricamente trabalhada, e se o leitor é ainda menos experiente, faz-se necessária a figura do mediador. Embora todos os três leitores percebessem a época da narrativa como a primeira metade do século XX, esses dois leitores tiveram dificuldades para interagir com a obra devido à linguagem. Ressalta-se, também, que não houve nenhuma mediação no sentido de ajudar na compreensão da obra.

Os leitores estabeleceram uma relação entre a história da narrativa e a atualidade. O leitor mais jovem apontou *a cobiça e a vontade de enriquecimento das pessoas* (ANEXO, p. 149) como o fato que estabelece essa relação. Para os outros dois leitores, os fatores de identificação são *Os conflitos armados* (ANEXO, p. 135 / 142).

O título *Olhai os lírios do campo* remeteu os leitores diretamente à narrativa bíblica, mais especificamente, ao sermão da montanha. Os três leitores não encontraram nenhuma identificação entre os personagens da obra lida e os da Bíblia. Em nenhuma das três respostas, também, os leitores apontaram situações vividas pelos personagens que revelassem algum conhecimento, por parte deles, da narrativa bíblica. Segundo o leitor mais jovem: *alguns personagens parecem não*

se interessar por religião (ANEXO, p. 150), os outros dois limitaram-se a mencionar o personagem Olívia.

O leitor mais jovem foi um pouco mais específico em suas respostas, porém, nos registros fornecidos por essa comunidade, não é possível encontrar marcas da realização de uma leitura mais profunda da narrativa, provavelmente pela dificuldade de compreensão. Esses leitores tiveram uma visão da obra como parte da realidade, considerando sua experiência vital como peso maior no processo da significação. De acordo com o perfil dessa comunidade, revelado no capítulo quatro, o infreqüente contato com a literatura fez com que esses leitores tivessem poucos parâmetros para comparação. Dessa forma, tendem a somente compreender a narrativa e a compor seu significado como parte de suas vivências e experiências, aspecto mais marcado no leitor de dezoito anos.

Para Hauser (1977), a essência de uma obra está em sua compreensão, que depende tanto da sensibilidade artística do leitor quanto do seu conhecimento, e também oscila de acordo com a individualidade desse leitor. Sem outras leituras, o leitor não adquire sensibilidade artística e conhecimento sobre o assunto. Passa a contar, portanto, somente com a sua individualidade que se manifesta por meio de suas vivências e experiências. Acrescente-se o fato de que, segundo o autor, se forem obras distantes no tempo, o conhecimento histórico é indispensável.

5.1.2 A recepção da CC

Os leitores dessa comunidade, que participaram dessa segunda etapa, são mais velhos que os da comunidade analisada anteriormente, trinta e nove, cinquenta e cinco e sessenta e quatro anos, e são todas mulheres. As duas primeiras já conheciam o autor, inclusive, a leitora de cinquenta e cinco anos mencionou algumas obras dele: *Incidente em Antares*, *Música ao longe*, *O tempo e o Vento e outros* (ANEXO, p. 167). Essa leitora também já conhecia o título proposto

para leitura, ela teve acesso a esse e aos outros títulos em uma biblioteca escolar. A outra leitora, de trinta e nove anos, que conhecia o autor, alegou tê-lo conhecido por meio de uma novela, não especificou se escrita ou televisiva. Mas não conhecia o título proposto para a leitura.

Todas consideraram a leitura interessante e argumentaram:

É uma história que mostrou a realidade de várias pessoas na luta do dia a dia, das derrotas, das vitórias, etc... (ANEXO, p. 153);
 por que nos leva a uma reflexão sobre a família. Eugênio ao mesmo tempo que se envergonhava dos pais e do irmão, lutava para vencer na vida e dar um vida para os seus e tirar a mesma da miséria (ANEXO, p. 167);
 se trata de uma família pobre (ANEXO, p. 160).

Diferentemente da primeira comunidade, todas as leitoras dessa comunidade citaram trechos da narrativa que mais lhes chamaram a atenção. À leitora mais nova, agradou o final da narrativa, porque, *apesar de ter perdido muitas coisas importante no decorrer de sua vida, (mas) ainda lhe restava outras coisas para continuar e o principal era a filha* (ANEXO, p. 154). Outra, redigiu o momento da mesa de jantar, quando Eugênio foi zombado na escola pelas calças rasgadas.

A leitora mais velha também mencionou quatro trechos do relacionamento de Eugênio com sua família, narrados na infância desse personagem. Essa leitora identificou-se com o personagem Alzira, o fator de aproximação foi, segundo ela: *Nos cuidados com os filhos* (ANEXO p. 161). De acordo com a leitora, a característica que se destaca, no personagem mencionado, é a dedicação à família. Identificou seus filhos, na infância, com Ernesto e Eugênio porque *são iguais eles quando eram crianças* (ANEXO, p. 161), mas não especificou em quais aspectos. Seu personagem preferido foi Eugênio, porque *Ele acreditava em Deus e temia a Deus que a mãe queria fazer ele amar/ pensava em ganhar dinheiro para ajudar a família sair da miséria* (ANEXO, p. 162). Não houve nenhum personagem que essa leitora não tivesse gostado

e justificou que *Eles são interessante como se fosse na vida real* (ANEXO, p. 162). A mesma justificativa foi dada para o assunto da história: *Que é uma história maravilhosa. É como se estivessem vivendo uma vida real* (ANEXO, p. 162). Essa ênfase em relacionar a realidade com a ficção é reforçada na resposta da questão dez, na qual a leitora afirmou que a narrativa a fez lembrar de fatos vividos: *Já e como vivi/ A minha vida lá na vida deles de criança/ Morava no sítio e também era muito pobre* (ANEXO, p. 162). Segundo essa integrante da CC, a narrativa a ajudou a compreender situações da vida real, porque ela já tivera uma vida de pobreza, semelhante à dos personagens, de acordo com sua resposta.

As outras duas leitoras elegeram Olívia e Eugênio como os personagens parecidos com elas. A leitora de cinquenta e cinco anos identificou-se com Olívia pela fé: *A mesma profissão de fé; corajosa, cautelosa e muito religiosa. Seus escritos as cartas tinham um valor evangélico (crente em Deus)*. (ANEXO, p. 168). A mesma leitora encontrou em Dona Alzira semelhanças com sua mãe *porque ao mesmo tempo que suspirava numa tarde fria de inverno, alimentava o sonho de ser feliz (dias melhores virão)* (ANEXO, p. 168). Para essa leitora, a “tarde fria de inverno” contrasta com “dias melhores”, os elementos naturais mencionados auxiliam na composição da carga semântica da expressão, utilizando, assim, o mesmo recurso que o narrador, de acordo com a leitura apresentada no capítulo três. Essa leitora conseguiu, além do nível semântico, também usufruir do nível estético da obra e incorporar, ao seu horizonte, uma forma de expressão trabalhada no texto lido.

Além de eleger o personagem Olívia como o mais parecido com ela, a leitora em questão apontou o mesmo personagem como seu preferido e justificou: *Porque era a mais sensata e decidida a encarar a vida de frente, além de ter um coração bondoso* (ANEXO, p. 169). Nesse caso, houve uma identificação completa entre o personagem Olívia e a leitora. Esta também argumentou sobre a escolha do personagem que menos gostou, Eunice, esposa de Eugênio:

porque era arrogante, jogava na cara de Eugênio que lhe havia comprado. Prepotente e ambiciosa (ANEXO, p. 169). De acordo com essa leitura particular, o assunto da história é um romance lindo, cheio de intrigas e buscas pessoais, por parte do personagem Eugênio, e as cartas de Olívia, de acordo com ela, recebem uma aura sacra: *trechos evangélicos* (ANEXO, p. 169).

A narrativa despertou, nessa leitora, imagens de sua infância:

Sim. O badalar dos sinos (pág. 45) lembrei quando criança adorava ouvir o sino da igreja, toda vila a rezar. Minha mãe vestia eu e minhas irmãs com vestidos de chita com laços enormes e íamos para a igreja ouvindo o sino tocar. Nunca mais deixei de ouvir. Era como se fosse os anjos cantando e dizendo venham, venham a missa vai começar. Íamos arrastando os chinelos na areia. Mamãe dizia: se rirem dentro da igreja vou dar um beliscão. Sempre era eu que apanhava, pois achava graça em tudo, até mesmo do grupo de canto. (ANEXO, p.169)

Pelo seu depoimento, também, a leitura de várias outras obras literárias a levou a compreender situações e acontecimentos da vida real e despertou nela uma atitude:

Porque só depois de ler dezenas de romances, poesias e literaturas, foi que me despertou uma vontade louca de saber mais e descobri tudo ao mesmo tempo, pois foi através dos livros que acabei numa Faculdade que para mim, foi a realização de muito esforço, visto que como Eugênio, eu também era muito pobre. (ANEXO, p. 170)

No caso da leitora mais jovem, o personagem com quem ela mais se identificou foi Eugênio. O sentimento de insegurança uniu o personagem à leitora: *Quando vou fazer algo pela primeira vez, mesmo tendo certeza que sei, fico insegura, mas tudo sai bem.* (ANEXO, p. 154). Também apontou o personagem Ernesto como parecido com seu tio, que era alcoólatra, e fez a família sofrer muito com isso, segundo seu depoimento. O personagem do qual mais gostou foi D. Alzira e justificou a escolha pela dedicação à família: *mesmo tendo que enfrentar tantas dificuldades, sempre estava dando forças p/ que houvesse paz e harmonia na família* (ANEXO,

p. 155). A história para ela é um convite à reflexão sobre a relação entre o dinheiro e a felicidade, ela criticou Eugênio por buscar o dinheiro em primeiro lugar.

A leitura de *Olhai os lírios do campo*, recuperou, na leitora, uma recordação do passado: *Quando o Eugênio era cça¹⁶, foi para escola sua calça descosturou, ele foi motivo de sarro. Quando eu era cça tinha os braços peludos, na escola as crianças me chamavam de taturana, eu não gostava, aquilo me deixava irritada.* (ANEXO, p. 155). De acordo com essa leitora, acontecimentos e situações de sua vida podiam ser compreendidos por meio da história vivida pelos personagens. Segundo ela, todos têm problemas familiares: financeiros, de relacionamentos e vícios; também fora da família: com amigos, no trabalho. Segundo ela, a união entre as pessoas faz com que esses problemas sejam superados.

Até esse ponto da análise, as três leitoras dessa comunidade encontraram “portas” que lhes deram acesso ao interior da obra. O aspecto semântico é a forma mais comum de identificação com a narrativa. Situações, acontecimentos e sentimentos narrados suscitaram, nas leitoras, suas vivências e experiências. O processo caracteriza-se como uma troca. Mediante a sugestão do texto, o leitor compõe o significado buscando subsídios em seu horizonte e ambos saem modificados, ao final da leitura, porque o texto adquire seu real significado, no contato com o leitor e este acrescenta, ao seu horizonte, novas experiências.

As leitoras destacaram situações tristes, difíceis e sérias da narrativa que lhes chamaram a atenção. A leitora mais velha apontou a relação entre o personagem Eugênio e seu pai. Segundo ela, existe uma consciência da obrigatoriedade do amor que os filhos devem aos pais, mas, no personagem, isso transformava-se em pena. A leitora mais nova também mencionou o personagem Ângelo e sua dificuldade em sustentar sua casa e os filhos. Ela ainda acrescentou a cena na qual o personagem Eugênio disse a Olívia que iria se casar com Eunice. A outra leitora

¹⁶ Entenda-se “criança”.

apontou o episódio no qual Eugênio atendeu a um menino com acesso de tosse. As características do personagem Eugênio, ressaltadas pelas leitoras, que o ajudaram a resolver as situações mencionadas, foram a consciência do dever, a atitude heróica e o ânimo forte. Quanto às questões de relacionamento, uma leitora opinou que, no lugar do personagem, tentaria tornar as coisas menos difíceis, procuraria ser mais alegre e comunicativo, principalmente com a família. Outra opinou, no caso do menino doente, que o personagem Eugênio agiu corretamente e, quanto à questão do pai, a terceira leitora encarou a atitude de Eugênio como falta de vontade de ser mais gentil.

Nenhuma das três leitoras encontrou dificuldades na leitura da narrativa quanto à linguagem. A época da narrativa também foi facilmente identificada como passado, mas uma delas ressalva que: *Tão compreensível que parece ser nos dias de hoje: acho que porque ainda acontece isto hoje* (ANEXO, p. 171). Esta última leitora, de cinquenta e cinco anos, complementa sua idéia anterior, ao relacionar fatos da atualidade que lembrem a história da narrativa:

(..) conheço pessoas que para subir na vida, humilham e desprezam famílias, e até um grande amor. Estou vivendo esta triste experiência na (Deus é +) família, sempre achei que conhecia a todos, filhos, genros e noras, mas, estava enganada. Às vezes a vida nos surpreende. (ANEXO, p. 171)

A narrativa despertou na leitora a reflexão sobre problemas pessoais.

A leitora mais jovem concordou com a anterior quanto aos fatos da atualidade que são lembrados na história: *Sim. A fama, vícios, posição social, soberba, traição, desprezo, dificuldades de convivência familiar* (ANEXO, p. 157). E a mais velha também seguiu a mesma linha de pensamento: *Claro que sim hoje ainda temos realidade parecida com essa, casos verdadeiros* (ANEXO, p. 164).

O título da obra, bem como a leitura de *Olhai os lírios do campo*, de acordo com essas leitoras, remetem diretamente à leitura das escrituras bíblicas, mais especificamente, ao sermão da montanha. Somente o personagem Olívia foi apontado como conhecedor da Bíblia, pela mensagem de suas cartas e pelo fato de mencionar esse livro, em sua estante.

Uma das leitoras apontou a mãe do personagem Eugênio como parecida com um personagem bíblico, mas não apontou qual, nem fez algum comentário. As outras duas não estabeleceram essa relação.

De acordo com a análise dos registros dessa comunidade, a experiência que essas leitoras tiveram com a obra foi significativa, considerando que o seu perfil, levantado no capítulo quatro, mostrou que predominam, entre esses leitores, as leituras de caráter religioso.

As leitoras trouxeram a história além dos limites da narrativa, para sua própria vida e para a realidade atual. Declararam ter sido uma leitura fácil, o que não acrescentou novidades ao seu horizonte com relação à linguagem, mas auxiliou na sua compreensão. Como argumenta Jauss (1994), a narrativa fez com que fossem retomados fatos passados da vida das leitoras e suscitou uma reflexão sobre eles, como também puderam ser acrescentadas experiências futuras, de acordo com as vivências e experiências que o texto proporciona.

5.1.3 A recepção da CA

Os três leitores dessa comunidade são os mesmos que participaram da primeira etapa, de acordo com o que foi especificado no capítulo dois. Dois jovens com vinte e um anos, um do sexo masculino, outro, feminino, e a jovem com vinte e dois, feminino.

Dois desses leitores já conheciam Érico Veríssimo. Sobre o que eles já ouviram falar do autor, a leitora de vinte e dois anos citou dois títulos: *Clarissa* e *Incidente em Antares*; o leitor de vinte e um explicou: *Estudei sobre ele no 2º grau, em Literatura. Mas não tinha nenhuma*

memória especial a respeito dele. Nunca me interessei muito por ele (ANEXO, p. 182). Nenhum dos três conheciam a obra proposta para leitura, mas todos a consideraram interessante e justificaram:

Retrata aspectos interessantes do caráter humano. Além disso, aproximadamente a partir da segunda metade da primeira parte a trama envolvente e desperta a curiosidade. O pessimismo e a baixa estima de Eugênio são deprimentes. (ANEXO, p. 182)
 Aborda situações reais de pessoas que vivem conflitos internos (psicológicos) como, principalmente, pelo personagem Eugênio. (ANEXO, p. 189)
 Porque Eugênio aprendeu bem a lição que transformou a maneira de ele encarar a vida. Pena que teve de sofrer tanto. E apesar de ser apenas uma Estória, traz muitas lições para os leitores. (ANEXO, p. 175)

Esses leitores entendem que a narrativa desperta interesse, porque aborda temas relacionados a conflitos humanos.

Ao copiarem um trecho da narrativa, que mais tivessem gostado, os leitores revelaram a maneira como a leitura da literatura ficou vinculada à leitura religiosa. Os três apontaram trechos da narrativa nos quais é mencionado o nome de Deus:

“... Anamaria parece trazer escrito no rosto o nome do pai. É uma marca de Deus, Genoca, compreende bem isto”. (...) (ANEXO, p. 182)
 “ (...) Deus podia existir, talvez Olívia tivesse razão. (...) – Porque até Deus precisa de oportunidades. (...) – Vocês ateus nos querem tirar Deus para nos dar em lugar dele... o quê? (ANEXO, p.190)
 Gostei de vários trechos, mas um dos mais belos foi: “ – Mas Jesus ainda anda pelo mundo. Será preciso que a gente só acredite no testemunho dos cinco sentidos? Jesus nunca deixou de estar no mundo. O pior cego é o que não quer ver.” (ANEXO, p. 176)

As justificativas, dadas pelos leitores, para tais escolhas, da mesma forma, estão diretamente relacionadas à religiosidade:

Eugênio começa a perceber que há meios diferentes de se encarar a vida e que alguns estados não são definitivos e imutáveis. A vida de alguém pode tomar novos rumos a cada dia. (ANEXO, p.183)

A resposta de Olívia foi perfeita. Se as pessoas não dão oportunidade para Deus atuar em sua vida, Ele não tem como revelar o Seu poder. Deus dá o livre arbítrio a todos. Aqueles que o aceitam, recebem suas bênçãos.

Chamou minha atenção porque isso é uma grande verdade, pó pois mais que a ciência tente ela não consegue explicar a existência, início e fim da vida, o “porquê” disso; o amor, as coisas que só um Deus seria criar capaz de criar e reger. (ANEXO, p. 190)

As escolhas dos trechos e as justificativas mostram um direcionamento coletivo da recepção, voltado para a religiosidade. Sobre esse aspecto, Vincent Jouve concebe que “toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época” (JOUVE, 2002, p.22).

Os três leitores demonstram a mesma postura no fato de escolherem o personagem Olívia parecido com eles. As justificativas para essa identificação também seguem na mesma direção:

Na certeza que ela tinha de que por mais ruim que estejam as coisas, ainda há esperança. Deus existe. Nós é que fazemos o lugar onde estamos, etc (ANEXO, p. 176)

Mesmo diante das dificuldades ela sempre confiava em Deus (ANEXO, p. 190)

Busca aprender sempre nas lições da vida, mesmo de situações decepcionantes (ANEXO, p.183)

Dois dos leitores identificaram a personagem D. Alzira, mãe de Eugênio, como parecida com suas próprias mães pela luta no enfrentamento dos problemas da vida. O outro leitor identificou, em Eugênio, características próximas as de um ex-vizinho seu, preocupado com o “status”.

As duas leitoras apontaram o personagem Olívia como preferido. A escolha foi atribuída a sua paciência diante das dificuldades e à confiança em Deus, que foi responsável pela mudança nas atitudes de Eugênio diante da vida, segundo elas. O leitor gostou mais do Dr. Seixas e apontou os motivos de sua preferência: *Pelo humor sarcástico; pela fachada de durão e espírito bom, que sempre o fazia pensar nos outros. Seu ceticismo também é venerável* (ANEXO, p. 184).

Em mais um ponto, as duas leitoras se aproximaram. O personagem do qual menos gostaram foi Eunice, numa resposta e Eunice e o pai, em outra. A justificativa para a escolha aponta para a relação desses personagens com outros, devido a sua condição social.

A riqueza tinha o foco principal na sua vida, isso os tornava pessoas desumanas, de relacionamento superficial. Gosto de relacionamento valoroso, por isso não simpatizo com eles. (ANEXO, p. 191)

Porque ela brincava e se divertia a custa de seres humanos. Não sabia fazer outra coisa. Ela e sua gente. (ANEXO, p. 177)

A questão que incomodou as leitoras refere-se aos relacionamentos humanos mantidos entre os personagens. De acordo com a leitura realizada no capítulo três, a narrativa pode conduzir o leitor a formar a idéia de que o dinheiro não traz a felicidade. Uma das leitoras identificou-se com o texto por meio dessa “porta”, segundo depoimento da primeira citação.

A história da narrativa, segundo uma das leitoras, é um compêndio de lições: *Que é uma estória fantástica, muito bem escrita, com uma linguagem fácil e que ensina qualquer lição que o leitor pode precisar para sua vida. Há inúmeras lições, mas cada uma para um tipo de pessoa* (ANEXO, p. 177). Esse aspecto pragmático da leitura, inclusive da literatura, possui caráter direcionador, de acordo com o que já havia sido percebido na análise dos registros do primeiro questionário. A outra leitora também entendeu a história em forma de direcionamento: *Trata-se de uma história que aborda o quanto as decisões influenciam na felicidade de alguém e em seu futuro* (ANEXO, p. 191). O leitor entendeu a história da narrativa com a mesma utilidade que as leitoras atribuíram à obra, para ele: *É uma parábola (se é que podemos chamar assim, devido a sua extensão) de como a mesma pessoa pode se portar diante da vida e como os interesses podem salvar ou destruir a vida de alguém* (ANEXO, p.184).

A compreensão que os leitores da CA tiveram da obra está relacionada diretamente às atitudes da vida real. Eles buscam na narrativa, como buscam na Bíblia, instruções e aconselhamentos para a vida. A literatura é lida seguindo os preceitos da leitura religiosa.

O leitor, diferentemente das leitoras, conseguiu perceber algo além da instrução no texto. Para ele, os personagens que merecem menos prestígio são Acélio Castanho e Alcebiades porque demonstraram uma falsa humildade e exibicionismo, mas observou: *se bem que a realidade pode estar distorcida pela mente doentemente humilde de Eugênio* (ANEXO, p. 184). Sua percepção, neste ponto, ultrapassou a leitura superficial da narrativa porque conseguiu entender que existe uma construção discursiva, que faz com que a história seja vista sob a ótica de um dos personagens.

A leitora, de vinte e dois anos e o leitor foram despertados, pela narrativa, para fatos vividos. Ambos ressaltaram situações nas quais se sentiram inferiores a outras pessoas como o personagem Eugênio. À outra leitora, de vinte e um anos, o mesmo não aconteceu. Embora não tenha sido despertada para fatos de sua vida, considerou a história vivida pelos personagens, uma fonte de ajuda e de compreensão das situações e acontecimentos da vida real. Ela argumentou que qualquer pessoa está sujeita a enfrentar situações como as narradas na obra, e acrescenta: (...) *E quando eu passar por uma dessas, pelo menos uma lembrança e exemplo eu já li, e terei mais escolhas a fazer* (ANEXO, p. 178).

A outra leitora alegou que: (...) *Existem pessoas que convivemos que passam por situações semelhantes* (ANEXO, p. 192). O leitor, da mesma forma que as leitoras, entendeu a história como uma antecipação de experiências, pois acredita que a narrativa: *Simula situações e reagimos pensando como nos portaríamos se estivéssemos nelas* (ANEXO, p. 185).

Algumas situações foram consideradas muito interessantes pelos leitores. Duas estão relacionadas ao romance de Eugênio e Olívia, outra, voltada para o relacionamento de Eugênio

com seu pai. O leitor lembrou os momentos de amor vividos pelo par romântico, uma leitora apontou para o momento em que Olívia deixou Eugênio partir para casar-se com Eunice. A leitora que mencionou o relacionamento familiar citou a cena do encontro do personagem Eugênio com seu pai, na rua, diante dos amigos da faculdade. Nesse episódio, a leitora destacou os sentimentos de rejeição e humilhação por parte do filho. De acordo com ela, o personagem (...) *Devia ter-se orgulhado do pai* (ANEXO, p. 178) e esse personagem, somente conseguiu vencer essa situação difícil, ao assumir sua verdadeira condição social.

Mediante as situações apresentadas que se referem à Olívia, os leitores afirmaram que esse personagem conseguiu vencer suas dificuldades devido a sua paciência, paz de espírito interior e a confiança em Deus.

Ao se posicionarem, no lugar dos personagens, os leitores opinaram quanto à situação vivida por eles. O leitor que lembrou os momentos de amor do casal afirmou que, talvez, tivesse se declarado, mas acrescentou que cada um age de uma forma ou surpreende-se não agindo como pensou. A leitora concordou com a atitude de Olívia de deixar Eugênio partir e justificou sua afirmativa citando um trecho da página 203 da narrativa, no qual Olívia diz ter sido necessária aquela separação, para que Eugênio percebesse que sua verdadeira felicidade não estava onde ele pensava encontrá-la. A leitora que mencionou o relacionamento de Eugênio e seu pai concordou com a atitude do personagem de assumir sua verdadeira condição, mas afirmou que nunca desprezaria seu pai.

A linguagem não representou nenhum obstáculo aos leitores, todos declararam que a leitura foi fácil quanto a esse aspecto. São leitores tão jovens quanto os da CAD, mas possuem um nível de escolaridade mais avançado e uma história de leituras realizadas, de acordo com os registros do capítulo quatro.

Com relação à atualização da obra, aspectos diferentes foram apontados: questões sociais, existenciais e de natureza religiosa.

(...) a discriminação racial é atual; o aborto é algo de prática relativamente comum; a mesquinha, egoísmo e sentimento de inferioridade figura nas emoções humanas. Enfim, há muitas coisas atuais. Na verdade, universais. (ANEXO, p. 186)
 (...) a miséria de hoje, pessoas que pisam nas outras para subirem. Pessoas que sofrem para aprender a valorizar a vida, os pequenos momentos (ANEXO, p. 179)
 (...) Muitas pessoas têm conflitos interiores por terem dúvidas quanto à existência de Deus e sobre o seu futuro. (ANEXO, p. 193)

De acordo com esses registros, a narrativa, para esses leitores, continua atual nos aspectos levantados acima. Os leitores jovens não se voltaram para aspectos relacionados, por exemplo, à idéia do casamento, de acordo com o que foi levantado no capítulo três, mas lhes chamou a atenção os relacionamentos humanos num âmbito geral. A questão da religiosidade surge, para um dos leitores, inclusive, como fator de equilíbrio emocional para as pessoas.

Os três leitores aproximaram a narrativa do texto bíblico. O leitor e a leitora, de vinte e dois anos, identificaram, no título, uma proximidade com a Bíblia. A outra leitora não fez a mesma relação. No entanto, durante a leitura, os três afirmaram ter se recordado de textos bíblicos: o sermão da montanha, a ressurreição de Lázaro e a Bíblia em si. Quanto à relação dos personagens com os ensinamentos bíblicos, Olívia foi apontada como conhecedora do assunto: *Olívia teve uma visão e um conhecimento mais profundos da Bíblia (...)* (ANEXO, p. 187), *Não todos, mas Olívia sim (...)* (ANEXO, p. 180).

Os leitores apontaram alguns personagens parecidos com os da Bíblia. Olívia foi aproximada de Jesus, de acordo com a leitora mais jovem, (...) *por sua maneira de ensinar os outros e ajudar* (ANEXO, p. 180). A outra leitora mencionou Jonas e Zaqueu da Bíblia, mas não apontou com qual, ou quais personagens, de *Olhai os lírios do campo*, eles se pareciam. O leitor, embora encontrasse semelhanças entre a obra e o texto bíblico, não estabeleceu nenhuma

aproximação entre seus personagens, mas não descartou a hipótese: *Não me ocorreu nenhum paralelo, apesar de crer ser muito provável traçar algum* (ANEXO, p. 187).

Em face da análise dos registros fornecidos pela Comunidade Adventista, percebeu-se uma forte presença da leitura religiosa, na recepção da literatura. O texto literário, embora levasse os leitores a uma reflexão, teve seu eixo temático direcionado para exemplos e conselhos para a vida. Os leitores jovens realizaram uma leitura pragmática da obra aliando os preceitos religiosos a possíveis conselhos para sua vida prática. Conseguiram identificar o caráter de antecipação que a literatura possui, mas os temas possíveis de reflexão, que a obra apresenta, ficaram restritos, para esses leitores, aos relacionados à religiosidade. Os parâmetros que esses leitores usam, para comparação com a obra literária, são as leituras religiosas que realizaram, o que justifica o direcionamento dado à compreensão da obra.

5.2 Espelhos

De uma forma geral, a obra *Olhai os lírios do campo* foi recepcionada como um espelho. Nas três comunidades, a significação foi processada levando em conta, principalmente, a relação de identificação dos leitores com os personagens e situações apresentadas na narrativa.

Na CAD, embora um dos leitores tenha sido despertado, pela obra, para alguns acontecimentos de sua própria vida, eles não acreditam que a história possa ajudá-los a compreender situações reais. De acordo com os registros, a leitura realizada por essa comunidade ficou, essencialmente, no nível de identificação com alguns personagens e situações. Foram as “portas” que eles utilizaram para interagir com a obra.

Esses leitores levantaram, a partir da narrativa, questões direcionadas à temática do jogo de interesses sociais e dos relacionamentos familiares. A linguagem foi apresentada, por dois desses leitores, como um fator que representou um empecilho para a compreensão da leitura.

Segundo Hauser (1977), a distância histórica e a ausência de mediadores de leitura podem representar fatores importantes para a compreensão de uma obra.

Na CC, composta de leitores de uma faixa etária maior que os componentes das outras comunidades e somente do sexo feminino, houve uma identificação apaixonada com personagens e situações. Elas aceitaram o jogo proposto pelo narrador e entenderam a história como uma reflexão sobre a relação entre o dinheiro e a felicidade. A grande identificação com o personagem Olívia mostrou que essas leitoras não o julgaram segundo os preceitos religiosos cristãos, pois, de acordo com eles, o personagem não agiu errado ao entregar-se a uma relação íntima antes do casamento. Ao contrário, esse personagem foi eleito o preferido entre essas leitoras.

Elas atualizaram a história da narrativa por meio dos estímulos oferecidos às reflexões sobre problemas pessoais, familiares, como também de caráter social. Uma delas, inclusive, pôde, ainda que discretamente, participar da fruição estética da obra, mas isso se deve ao fato de essa leitora já ser uma apreciadora da literatura. Nesse caso específico, à literatura foi atribuído um poder de transformação radical, uma vez que essa mesma leitora apontou as leituras de literatura como um meio para sua ascensão cultural.

Embora a leitura dessa comunidade apresente marcas de religiosidade, o que a caracteriza é a entrega ao jogo proposto pela narrativa e a relação deste com sua própria vida. Mostraram intensidade emocional na recepção da obra e prazer em dialogar sobre ela no questionário.

A recepção da obra literária, pela CA, revelou um caráter diplomático no contato com a literatura. Diferentemente da comunidade anterior, a leitura da obra revelou claramente a marca da religiosidade na compreensão de *Olhai os lírios do campo*. Para esses leitores jovens, interessam as lições que, segundo eles, a obra apresenta. Lições sobre conflitos humanos internos e em sociedade, os primeiros provenientes da ausência de religiosidade, de acordo com a análise dos registros.

Os fatos narrados foram compreendidos como antecipação de experiências. De acordo com a leitura realizada, mostraram-se leitores mais maduros ao perceberem que a narrativa apresenta uma construção discursiva na voz do personagem Eugênio.

O nível de escolaridade desses leitores e um maior contato com as diversas leituras, de caráter religioso e de literaturas obrigatórias na escola, deram a eles uma desenvoltura maior para dialogar sobre a obra. No entanto, a maior parte de sua leitura foi direcionada segundo os preceitos religiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: SAÍDA DO CAMPO

O presente estudo teve origem em questionamentos simples, porém intrigantes. O leitor assíduo de um livro como a Bíblia pode ser levado a outras leituras por meio desse livro? Essa prática forma um leitor de literatura? Essas considerações não esgotam as possibilidades de estudo sobre esse tema, mas apontam para algumas reflexões.

Pesquisas sobre a mediação da leitura e a formação de leitores, atualmente, são uma questão importante para os estudos literários. A Sociologia da Leitura é um caminho pelo qual os pesquisadores estão buscando algumas respostas sobre esse tema.

Os leitores pertencentes às comunidades religiosas pesquisadas, dentro do *corpus* apresentado, mostraram que a leitura da Bíblia os leva a outros tipos de leitura. De forma geral, essas leituras são de natureza informativa e religiosa, para complementar alguma informação sobre temas bíblicos. A leitura de literatura, quando mencionada, não foi resultado da prática da leitura bíblica.

Algumas instituições foram reveladas, nessa pesquisa, como mediadoras de leituras de literatura. A mediação exercida em prol dessa modalidade ainda é feita por meio, principalmente, da escola. Por priorizar os clássicos, de acordo com a maneira diacrônica como ainda se trabalha com a literatura, Érico Veríssimo já era conhecido por alguns leitores pertencentes ao *corpus*. A família aparece como mediadora por meio das histórias contadas. A biblioteca mostrou-se uma instituição de grande importância na mediação da literatura, pela disponibilidade dos livros para o leitor.

A intervenção da escola, na leitura de literatura, aparece com mais intensidade na análise dos registros da Comunidade Adventista. Por meio das leituras escolares obrigatórias, esses leitores apresentaram mais facilidade para dialogar sobre a obra proposta para leitura. Embora

apresentassem um conhecimento estético um pouco mais apurado que os leitores das outras comunidades, os leitores da CA não escaparam do crivo religioso. As várias possibilidades de leitura que a obra apresenta são reduzidas a lições de vida. E, as referências feitas a mensagens religiosas, pela narrativa, são olhadas com maior enfoque por esses leitores. Ao voltarem sua atenção para esse aspecto, outros são desprezados. Chartier e Hébrard (1995) relatam vários discursos sobre a leitura de 1880 a 1980. Embora os autores falem sobre o discurso religioso da Igreja Católica, as idéias apresentadas ficaram mais próximas da Comunidade Adventista quanto à “arte de ler no seu relacionamento com a Sagrada Escritura” (p. 102).

Os leitores da Comunidade Católica leram a obra como uma forma de retrospectiva de suas vidas ao identificarem-se com fatos narrados. Porém, quanto à mediação para a leitura da literatura, um caso se destacou dos demais nessa comunidade. A leitora dessa comunidade que apresentou o maior repertório de leituras mencionou a biblioteca como a responsável pelo acesso à literatura. No município onde essa leitora reside - Ivatuba - não há biblioteca pública, somente a biblioteca escolar e foi por meio desta, que a leitora teve acesso a todas as suas leituras de literatura. Essa leitora se destacou, na leitura de *Olhai os lírios do campo*, pela percepção do trabalho estético realizado com a linguagem.

A presença da biblioteca na formação do leitor ficou marcada no depoimento acima mencionado. A ausência dessa instituição, atualmente, no município, priva outras pessoas do contato com a leitura, principalmente, de literatura. Outras histórias, como a dessa leitora, poderiam se repetir. Petit (1999/2001) ressalta a importância dessa instituição como local de encontro com pessoas, com livros e a contribuição para a emancipação daqueles que transpõem suas portas, não somente porque dão acesso ao saber, mas também porque permite a apropriação de bens culturais que apontam para a construção de si mesmo e proporcionam uma abertura até o outro.

De forma geral, o pouco contato com a leitura de literatura e a ausência de mediadores ocasionaram, aos representantes da Comunidade Assembléia de Deus, dificuldades para interagir com a obra. A leitura realizada pelos componentes dessa comunidade não ultrapassou o nível do conhecimento da fábula da narrativa, com dificuldades de compreensão. Um leitor interagiu com a narrativa ao identificar-se com as situações apresentadas, porém considera a literatura como algo que não pode ajudá-lo a compreender a realidade. Nesse caso, ocorreu o que Hauser (1977) mencionou sobre as obras que necessitam de um mediador por diversos fatores. Para esses leitores, a distância no tempo e a pouca experiência como a literatura dificultaram a compreensão da obra.

As comunidades revelaram, no *corpus* selecionado, leitores fiéis da Bíblia. A leitura desse livro remete a outras leituras, de caráter igualmente religioso e informativo. Não leva à leitura de literatura. Embora a Bíblia seja composta por muitas narrativas, seus leitores não as lêem como tal, mas como lições para a vida. Essa forma de ler a narrativa bíblica influenciou a leitura da narrativa literária, principalmente na Comunidade Adventista.

Os resultados dessa análise mostram que a formação de leitores é resultado de um trabalho que inicia na família, em casa, passa pela escola e também é mediado pelo acesso à biblioteca. Um investimento adequado nessas instâncias mediadoras pode resultar em um aumento na quantidade de leitores, como também no nível de aproveitamento das leituras realizadas.

Somente a leitura exclusiva de um determinado livro, ainda que composto por narrativas, como a Bíblia, não conduz à formação de um leitor de literatura.

As reflexões levantadas não finalizam o assunto sobre a formação de leitores, muitas outras ainda estão por ser feitas. No entanto, a concentração sobre as questões que motivaram a pesquisa revelou pontos que confirmam teorias sobre o assunto e, da mesma forma, convidam à

realização de novas reflexões sobre a leitura de outras comunidades. Assim, essa saída do campo caracteriza-se, antes, por um convite, do que pela apresentação de conclusões.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera.Teixeira. BORDINI, Maria da.Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2ª ed. Porto Alegre: Clube do Editores, 1993.
- BÍBLIA. Tradução para o Português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. De José O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. *Ciência e cultura* 24 (9). Setembro de 1972.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e historia literária. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- CANDIDO, Antonio. O direto à literatura, in: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1989.
- CAVALCANTI, Marilda. *Metodologia da pesquisa em lingüística aplicada*. Anais do I Inpla. PUC/SP, 1990: 41 – 48.
- CHARTIER, Anne-Marie. HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura – 1880 – 1980*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo/ SEC/ RS, 1976.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria – Literatura e senso comum*. Trad. De Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- CURTY. Marlene Gonçalves *et al*. *Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses* (NBR 14724 / 2002). Maringá: Dental press Editora, 2003.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 4ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das letras, 2002, p.15.
- ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTROCK, M.C. *La investigación de la enseñanza, II: metodos cualitativos e de observación*. Barcelona: Ediciones Paidos, 1996, p. 289 / 290.

FERANET 21. www.feranet21.com.br acesso em 11 de fevereiro de 2005.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. (Trad. Bruno Charles Magne). Porto Alegre: ARTMED, 1994.

HAUSER, A. A sociología del público. In: *Sociología del arte*. Barcelona: Editora Labor, p549-599, 1977.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* – v. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* – v. 2. São Paulo: Ed. 34, 1999a.

ISER, Wolfgang. *A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção*. Tradução de Maria Angela Aguiar, Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PURS – Série Traduções. Porto Alegre, volume 3, número 2, março de 1999b.

JACOB ,R.C. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994,

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997, p. 106.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MORAES, José. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.

PETIT, Mechèle. *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*. Tradução para o espanhol: Rafael Sergovia e Diana Luz Sánchez. México: México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PETIT, Mechèle. *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. Tradução para o Espanhol: Diana Luz Sánchez México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

ROCHA. João César de Castro (Org.). *Teoria da ficção – Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Trad. Bluma Waddington Vilar, João César de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999.

SAMRIG. *A Terra de Erico* – Relatório da Diretoria. Porto Alegre: SAMRIG, 1984.

SARLAND, Charles. *Young People Reading: Culture and Response*. Publicado pela Open University Press, Buckingham, 1991.O exemplar lido: *La lectura en los jóvenes: cultura y respuesta*. Tradução para o espanhol: Diana Luz Sánchez. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Globo, 2003.

ZILBERMAN, Regina, LAJOLO, Marisa. *O preço da leitura*. São Paulo: Ática, 2001.

ZILBERMAN, Regina (Org.) *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.